

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

MESTRADO EM PSICOLOGIA

**A FENOMENOLOGIA DAS VIVÊNCIAS ARQUETÍPICAS ESTIMULADAS  
PELAS PRANCHAS DE RORSCHACH**

Marisete Malaguth Mendonça

GOIÂNIA-GO

2008

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**A FENOMENOLOGIA DAS VIVÊNCIAS ARQUETÍPICAS ESTIMULADAS  
PELAS PRANCHAS DE RORSCHACH**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação  
*Stricto Sensu* em Psicologia, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Mestranda: Marisete Malaguth Mendonça

Orientador: Prof. Dr. Saturnino Pesqueiro Ramon

GOIÂNIA-GO

2008

**A FENOMENOLOGIA DAS VIVÊNCIAS ARQUETÍPICAS ESTIMULADAS  
PELAS PRANCHAS DE RORSCHACH**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr. Saturnino Pesqueiro Ramon – Presidente

---

Dr. Jorge Ponciano Ribeiro – Membro

---

Dr. Rodolfo Petrelli – Membro

---

Dr. Fábio Jesus Miranda – Suplente

*“Toda dor da vida me ensinou esta modinha  
que, de tolo, até pensei que fosse minha”*

*(“Até Pensei”, música e verso de Chico Buarque de Holanda)*

## AGRADECIMENTOS

A meu Orientador, Dr. Saturnino Pesquero Ramon, pela compreensão profunda e respeito incondicional pelo meu jeito peculiar de produzir e criar conhecimento, oferecendo um espaço de liberdade essencial, o único em que eu conseguiria dizer alguma coisa que faça diferença. Com outra pessoa, a minha produção não teria a mesma originalidade.

Ao Dr. Rodolfo Petrelli que, com sua espantosa generosidade, continua a distribuir perdulariamente as descobertas de sua mente brilhante, constringendo inúmeros autores dessa Universidade, incluindo a minha pessoa, a referir-se às suas idéias sem necessitar ou sem poder citar a sua autoria!

Ao Dr. Jorge Ponciano Ribeiro pela sua surpreendente, espontânea e gratuita dedicação ao meu trabalho, me mostrando na sua atitude desprendida, insistente e desinteressada, um enorme potencial afetivo, paradoxalmente mal e muito bem disfarçado em exigência de rigor acadêmico.

Ao psicanalista Dr. Fábio de Jesus Miranda, pelas sugestões e questionamentos inteligentes e provocativos, feitos com tamanha ternura, que sua imagem permanece registrada no meu espírito como a evidência viva da integração harmoniosa entre saber competente e calorosa afetividade.

A MLTP, minha Examinanda que, com sua profunda abertura aos processos internos e sua comovente confiança em doá-los à minha consciência, exercitou, sem o saber, a

atitude de confirmação do meu ser profissional e me permitiu vislumbrar a essência da experiência humana e da realidade fenomênica que, antes dela, eu jamais suspeitara.

A Chico Buarque de Holanda por ter criado e cedido a linguagem poética que me trouxe alívio a um pré-reflexivo aflitamento vivido como exigência de expressão fiel.

A Carol e Bruno que embargam e calam a minha voz agora, no terrível temor arquetípico de violar, com a palavra dita, uma experiência sagrada!

## RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi verificar se o simbolismo atribuído a cada prancha do Rorschach pela teoria dos arquétipos, se traduz, de forma direta ou via uma hermenêutica fenomenológica, na *vivência* dos examinandos que respondem aos estímulos. Com a hermenêutica se buscou o *sentido da vivência* e a possível articulação com a hipótese arquetípica do Rorschach. As pesquisas feitas pelo americano Robert McCully e os trabalhos acadêmicos do professor Rodolfo Petrelli foram as referências, usadas neste trabalho, da tese junguiana dos arquétipos aplicada ao Teste. Outro recurso interpretativo, além dos arquétipos, utilizado pela pesquisadora foi a noção de *Pregnância*, da *Gestaltteoria* de Max Wertheimer. Este fator, identificado nos experimentos da Escola de Berlim, orientou a leitura para a visada da conjuntura de condições atuais, muito coerente com a prescrição do *aqui e agora* da Gestalt-terapia, buscando nos elementos do campo presente o entendimento da estrutura vivencial subjacente ao comportamento e também às respostas aos estímulos do Rorschach. O princípio da *Pregnância* mostrou claramente, a direção das configurações apontando para o futuro ou, em outros termos, para a resolução da gestalt. Os psicólogos da Gestalt se referem à *Pregnância* como a *relação geradora básica*, que liga de modo *necessário* as partes à organização total. No caso apresentado nesta monografia, a relação geradora que liga cada Prancha à totalidade do protocolo, pode ser identificada no tema: *a afirmação do feminino num contexto de paradigma patriarcal*. Identificou-se um itinerário que, iniciando na Prancha I, se *fecha* na última Prancha: o feminino vilipendiado que triunfa, a apologia do gênero, o resgate da sua dignidade social e ontológica. Em vista da sucessiva emergência de significados do caso, foi ocorrendo outra dedução no espírito da Examinadora: *a de um processo sendo construído durante a submissão à Prova*. Em temas diagnósticos, isso que dizer que pode-se conceber que as respostas representam não apenas a presentificação simbólica de situações vividas ou traumáticas, mas o impulso organizador do advir, construindo a solução.

**Palavras-chave:** Rorschach, arquétipos, *pregnância*, sentido das vivências.

## ABSTRACT

The aim of this research was to verify if the attributed symbolism to each of Rorschach's inkblot by the archetype theory is translated directly or through a phenomenological hermeneutic, in the *experience* of the examined who respond to the stimulus. With the hermeneutic, *the sense of experience* and the possible articulation of the Rorschach archetype hypothesis were fetched. The researches done by the American Robert McCully and the academic papers done by Professor Rodolfo Petrelli were the references used in this paper of Jungian thesis of archetypes applied to the Test. Another interpretative resource, besides the archetypes, used by the researcher was the notion of *Prägnanz*, from Max Wertheimer's Gestaltheorie. This, identified in the experiments of Berlin School, oriented the reading to the viewing of present conditions conjuncture, very coherently with the prescription of the here and now of Gestaltherapy, searching in the elements of the present field the understanding of the experiential structure underlying the behavior and also the answers to the Rorschach stimulus. The principle of *Prägnanz* showed clearly the direction of configurations pointing to the future or, in other terms, to the gestalt resolution. Gestalt Psychologists refer to *Prägnanz* as a *basic generating relation* that connects in a *necessary* way the parts to the total organization. In the case presented in the paper, the generating relation which connects each Inkblot to the protocol totality can be identified in the theme: *the affirmation of the feminine in a context of patriarchal paradigm*. An itinerary that, starting in Inkblot I, closes in the last Inkblot was identified: the despised feminine that triumphs, the apology of the gender, the rescue of its ontological and social dignity. Because of the successive emergency of the case, another deduction occurred in the Examiner's spirit: *one of a process being constructed during the Test submission*. In practical terms, that means it's conceivable that the answers represent not only the symbolic presentification of experienced or traumatic situations, but the result organizing impulse, building up the solution.

**Key words:** Rorschach, archetypes, prägnanz, sense of experiences.

**A FENOMENOLOGIA DAS VIVÊNCIAS ARQUETÍPICAS ESTIMULADAS  
PELAS PRANCHAS DE RORSCHACH**

**SUMÁRIO**

|   |      |
|---|------|
| <b>Epígrafe</b> .....   | iv   |
| <b>Agradecimentos</b> .....   | v    |
| <b>Resumo</b> .....   | vii  |
| <b>Abstract</b> .....   | viii |
| <br>  |      |
| <b>Apresentação</b> .....   | 1    |
| <br>  |      |
| <b>Parte 1 – O Método de Rorschach e Seus Antecedentes – resgate histórico</b>                | 4    |
| 1.1 A importância desse título .....  | 4    |
| 1.2 Antecedentes históricos .....   | 7    |
| 1.3 Dados biográficos .....   | 11   |
| <br>  |      |
| <b>Parte 2 – Uma Teoria Subjacente da Personalidade Baseada na Percepção ..</b>               | 17   |
| <br>  |      |
| <b>Parte 3 – Gestalteoria: a Lei da <i>Prägnanz</i>, <i>Pregnância</i> ou Boa Forma .....</b> | 25   |
| 3.1 Justificativa .....   | 25   |
| 3.2 Desenvolvimento .....   | 26   |
| <br>  |      |
| <b>Parte 4 – O simbolismo no Rorschach .....</b>  | 35   |
| 4.1 Introdução .....  | 35   |

|   |    |
|---|----|
| 4.2 Definição dos arquétipos e método usado por McCully para<br>identificá-los no Teste Rorschach .....   | 38 |
| 4.3 Influências arquetípicas nas pranchas de Rorschach .....  | 41 |
| 4.3.1 PRANCHA I - O arquétipo da mulher atuante .....   | 42 |
| 4.3.2 PRANCHA II - A origem arquetípica da identidade masculina e da<br>diferenciação do poder dos instintos animais: o perigo e o risco à<br>sobrevivência .....   | 44 |
| 4.3.3 PRANCHA III - O impacto das experiências com os outros, antes<br>da maturidade: a identificação humana sob o arquétipo da interação .....   | 46 |
| 4.3.4 PRANCHA IV - A autoridade e o poder masculinos .....  | 49 |
| 4.3.5 PRANCHA V - Confronto com imagem simultânea de dois<br>mundos: o Ego (consciente) e as fontes arquetípicas (inconsciente)...  | 51 |
| 4.3.6 PRANCHA VI - Sob o poder do culto fálico .....  | 53 |
| 4.3.7 PRANCHA VII - O arquétipo da mulher continente sob a<br>diferenciação do poder matriarcal .....   | 56 |
| 4.3.8 PRANCHA VIII - Primeiro estágio da individuação - a matriarca<br>substituída por Eros: o arquétipo da iniciação para a<br>convivência; estímulo das aspirações acerca da vida e das metas.....  | 61 |
| 4.3.9 PRANCHA IX - Segundo estágio da individuação - energia<br>arquetípica associada às metas e significados vitais espirituais. O<br>arquétipo da vida e da morte .....   | 65 |
| 4.3.10 PRANCHA X - Terceiro estágio da individuação; Funcionamento<br>integrado do sujeito ante miríades de solicitações; Qualidades<br>arquetípicas associadas à fonte da energia vital impessoal: “mãe<br>natureza” ou Sansara (roda viva) dos hindus ..... | 69 |
| 4.4 Avaliação temática arquetípica de Petrelli .....  | 71 |

|  |           |
|--|-----------|
| 4.4.1 PRANCHA I - A ansiedade do desconhecido sob a experiência arcana de desamparo: o arquétipo da mulher implorante .....  | 71        |
| 4.4.2 PRANCHA II - As experiências traumáticas do passado próprio ou arquetípico .....   | 73        |
| 4.4.3 PRANCHA III - A estrutura da dualidade e a estrutura que torna possível a atividade .....  | 74        |
| 4.4.4 PRANCHA IV - A autoridade paterno-viril .....  | 75        |
| 4.4.5 PRANCHA V - A estrutura da unidade interna corpo/mente num único princípio de auto-referência .....  | 76        |
| 4.4.6 PRANCHA VI - A sexualidade em suas diversas linguagens .....   | 77        |
| 4.4.7 PRANCHA VII - O arquétipo materno originante da estrutura dual   | 78        |
| 4.4.8 PRANCHA VIII - Capacidade de apreensão dos símbolos da cultura e enfrentamento das tarefas da vida em comum ( <i>koinonia</i> )....                                      | 79        |
| 4.4.9 PRANCHA IX - O <i>imprinting</i> da euforia ou disforia primária na relação mãe-filho .....  | 81        |
| 4.4.10 PRANCHA X - A integridade do <i>Self</i> ante a multiplicidade de solicitações: a diferenciação da unidade em partes com sentido e o retorno à unidade originária ..... | 82        |
| <b>Parte 5 – Metodologia e Hermenêutica do Caso Clínico .....</b>  | <b>84</b> |
| 5.1 Prancha I .....  | 86        |
| 5.2 Prancha II .....   | 90        |
| 5.3 Prancha III .....  | 95        |
| 5.4 Prancha IV .....   | 100       |
| 5.5 Prancha V .....  | 107       |
| 5.6 Prancha VI .....   | 115       |

|   |            |
|---|------------|
| 5.7 Prancha VII .....                       | 120        |
| 5.8 Prancha VIII .....                      | 126        |
| 5.9 Prancha IX .....                        | 132        |
| 5.10 Prancha X .....                        | 136        |
| <br>  |            |
| <b>Parte 6 – Conclusão</b> .....            | <b>142</b> |
| <br>  |            |
| <b>Parte 7 – Considerações Finais</b> ..... | <b>167</b> |
| <br>  |            |
| <b>Referências Bibliográficas</b> .....     | <b>171</b> |

## APRESENTAÇÃO

*“A tendência atual é desprezar qualquer coisa que demande tempo e reflexão”*

*McCully (In Rorschach: teoria e simbolismo, p.21)*

O percurso, neste trabalho, foi se tornando mais claro à medida que foi sendo descrito o aparecimento do processo de vivência sob o estímulo do Rorschach. Então foi-se fazendo necessário um maior aprofundamento teórico. Partiu-se da *aplicação convencional* do Teste para a investigação da emergência *vivencial imediata* durante a exposição aos estímulos e, a seguir, para a captura da relação dessa vivência com a *história de vida e também com a auto-percepção da pessoa a respeito de si mesma*. Nessa altura do percurso, houve a necessidade de proposição de uma hipótese de trabalho - aquela do *poder arquetípico das pranchas*, ou seja, da sua capacidade de se constituir em estímulos da energia oriunda de experiências comuns a todos os seres humanos, energia considerada pela tese dos arquétipos como subjacente à formação de determinados símbolos ou imagens. Esta hipótese foi testada pelo método da descrição fenomenológica da vivência seguido da interpretação hermenêutica do discurso da Examinanda. Outro recurso interpretativo foi utilizado pela pesquisadora: a noção de *Pregnância*, da *Gestalteoria* de Max Wertheimer – que enuncia a tendência que têm os fenômenos físicos e psíquicos de tomar a melhor, a mais simples e a mais econômica forma possível, dentro das condições do campo. Esta noção permite uma leitura interpretativa do significado particular, pessoal das percepções do sujeito, complementando assim, a tese dos arquétipos ou sentidos universais. A *Pregnância* explica porque diante de estímulos ativadores de experiências comuns a todos os humanos, isto é, da experiência universal, o sujeito organiza, a seu modo, o complexo de estímulos perceptuais. Este fator identificado

nos experimentos da Escola de Berlim permite uma leitura contemporaneizadora, a visada da conjuntura de condições atuais, muito coerente com a prescrição do *aqui e agora* da Gestalt-terapia, buscando nos elementos do campo presente os determinantes da estrutura vivencial que está subjacente ao comportamento e também às respostas aos estímulos do Rorschach. Em termos filosóficos, a singularidade da configuração total do protocolo revela a tese fenomenológica da intencionalidade, a doação de sentido pelo sujeito num contexto espaço-temporal singular, que de forma alguma exclui, *a priori*, o substrato geral ou universal – arquetípos, mas simplesmente demonstra que universal e particular não são contrários, mas opostos dialéticos, nos quais, o particular é a única via de manifestação do universal (a *redução transcendental*, de Husserl), enquanto o universal é a possibilidade de construção do particular. O nível pessoal evidencia a face singular do universal, contemplando e exigindo o aparecimento deste universal de forma única e irrepetível em cada experiência humana. O solo comum permite aos homens a compreensão por *inclusão*, que é a compreensão exigida do pesquisador fenomenológico quando toma o humano por seu objeto de estudo. A singularidade nos é mostrada de forma mais eloqüente quando, por comparação, se constata a *diferença* entre duas configurações ou duas estruturas vivenciais constituídas basicamente dos mesmos elementos físicos e ambientais, como, por exemplo, no caso de Rorschach dos gêmeos idênticos.

Os referenciais teóricos utilizados na leitura das respostas - tanto os arquetípicos como a noção de *Pregnância* ou Boa Forma - foram sendo construídos num modo de influência em espiral, sendo eles mesmos postos em cheque por aquilo que se mostrava à consciência da pesquisadora, isto é, o dado empírico vivencial – o fenomênico- e seu trajeto dinâmico no decorrer temporal da exposição ao estímulo

ambíguo das manchas. A descrição feita pela Examinanda da sua vivência ante os estímulos como as referências à sua história e a sua própria interpretação de ambas foi colhida via abordagem dialógica, na qual os principais instrumentos de comunicação foram a reciprocidade interpretativa, a confirmação e a inclusão por parte da pesquisadora. Nesse modelo dialógico de lidar com os dados vividos, uma demanda interpretativa “foi-se impondo”, ante o desvelar fenomênico que ia se perfazendo no processo temporal de descrição, delineando relações de sentido bastante satisfatórias da estrutura experiencial da participante, que emergiam com força de *sentido inerente* ao fenômeno vivencial.

## PARTE 1

### O Método de Rorschach e Seus Antecedentes – resgate histórico

#### 1.1 A Importância desse título

No artigo intitulado *A origem do método de Rorschach e seus fundamentos*, Freitas (2005) afirma que a prodigiosa difusão da prova de Hermann Rorschach (HR) e das discussões que se seguiram após sua criação acerca dos aspectos psicológicos e diagnósticos do método têm inegavelmente contribuído para seu aperfeiçoamento, tanto da técnica de aplicação como em termos da análise dos resultados. Mas também reconhece que tal repercussão tem contribuído mais ainda para ocultar a própria *gênese* do método e as relações deste com a personalidade do seu autor.

Foi o historiador Henri F. Ellenberger (1954/1967) o principal biógrafo de Rorschach, que se dedicou-se à investigação da vida, da personalidade e das idéias do seu biografado, convencido de que uma consideração profunda acerca da *significação original do Psicodiagnóstico* poderia promover o *descobrimento de novas possibilidades do teste*, aplicáveis a diversos setores da Psicologia. Recentemente, Freitas (2005), baseada em Ellenberger e na obra organizada por Bash (1954-1967), tentou desenvolver um maior estreitamento das conexões entre o inventor e sua invenção (op. cit., p.102 et seq.).

Não se procurará neste título, contudo, uma articulação da obra com a personalidade do autor, mas a acentuação será sobre os antecedentes históricos e a *significação original do Teste*, na esperança de que tal significação possa fornecer um maior fundamento para a pesquisa de que trata o presente trabalho. Esta pesquisa está focada na descrição fenomenológica da vivência sob o estímulo das pranchas.

Verificar, oitenta e oito anos após sua publicação, as vivências que os estímulos ambíguos provocam, e o que elas têm a ver com o modo de existência presente do testado, parece relevante para a tarefa diagnóstica contemporânea, de caráter compreensivo, inspirada na fenomenologia. É surpreendente descobrir que Ellenberger teria justamente afirmado que o pensamento prospectivo a respeito do Método de Rorschach levaria à sua adesão à Fenomenologia, observação que denota uma predestinação epistemológica quase inevitável dada a natureza perceptiva da prova. Silva Junior e Ferraz (2001) compartilham da mesma opinião, como pode-se ver na formulação seguinte: “As origens da hipótese projetiva em psicodiagnóstico são múltiplas. Dentro do quadro das teorias da percepção, a *Gestalttheorie* e a Fenomenologia forneceram as bases empírica e teórica capazes de deslocar o essencial do processo perceptivo normal para a *atividade* do sujeito, em oposição a uma teoria da percepção onde o sujeito é pensado enquanto tela que recebe *passivamente* os dados”.

O objetivo da presente pesquisa é verificar se a simbologia atribuída às pranchas pela teoria dos arquétipos de Jung se manifesta na interpretação do sujeito e se esta simbologia faz relação de sentido com suas vivências imediatas e históricas.

Para isso, deter-se-á rigorosamente na evidenciação da experiência vivida pelo examinando diante do estímulo ambíguo com o qual é confrontado, fazendo-se a *epoché* do significado simbólico e da padronização das respostas já estabelecidos, visando colher a significação inerente ao fenômeno do sujeito da percepção. A seguir, tentar-se-á uma interpretação hermenêutica do sentido e sua correlação com as experiências de vida do sujeito percebedor, assim como ele as experiência. Com este tratamento, respeitar-se-á a Fenomenologia como uma postura ou atitude – um modo de compreender o mundo e não uma teoria – um modo de explicar.

Três questões fundamentais norteiam essa pesquisa:

1. O que *vivencia* um testando diante do estímulo ambíguo do Método? (não se trata simplesmente do percepto frente aos estímulos)

2. As imagens percebidas e a descrição do vivido ante elas, feita pelo testando, remete a significações que têm articulação com padrões universais de experiências frente a regiões diferenciadas e específicas da existência humana, descritos na literatura (valor simbólico ou arquetípico dos estímulos)?

3. Estão estes arquétipos se revelando de forma personalizada na elaboração das respostas feita pelo Examinando?

Espera-se que, a resposta a tais questões, possa remeter a novas possibilidades do Teste, como pressagiu Ellenberger (1954/1967), ampliando, talvez, as possibilidades de caráter terapêutico. Tal conjectura é, por si, estimulante e coincide basicamente com a pungente observação do biógrafo de Rorschach quando, referindo-se à sua morte prematura, assim se pronuncia:

Não cabe dúvidas de que, uma vez superadas as dificuldades iniciais, seu renome científico teria aumentado à medida que seu trabalho progredisse. Como primeiro em seu gênero, seu livro sobre seitas suíças poderia ter feito época no setor da psicologia das religiões. Alguns anos mais tarde apareceria a segunda edição do psicodiagnóstico, enriquecida pela contribuição da psicologia da configuração, da fenomenologia e dos novos testes. A evolução de Rorschach, no fundo, achava-se por completo enraizada na fenomenologia. Hermann Rorschach conhecia pessoalmente a Eugène Minkowski e a Ludwig Binswanger, cujas primeiras contribuições à fenomenologia psiquiátrica apareceram alguns anos depois da sua prematura morte. Com seu assombroso

polifacetismo e sua capacidade de síntese, talvez nos tivesse proporcionado uma nova Antropologia e uma psiquiatria nova, uma síntese de Psicologia Experimental, Psicanálise e Fenomenologia (p.70, *apud* Freitas, 2005).

É justamente a conexão do teste de Rorschach com a Fenomenologia o que se está realizando, por meio da utilização do seu material num modo de fazer fenomenológico. Assim, a tarefa da pesquisadora consistirá em analisar as vivências intencionais da consciência para perceber o sentido ou significação inerente a estas vivências.

O acesso aos textos biográficos é o que permitirá o desenvolvimento de um breve resgate histórico e na leitura do seu *Psicodiagnóстик* buscar-se-á os fundamentos do método, na esperança de encontrar a genuína intuição de Rorschach num diálogo exclusivo com ele através da sua obra.

Mais tarde, após essa incursão prévia na obra original, é que será feita uma exposição sobre o *Principio da Pregnância* da Gestalteoria e, a seguir, sobre o *simbolismo das pranchas*, tentando, por fim, verificar se a vivência do participante revela alguma conexão com o significado arquetípico estabelecido nos estudos subseqüentes à publicação do manuscrito.

## **1.2 Antecedentes históricos**

Conforme Ellenberger (1954/1967) milhares de crianças suíças teriam lido a *Klecksographie* de Kerner e brincado com manchas de tinta, dentre elas o próprio Rorschach. Nesse particular, é curioso notar que em sua juventude, Rorschach teria recebido dos seus contemporâneos de colégio secundário o apelido premonitório de

*Klex*, que significa justamente borrão ou mancha. Não se sabe se é uma alusão a seu pai que era pintor e professor de desenho ou se pelo acentuado gosto de Rorschach pela *klecksographie*.

A origem do *Psychodiagnostik*, publicado pela primeira vez em 1921, constitui ainda um grande enigma até hoje. Sabe-se que a interpretação de manchas e de nuvens sempre despertou interesse espontâneo dos homens e remonta à história da humanidade. Já no século XVI encontramos as observações de *Leonardo da Vinci* (1452-1519) sobre as percepções e imaginações suscitadas pelos muros rachados pelo tempo e coberto de manchas. Em sua obra intitulada *Livro da Pintura* que apareceu traduzido para o alemão em Viena em 1882, *da Vinci* aconselha o artista a deixar-se inspirar pela contemplação das manchas de origem accidental, como as que se apresentam nas paredes e em outros lugares, já que por elas se é estimulado a produzir diversas composições artísticas. Diz ele: “nas coisas confusas e indeterminadas, o espírito consegue novas descobertas”. Compara estas atividades à percepção interior de nomes e palavras no som das campainhas (interpretação de sons). Segundo *da Vinci*, antes dele foi *Boticelli* (1440-1510) o primeiro a considerar as manchas fortuitas como estímulo, de modo que num sentido amplo, este pintor poderia ser considerado o precursor de Rorschach (Bohm, 1968).

A mesma idéia da inspiração artística criadora a partir da contemplação de manchas é encontrada no médico psiquiatra e poeta *Justinus Kerner* (1786-1862), mas aqui referida à esfera da literatura. *Kerner* escreveu em 1857, em Tubinga, na Alemanha, um livro de poemas intitulado *Die Klecksographie* (A Klecsografia), no qual reuniu cinquenta manchas de tinta com trinta e nove versos, inspirados na contemplação das manchas que se formavam em suas próprias anotações. As melancólicas descrições dos poemas são uma expressão do seu estado de ânimo

profundamente depressivo pela morte de sua esposa e pela cegueira progressiva que o vitimava. *Kerner* também observou sobre a impossibilidade de criar manchas de forma intencional. O que se dava, na sua experiência, era precisamente o contrário: as próprias manchas impunham o sentido e significado à sua produção (Bohm, 1968; Adrados, 2000). Em vista disso, vários autores afirmam que o emprego das manchas com significado psicológico teria sido iniciado por ele nesta obra poética, devendo, por isso, ser consagrado como um dos precursores do Rorschach.

Para Bohm, aquele que deve realmente ser considerado como precursor do método é o médico francês *Alfred Binet*, pois foi ele de fato o iniciador da utilização das manchas de tinta como *teste psicológico*, empregando-as como prova de imaginação, em colaboração com *Victor Henri*, em 1895. Foi essa a primeira aplicação metodológica de manchas de tinta em Psicologia Experimental (Freitas, 2005; Pereira, 1987; Bohm, 1968).

De Binet e Henri partiram posteriormente duas linhas, uma americana e outra russa (Bohm, 1968). Na América do Norte, a iniciativa dos autores franceses foi aproveitada pelo psicólogo *G. Dearborn*, o primeiro a estabelecer um teste com séries de manchas (“*Blots of ink in experimental psychology*”, *Psychological Review*, 4, 1897, págs. 300-391). Os resultados obtidos foram publicados no ano seguinte (“*A study of imagination*”, *American Journal of Psychology*, 1898). Trabalhou com ele o psicólogo *E. Kirpatrick* (“*Individual test of school children*”, *Psychological Review*, 1900), assim como a psicóloga *E. Sharp* (“*Individual Psychological: a study in psychological method*”, *American Journal of Psychology*, 1899, pp. 3290-391).

Outro psicólogo *Guy Montroe Whipple* publicou, em 1910, o *Manual of Mental and Physical Tests* (Baltimore, Warwick & York, 1910), no qual cita o teste de manchas de tintas usados por estes colegas, e inclui a primeira série padronizada de

vinte lâminas, criadas por ele, que expõe ao examinando sem limites de tempo, ao contrário de Kirpatrick e Sharp, considerando-a também como uma prova da imaginação. (Bohm, 1968; Adrados, 2000; Freitas, 2005).

Também *Simon*, em 1895 (citado por Anzieu, 1961/1979) teria sugerido o uso de manchas de tinta para o estudo de traços da personalidade.

Na época em que Rorschach se achava investigando, o psicólogo inglês F. C. *Bartlett* publicou um trabalho em que pela primeira vez se introduzia a cor no método das manchas (*“An experimental study of some problems of perceiving and imaging”*, *British Journal of Psychology*, vol. 8, 1916, pp. 222-266), e a especialista em Psicologia, também inglesa, *C. J. Parsons*, experimentou em 1917 com a série de *Wipple* em 97 crianças de sete a sete anos e meio (*“Children”s interpretations of in-blots”*, *British Journal of Psychology*, vol. 9, 1917, pp. 74-92).

No mesmo ano em que apareceu o livro de *Wipple*, em 1910, foi publicado em Moscou um *Atlas para a investigação psicológico-experimental da personalidade*, de autoria do psicólogo russo *Theodor Rybakoff* (conhecido por seu teste para investigação da capacidade de representação espacial), que contém como um dos elementos para o exame, oito manchas de tinta para a exploração da fantasia e da capacidade de representação. Com estas lâminas, *Rybakoff* pretendia determinar o vigor, a vivacidade e a agudeza da fantasia e da realidade das representações imaginativas; ele relacionou também sua idéia com a de *Binet e Henri* (Freitas, 2005; Bohm, 1968; Pereira, 1987).

Contudo, embora *Hermann Rorschach* iniciasse seus primeiros estudos em 1911 (depois de *Wipple* e *Rybakoff*), tudo indica que ele não teve conhecimento das pesquisas de seus colegas predecessores americanos e russos, o que é reafirmado também em comunicação de sua esposa, *Olga Stempelin*, que veio a se tornar sua

colaboradora. Conhecia ele a *klecksographie* de *Kerner* e as indicações de *Leonardo da Vinci* assim como a tese suíça do estudante polaco *Szymon Hens*, cuja leitura constituiu o estímulo determinante para Rorschach retornar às suas pesquisas com o teste.

### 1.3 Dados biográficos

Hermann Rorschach (*HR*) nasceu em Wiedikon, Zurich, em 8 de Novembro de 1884. Era o filho mais velho de um artista-pintor, Ulrich Rorschach, que dois anos mais tarde, em 1886, se mudou com a família para Schaffhausen, por ter obtido aí uma colocação como professor de desenho. Nessa pequena cidade junto ao Reno, cheia de vida espiritual, passou Rorschach sua infância e sua juventude. Aí nasceram sua irmã e seu irmão mais novos. Quando ele tinha 12 anos morreu sua mãe e sua tia se tornou sua madrasta dois anos depois. Aos 18 anos, perdeu o pai.

Muito bem dotado para o desenho, por algum tempo hesitou entre dedicar-se à carreira artística ou estudar Ciências Naturais. O grande biólogo *Ernest Haeckel*, o recomendou seguir as Ciências Naturais, e *HR*, aos dezenove anos, decide fazer Medicina. Estudou Medicina em diversas universidades, como era costume na época (um semestre em *Neuchâtel*; quatro semestres em *Zurich* – de 1904 a 1906 – seis semestres em *Berlin e Berna*; volta a *Zurich*, onde em 25 de fevereiro de 1909 foi aprovado no exame de licenciatura de Medicina). Obteve o grau de Doutor em 12 de novembro de 1912 com a monografia "*As alucinações reflexas e fenômenos associados*".

Rorschach foi um homem excepcionalmente dotado para várias esferas do conhecimento humano: tinha pronunciado interesse pelas Artes, enorme aptidão para

o desenho, sólidos conhecimento sobre História das Religiões, do folclore e da psicopatologia, pesquisou e acumulou farto material sobre as seitas suíças e seus líderes, além de um notável talento para línguas. Numa viagem de férias à França, no primeiro semestre em Zurich, conheceu um russo admirador de Tolstoi e se interessou vivamente pela cultura russa. Começou a aprender o idioma russo e mais tarde entra em contato com a colônia desses imigrantes, em Zurich, ocasião em que conheceu o famoso neurólogo *Konstantin von Monakow*, sob a direção do qual fez um estudo microscópico do cérebro de seus enfermos, que foi publicado em 1913.

Em 1906, quando ainda estudava em Berlin, fez uma curta viagem de férias à Rússia. De volta a Zurich, conheceu sua futura esposa, a médica russa *Olga Stempelin*, que se tornou sua colaboradora. Ao terminar a sua licenciatura ficou alguns meses de férias com a família da noiva em Kazan e aí conheceu o estudante polaco *Eugen Minkowski*, mais tarde, famoso psiquiatra de Paris.

No início de sua carreira, *Rorschach* se dedicou à Psiquiatria na conhecida clínica Universitária de Zurich, a “Burghölzli”, sob a direção de *Eugen Bleuler*. Nessa clínica as novas idéias de Freud tiveram boa acolhida e *Bleuler e Jung*, usando os conceitos da psicanálise e do teste de associação inventado por *Francis Galton* e elaborado por *Jung*, tentavam investigar também as psicoses, cujo fundo psíquico era até então incompreensível. *Rorschach* envolveu-se bastante com a psicanálise e escreveu vários trabalhos de inspiração psicanalítica entre 1912 e 1914.

Como médico psiquiatra, trabalhou em diversos hospitais em Münsterlingen, em Zurich, em Berna e em Moscou, onde permaneceu por sete meses, voltando definitivamente à Suíça. Aqui trabalhou de julho de 1914 a outubro de 1915 no manicômio cantonal de Waldau (Berna), onde encontrou dois bons amigos, seus colegas mais velhos *Walter Morgenthaler* e *E. Fankhauser*. Nesta época interessou-

se vivamente por certas seitas religiosas da Suíça e seus fundadores. Este foi um trabalho que fascinou tanto a *HR* que ele acreditou que seria a principal obra da sua vida. E até a sua morte sempre se ocupou desse assunto. Seus estudos, referentes a esta questão só foram publicados mais tarde, alguns só depois da sua prematura morte\*. Em 1915 saiu *HR* de Waldau por motivos econômicos, para um posto no manicômio de Herisau, onde chegou à assistente de Direção. Em Herisau nasceram seus dois filhos, uma menina e um menino. Enquanto trabalhava como psiquiatra e com a prática psicanalítica, seguia com sua investigação sobre as seitas suíças. Influenciado pela escola freudiana, *Rorschach*, juntamente com *Zulliger*, *Ben-Eschenburger*, *Oberholzer*, *Biswanger* e outros colegas, fundou a Sociedade de psicanálise de Zurich, em 1919, quando foi convidado pelo presidente, seu amigo *Emil Oberholzer* a ser vice-presidente da sociedade. Nesta cidade permaneceu até a sua inesperada morte.

A volta às manchas de tinta se deu pelo estímulo que representou a tese de *Szymon Hens*, em 1917. *Hens* usou 8 cartões com manchas de tintas não coloridas, investigando o conteúdo das respostas dadas por crianças, adultos normais e psicóticos. A tese de *Hens* em particular é de extremo interesse como determinante histórico, pois se constituiu num estímulo decisivo para a retomada do método por *HR*. Ao final de sua pesquisa com 1000 crianças, 100 adultos normais e 100 psicóticos, *Hens* levantava algumas questões cuja leitura inspiraram profundamente a *Rorschach*: alguns sujeitos interpretavam toda a mancha, outros somente os detalhes; isso significava algo? Suas manchas eram todas em preto e branco; que aconteceria se tivessem cores? Poderia este método servir para o diagnóstico das psicoses? (Anzieu, 1962). Tais questões mais que os resultados da investigação de *Hens* fizeram *HR* voltar imediatamente às suas manchas que haviam ficado em

segundo plano em vista da dedicação à psicanálise e à pesquisa das seitas suíças.

Rorschach havia começado as provas com manchas em 1911 com seu amigo *Gehring*, na época professor e que testava seus alunos com este material. Apesar de ter mantido o interesse pelas manchas nos dez anos seguintes (Adrados, 2004), deixara essa pesquisa em suspenso até 1917, envolvido com as idéias da psicanálise e com o trabalho que desenvolvia com grande animação a respeito das seitas suíças e seus fundadores, com o firme propósito de escrever uma obra baseada na vasta documentação que recolhia (Freitas, 2005). A partir de então, após tomar conhecimento do trabalho de investigação do jovem *Hens*, retomou com entusiasmo e zelo o trabalho em seu teste de manchas de tinta. No ano seguinte, *HR* cria 15 pranchas, sendo algumas em preto, outras em preto e vermelho, e ainda outras coloridas. Passa a experimentá-las em seus pacientes no Hospital de Herisau, também em enfermeiras, estudantes de Medicina, crianças e outras pessoas.

O material para o “Teste de Rorschach” estava pronto em 1918 na cidade de Herisau, e já reunido em forma de livro em 1919. Em comunicação de 1954, *Morgenthaler* faz uma descrição detalhada de toda a árdua e longa luta que ele e *HR* tiveram que enfrentar para editarem o material. Seu manuscrito, o *Psicodiagnóstico*, foi recusado por seis ou sete editores e só em 1920 o Dr. *Morgenthaler* conseguiu editar o livro, na “Editorial Bircher”, de Berna, aparecendo em junho de 1921, após as quinze pranchas primitivas terem que ser reduzidas a dez, sob exigência dos editores. *Bohm* descreve com grande força narrativa a penosa experiência do nascimento público do método de Rorschach, como se pode ver na transcrição a seguir:

A princípio foi um enorme fracasso. Da primeira edição, de 1.200 exemplares,

só foram vendidos alguns. Quase toda a edição se achava, contudo, em poder do editor na ocasião da morte de Rorschach. As poucas críticas ou não diziam nada ou foram negativas. O trabalho do genial psiquiatra, que havia de marcar uma época, só encontrou a princípio incompreensão e resistência, que provinham do mesmo círculo (William Stern, A. Hoche e Oswald Bumke) que se havia atravessado também no caminho da psicanálise (1968, p. 7).

Durante o longo tempo em que teve que prescindir de suas lâminas, entregues à editora, Rorschach elaborou, juntamente com *Hans Behn-Eschenburg*, em 1921, a série paralela conhecida com o nome de “Behn-Rorschach-Test”, e em muitos aspectos pôde modificar seu teste. Mas não lhe foi possível publicar suas investigações. Levou-as ao túmulo. *Hermann Rorschach* vem a falecer brusca e abruptamente em 2 de abril de 1922, aos 38 anos de idade, vítima de apendicite, agravada em peritonite aguda, logo após a redação de seu trabalho. Sua morte prematura interrompeu seus estudos com relação a técnica “*Psicodiagnóstico*”, e com ele desapareceu, de acordo com *Eugen Bleuler*, “a esperança da Psiquiatria suíça para toda uma geração”.

O Método de Rorschach permaneceu restrito a um pequeno círculo de amigos e seguidores na Suíça. Apenas cerca de dez anos após sua morte, o *Psicodiagnóstico* começou a se expandir e a ser efetivamente reconhecido na Europa e nos Estados Unidos. Em breve provocou grande impacto em diferentes meios científicos, culminando com a criação da *Sociedade Internacional Internacional de Rorschach*, em Berna, na Suíça.

Seu criador morreu desiludido e deprimido sem suspeitar do êxito espantoso a que estava destinada a sua obra em um futuro próximo. Em 1939 foi criado o

*Rorschach Institute* e, quatro anos depois foi realizado o 1º Congresso de Rorschach. Em 1949 foi fundada a referida *Sociedade internacional de Rorschach*, tendo o brasileiro Anibal Silveira como um dos membros fundadores.

## PARTE 2

### Uma Teoria Subjacente da Personalidade Baseada na Percepção

SIGLAS USADAS:

HR = Hermann Rorschach

G = resposta global

K = movimento humano

F+ = forma bem vista

A = resposta de conteúdo animal

Na obra “Psicodiagnóstico” (1921/1972) HR já advertira que a maioria dos sujeitos consideram o Teste como uma avaliação de sua capacidade imaginativa. Esta crença era e é tão geral que ele chegou a colocá-la como um dos supostos invariáveis da experiência (p. 24) Contudo, enfatizou que a interpretação destas formas acidentais não depende apenas da imaginação, e que não se pode estimar a capacidade imaginativa como um dos requisitos básicos do Teste.

A interpretação das figuras pertence certamente ao campo da *percepção* e da *apercepção*, bem mais que da imaginação. Fundamentando-se em E. Bleuler que afirmou ser a percepção uma *integração associativa dos engramas preexistentes* (imagens mnêmicas) *com os complexos sensoriais recentes*, HR considerou que a interpretação das formas acidentais do Teste poderia ser qualificada como uma percepção na qual o esforço de integração entre o complexo sensorial e o engrama é tão grande que o próprio sujeito o percebe intrapsiquicamente como tal, isto é, ele se dá conta do esforço de integração. Esta percepção intrapsíquica da dessemelhança entre o complexo sensorial e o engrama, é o que empresta à percepção o caráter de

uma interpretação (p. 25).

O objetivo de HR com o Teste foi, pois, estudar a função de percepção e apercepção e, para tal, perseguia em primeiro lugar os aspectos formais das respostas, isto é, o número das repostas ou a sua ausência, o tempo de reação, as localizações no todo ou nas partes da mancha ou tipo de apreensão, o modo de sucessão, os determinantes nos quais se baseavam as respostas dos sujeitos, as relações entre os componentes da prova e, por ultimo, o conteúdo, que foi deslocado para o segundo plano. Desse modo, ele definiu quatro questões a serem respondidas no seu estudo, e o conteúdo foi colocado como a quarta questão a ser investigada (p.27). Insiste-se neste fato em virtude de que a pesquisa objeto deste trabalho basear-se fundamentalmente no conteúdo e em *como* este é vivenciado pelo sujeito.

Prosseguindo, HR registrou, padronizou e interpretou os dados do Teste, de modo a serem usados em investigações posteriores. Com uma base totalmente empírica, estabeleceu critérios de uma boa inteligência e do *tipo vivencial* do sujeito, este último aspecto de importância primordial na sua tese e ao qual vinculou todas as demais características da personalidade, como a inteligência, as distimias afetivas, a imaginação, os talentos e as enfermidades mentais. Até a data da publicação, HR não fez nenhuma referência ao simbolismo da prova, o que certamente o faria, se tivesse ido mais adiante nas suas investigações, caso não lhe abatesse morte tão precoce, apenas nove meses após a publicação de seu *Psicodiagnóstico*. Sendo também psicanalista, não poderia deixar de levar em consideração, nos prosseguimentos de sua pesquisa, o valor simbólico das respostas dos sujeitos.

Em resumo, a originalidade de HR foi a completa mudança de acentuação do seu método em relação a dos seus predecessores, que deixou de ser sobre o conteúdo mais ou menos imaginativo do sujeito para ser aplicado com uma finalidade muito

mais completa que a mera exploração da fantasia e da imaginação. Percebeu que seu material podia revelar a organização básica da personalidade, situando-o no campo da percepção e da apercepção. Para tanto, a acentuação da avaliação se deu não tanto sobre o que o examinando via, mas *como* via cada figura, isto é, na maneira com que ele focalizava o material de estimulação, identificando certas características formais das produções conceituais. (Pereira, 1987, Freitas, 2005). Outro mérito de HR é o de ter sabido valorizar todos os fatores que o teste apresenta como prova perceptiva conseguindo sistematizá-los como modelo para uso por outros pesquisadores (Adrados, 2000).

Uma apreciação acerca da *concepção de personalidade* subentendida ao método de Rorschach, é vista mais propriamente nos conceitos de *tipo de vivência e função do real*.

O conceito de *tipo de vivência* ou *Erlebnistypus* constitui-se como que o núcleo do *Psicodiagnóstico*. Acentua Ellenberger (1954/1967, *apud* Freitas), que à época em que Rorschach o inventou, tratava-se de uma formulação absolutamente nova e que não se assemelhava a nenhuma outra idéia até então apresentada em toda a Psicologia Ocidental. Até o presente continua sendo “um dos achados mais especiais de HR. Combinando os tipos introversivo, extratensivo e ambigüal com as dimensões de restrição/expansão e de puro/mixto, chega a uma tipología complexa de “estilos” humanos que merece hoje uma releitura à luz dos modelos atuais de personalidade (Andronikof, 2002).

No Capítulo IV do seu *Psicodiagnóstico*, Rorschach (1921/1974) caracteriza o *tipo de vivência* ou *Erlebnistypus* como sendo a mais íntima e essencial capacidade de *ressonância* com as experiências da vida, ao mesmo tempo em que está relacionado também com a elaboração inconsciente dessas experiências. Ele

estabelece conexões entre o *tipo de vivência* e praticamente todos os demais aspectos da existência da pessoa, afirmando a idéia de que o mesmo revelaria a *extensão* do aparelho psíquico com o qual o indivíduo *poderia* viver. Isso significa que “o tipo de vivência indica apenas *como* o indivíduo *experimenta*, *não como ele vive* nem o que ele ambiciona” (p. 91). Admite assim, que pode haver divergências entre o tipo de vivência e a vida concreta, comportamental ou ativa do indivíduo, divergências que só poderiam ser explicadas “pelo fato de a energia vital, o grau de energia ativa, atuante em determinado momento, a vontade, a libido, ou seja, qual for o nome que se possa dar a isso, esteja dirigida apenas para uma parte das possibilidades de vivência. *Somente o impulso transforma os “momentos” disposicionais em tendências ativas* (p. 91) – grifos nossos

A importância do conceito da bipolaridade introversivo-extratensivo na teoria psicológica de HR, é destacado no artigo de Freitas (2005, *op. cit.*, p.13), referindo-se ao detalhamento dado pelo autor a este conceito no capítulo quarto do *Psicodiagnóstico* (1921/1974). O texto lembra que Rorschach atribui aos dois termos da polaridade a idéia de *duas funções psicológicas universalmente dadas*, sem estarem, necessariamente, contrapostas entre si, diferentemente da aceção dada aos termos similares por Jung. E ressalta que conquanto estes dois vocábulos tenham semelhança com os tipos perceptivos junguianos, o conceito de HR mostra sua originalidade ao integrar as percepções cinestésicas à energia criadora e à introversão, por um lado, e as percepções cromáticas à inteligência reprodutora e à extratensão, por outro. Ao tomar estes termos emprestado da tipologia de Jung, HR teve o cuidado de advertir no seu *Psicodiagnóstico*, que os estava utilizando de maneira diferente. Segundo McCully (1979), é possível que Rorschach, com seu conceito de *Erlebnistypus*, tenha compreendido mais profundamente o significado

dos dois tipos perceptivos básicos do que Jung. Em 1921 Jung ainda não tinha alcançado outros entendimentos das suas próprias descobertas, o que o fez durante o processo de suas investigações, porém HR não viveu para testemunhas essas mudanças (p. 31). O sentido diferente da expressão introversivo-extratensivo em relação à tipologia de Jung, pode ser notado especialmente nos seguintes aspectos, descritos por Freitas (2005) e resumidos a seguir.

Como funções psicológicas, ambas as vivências são afetivas e ativas, sendo possível, em cada momento, voltar-se mais a uma ou a outra. São ambas necessárias ao indivíduo e à humanidade, sendo a introversão a base da cultura e a extratensão a base da civilização. As relações mútuas entre elas, que serão encontradas em todos os sujeitos, podem ser constatadas pelo seu Psicodiagnóstico, sendo que o termo *tipo de vivência*, é atribuído ao grau em que estarão distribuídas, assim como à sua proporção recíproca.

Rorschach acreditava que, no transcurso da vida humana, o *tipo de vivência* evoluiria autonomamente; “a natureza equilibra-nos sobre um eixo introversivo-extroversivo”, diz McCully, podendo o tipo de vivência modificar-se da juventude à meia-idade e à velhice. Nesse trajeto, HR pôde visualizar a finalidade ótima do desenvolvimento humano, que seria:

- 1 atingir um máximo de *função lógica* ou *pensamento disciplinado*, mas sem coartar os momentos introversivos e extratensivos, isto é, sem sacrificar a genuína capacidade vivencial, o que restringiria o homem à pedanteria e ao intelectualismo;
- 2 chegar à capacidade de *introversão* máxima, mas sem submeter à sujeição o pensamento disciplinado e nem destruir a capacidade de adaptação afetiva, para não se configurar o tipo sonhador ou em contato exclusivo com a

abstração.

- 3 e igualmente atingir a mais intensa capacidade de *extratensão*, mas sem dissolver o pensamento disciplinado, o que levaria a uma pessoa superficial e irreflexiva e nem abandonar a introversão, tornando-se, assim, um indivíduo predominantemente mercantil (p. 111).

Recorrendo-se a Ellenberger (1954/1967), o seu biógrafo mais autorizado, vê-se que entre os grandes projetos de HR, estava usar o seu Teste em pesquisa com pessoas da mesma família, raça ou nação; e que teria também o desejo de realizar estudos sistemáticos das pinturas procedentes de séculos passados e do movimento de suas cores, com o fim de reconstruir a mentalidade da época. Assim, embora não tenha focado diretamente o simbolismo, pode-se ver que, no escasso tempo de que dispôs, projetou suas investigações por uma trilha que levaria facilmente à abordagem simbólica da prova. Além disso, como psicanalista, seria quase inevitável a consideração seguinte do seu trabalho pelo caráter simbólico das respostas.

O outro conceito importante em Rorschach é o que ele chamou, inicialmente, de *fonction du réel*. Posteriormente, entretanto, especialmente no Capítulo IV do *Psicodiagnóstico*, quando se refere aos componentes da inteligência, usa a expressão *função lógica* para referir-se às mesmas funções de adaptação à realidade e/ou de controle dos impulsos e desejos inconscientes. Essa função, dada especialmente pelas formas bem vistas, corresponde às funções egóicas da Psicanálise. Embora seja fundamental na avaliação da sanidade psíquica do examinando, a *fonction du réel* ou função lógica pode atuar como inibidora tanto de cinestésias como da expressão da afetividade ou motilidade. A predominância absoluta dos fatores lógicos sufocando as demais regiões da personalidade foi descoberta por ele em experimentos acerca da influenciabilidade dos elementos do Teste uns sobre os outros.

Outro eixo focalizado pela sua pesquisa (1921/1974) foi a *influência da vontade* sobre os elementos que surgiam naturalmente no Teste, isto é, como apareceriam determinados componentes das respostas se o sujeito fosse convidado a sair do “processo de eleição livre” para a “prova de eleição condicionada” (p. 66). Para tal, instruía os examinandos a se concentrarem no objetivo de produzir determinados fatores. Nesta pesquisa, chegou à conclusão de que alguns fatores eram passíveis de serem adquiridos, porém outros eram dons ou aptidões disposicionais do sujeito. Entre os primeiros, estão as capacidades relacionadas à função lógica ou adaptativa (tais como capacidade de atenção constante e ativa, dadas pelas respostas de boa forma, as F+, e pela sucessão, rígida ou ordenada; a acuidade de percepção e dos processos associativos durante o trabalho de assimilação, também dadas pelas respostas F+; a capacidade de dosar e de disciplinar a função lógica, isto é, a sucessão e tipos de apreensão; a capacidade de formação de atitudes associativas estereotipadas, A%). Todos esses fatores são passíveis de serem adquiridos; enquanto entre os segundos, estão capacidades relacionadas a funções criativas ( as respostas globais ou G, expressão da energia da atividade associativa; a redução de A%, capacidade de liberação das associações de atitudes associativas estereotipadas; a capacidade de formar associações originais, dadas pelas respostas globais originais de boa forma, G+; a capacidade de criação interior, vista nas cinestésias ou repostas K); estas seriam dons.

Rorschach veio a falecer em 2 de abril de 1922, apenas nove meses depois de ter, finalmente, publicado as suas investigações. No final do seu artigo sobre as origens e fundamentos do Teste de Rorschach, Freitas (*op. cit.* p. 18) informa que “ele já se ocupava de vários planos para melhorar e continuar desenvolvendo seu método, para o qual desejava buscar fundamentos cada vez mais assentados na

fenomenologia”. E, de forma tocante, refere-se a Ellenberger, o “zeloso biógrafo” do genial médico suíço, que com profundo pesar, resume a extensão intelectual da sua perda: “Rorschach sucumbiu e levou consigo grande parte de seu segredo”.

A história tem mostrado porém que, com a sua morte, seu projeto não caiu no vazio. Ele tem sido retomado, com seriedade e entusiasmo, pelos herdeiros da sua paixão pela personalidade humana que utilizam, reverentes, o mágico método por ele criado, detentor ainda não superado, do mais penetrante poder de acesso aos mistérios do psiquismo do homem.

## PARTE 3

### Gestalteoria: a Lei da *Prägnanz*, *Pregnância* ou Boa Forma

*Visão gestáltica do mundo: são os campos organizados de forças  
que constituem para o gestaltista a realidade fundamental*

#### 3.1 Justificativa

Esta parte três da monografia visa introduzir uma noção capital da Gestalteoria: a noção de *Pregnância* ou, mais apropriadamente, de *Pregnância Estrutural*. Este conceito foi apresentado por Wertheimer e se refere a uma tendência do campo de forças de se estruturar na melhor organização possível, dentro das condições psicofísicas presentes; a tendência à boa organização ou boa forma se mostra onde se desenvolve qualquer fenômeno, seja de natureza física, fisiológica, psíquica ou social. A inclusão desse conceito no trabalho deve-se à sua utilidade como princípio compreensivo da trajetória vivencial da Examinanda frente às Lâminas do Rorschach. Esta trajetória parece ter sido dirigida pelas *forças de organização* inerentes ao processo interpretativo realizado por ela, processo que ia assumindo sempre a melhor forma possível, aquela que, de um modo mais efetivo, atendia às necessidades de completção do sentido requerido pela interpretação anterior, *partindo das próprias exigências estruturais da situação dada*, como definem os gestaltistas o processo de formação de realidade fenomênicas. A estrutura vivencial evoluía de modo análogo à experiência compartilhada por Einstein a Wertheimer, referente ao seu próprio transcurso no processo da descoberta da teoria da relatividade, como uma “direção preestabelecida”. Mudanças que teriam como base o que Wertheimer denomina de fenômeno da “*Pregnância Estrutural*”. O percurso

vivencial da Examinanda foi se fazendo no sentido de incessante clareza, estruturando-se, finalmente, numa gestalt unitária, aquela significante do tema existencial primário da Examinanda, em unidade e equilíbrio, tanto quanto o permitiram as condições dadas pelo campo, composto por ela mesma, o material do Teste e a natureza da relação com a Pesquisadora.

Os psicólogos da Gestalt se referem à Pregnança como a *relação geradora básica*, que liga de modo *necessário* as partes à organização total. No caso apresentado nessa monografia, a relação geradora básica que liga cada Prancha à totalidade do protocolo, pode ser identificada no tema da *afirmação do feminino*. É um itinerário que se *fecha* na última Prancha: o feminino vilipendiado que triunfa, a apologia do gênero, o resgate da sua divindade que, na origem ontológica, arquetípica é feminina e que foi apropriada, seqüestrada pela emergência do paradigma patriarcal na civilização humana e que - embora muitos afirmem o contrário - continua vigente e atuante, mantido pela lei, pelos símbolos culturais, pelos costumes e pelas diferentes igrejas.

### **3.2 Desenvolvimento**

As contribuições gestaltistas podem ser consideradas como *um movimento profundamente inovador do pensar*, afirma Donzelli(1989)na sua pesquisa sobre as implicações filosóficas da psicologia da Forma. Esta pesquisadora verifica que partindo de uma interrogação sobre as condições da percepção, a Gestalteoria participa de uma nova atitude diante do real, que consiste em situá-lo no seu vir-a-ser, porém além da representação, subentendendo uma Filosofia da Forma.

Destaca entre as questões mal entendidas da Gestalteoria, a interpretação do

*isomorfismo* gestaltista como um reducionismo fisicista, mal entendido que o classifica, de forma equivocada, como materialista. Contrariando esta posição, a autora insiste na tese de que a filosofia subjacente ao gestaltismo supõe um quadro filosófico estranho ao pensamento substancialista aristotélico. “*Um universo de gestaltes não seria um universo de substâncias e isso acarretaria disposições cognitivas novas*”, acentua (pág.3). Estas disposições seriam expressas no aparecimento de novos *epistemes* e desaparecimento de outros. De acordo com a autora, o pensamento filosófico gestálico não se enquadra no episteme do *pensamento substancialista* tradicional, nem mesmo no pensamento filosófico moderno, concretizado no *movimento fenomenológico*, ainda que a gestaltteoria teve suas raízes na Fenomenologia de Husserl, de quem seus fundadores foram alunos. A filosofia da Gestalt apresenta também divergências com o *pensamento estruturalista contemporâneo*.

Para esclarecer o mal-entendimento sofrido pelo enunciado isomórfico, a autora argumenta que existe uma diferença fundamental entre um isomorfismo dentro do pensamento gestaltista e o isomorfismo dentro do pensamento substancialista, a última proposição incorrendo de fato em um *reducionismo fisicista*.(p.55)

Segundo a filosofia substancialista, toda essência corresponde a um conjunto de qualidades específicas; este conjunto é conferido pelo *princípio da “forma” no ato de união com a “matéria”*; e nesse ato único se constitui o ser substância. Aristóteles define o ser substância como sendo o indiviso de “matéria” e “forma”, e nessa definição a noção de ser é investida de um caráter de “absoluto”, uma vez que a “forma” (“substância segunda” ou “essência”, em Aristóteles) é identificada com um conjunto de qualidades predeterminadas não relativas e não dependentes da ação ou de situações em que o ser pode se encontrar. O ser substância se apresenta, pois, no

que concerne ao seu princípio da “forma”, como um sistema fechado, de caráter “absoluto”, ou seja, não relativo a circunstâncias existenciais. Este caráter de sistema fechado de qualidades predeterminadas é o que reveste o ser concebido como substância. Observa a autora, citando Etienne Gilson, que a conotação de algo permanente, uno e individual, que existe por si, não deve ser entendida no sentido de que o ser substância não tenha causa ou de que traga a causa em si mesmo, mas no sentido de que o que ele é, lhe é dado em um único ato de existir. Pode-se entender que o ser, assim concebido, não tem possibilidade de aquisição de propriedades novas, há apenas a realização das propriedades inerentes àquela substância. Todo desenvolvimento e evolução é o desenvolvimento ou o desdobramento daquilo que existe em potencial no ser – essencialismo. O ser concebido como substância, possuiria, pois, ainda que virtualmente, nesse único ato de existir que o determina, através do princípio da “forma” todas as suas qualidades ou propriedades, independente da variação das circunstâncias ou de eventuais relações com outros seres, constituindo-se sua existência em um processo teleológico de efetivação destas propriedades. Este entendimento da natureza do ser mostra um episteme radicalmente diferente do episteme da Gestalteoria, que afirma a noção de campo com suas forças psicofísicas em interação organizando toda realidade fenomênica ou *gestalten*. Todo devenir ou mudança é definido pelo episteme gestáltico como exigência de um campo presente de forças. O devenir apresenta, ademais, um caráter evolutivo, pois as “reestruturações não consistem na simples manutenção de um equilíbrio-padrão. Representam, ao contrário, a busca de estados de estabilidade dinâmica cada vez mais perfeitos, na medida em que tais reestruturações significam a supressão regular de possíveis perturbações oriundas do campo total de forças em que, as estruturas se inserem” (Donzelli, 1989, p. 74). O princípio da Pregnância

seria a formulação necessária à compreensão desse impulso evolutivo determinado pelas forças presentes em direção a um equilíbrio dinâmico. “Pregnância que se apresenta como uma força irresistível” que se definiria como uma “direção preestabelecida”.

Na concepção de um universo de *gestalten*, as forças da natureza, dentro de certas condições, tendem a se organizar estabelecendo relações funcionais entre si, de maneira a constituir uma só entidade um só todo.

Este domínio das partes pelo todo significaria o estabelecimento de uma *relação geradora básica*, ligando de modo necessário, as partes à organização total. Esta *organização funcional* de forças naturais surge como o *princípio gerador* de toda realidade fenomênica, tanto das características físicas, como das fisiológicas e psíquicas.

A *lei constante* expressa na relação geradora básica seria a essência do ser *gestalt*. Essa essência é a *relação partes-todo* que é o que constitui o ser *gestalt*.

Essa *relação partes-todo*, todavia, não se apresentará no mesmo estado de integração em todo tipo de realidades fenomênicas, podendo estas realidades apresentarem, no processo de revelação da relação geradora, diferentes graus de integração. Cada um desses estados se expressará fenomenicamente por características específicas, resumidas abaixo, seguindo a descrição da autora:

“no *estado mais elementar*, as partes mantêm uma certa independência com relação ao todo e, portanto, entre si, o que se expressaria ao nível fenomênico sob a forma de espaço e de *quantum*, isto é, sob a forma de qualidades físicas”.

No *cérebro*, enquanto dotado de caráter fisiológico, essa mesma relação será expressa por uma organização onde as partes estarão em *estado de integração mais elevado*, o que resultaria fenomenicamente em um relativo desaparecimento do

espaço, através de uma localização difusa, e em um *domínio maior das partes pelo todo*, domínio que dota os órgãos da capacidade de adaptação própria dos fenômenos fisiológicos.

E, finalmente, o *fenômeno psíquico da percepção* ou *capacidade da “significação”* corresponderia ao mais alto grau de integração, passível de ser atingido pela estrutura cerebral latente.

O isomorfismo gestáltico afirma que o físico, o fisiológico e o psíquico são isomorfos porque são *concreções de um mesmo tipo de estruturação*, e não se reduzem uns aos outros, uma vez que não sendo substâncias de natureza diferente, mas *expressões fenomênicas de um mesmo processo de estruturação*, possuem algo em comum e ao mesmo tempo são diversos porque se substituem e se convertem uns nos outros, através de um processo de contínua transformação. No mesmo plano de pensamento, Frederick Perls (1973/1977), o criador da Gestalt-terapia, provavelmente baseando-se nessas formulações, tenta resolver a velha cisão corporeamente com o tema holístico da unidade do ser humano, negando a condição de paralelismo do físico e do psíquico. Considera as atividades física e mental funções do organismo global, dotadas da mesma natureza, apenas diferentes no que se refere à intensidade de energia corporal investida na ação (pág. 28). Acentua que esta concepção da vida humana constituída por níveis de atividade líquida o paralelismo psicofísico presente na Psicologia desde o seu nascimento. Ressalta que “uma vez que reconhecamos que pensamentos e ação são feitos da mesma matéria, podemos traduzir e transpor de um nível a outro... Assim, podemos, finalmente introduzir na psicologia um conceito holístico – o conceito de campo unificado – que os cientistas têm sempre desejado achar e em cuja direção têm tateado os psicossomatas contemporâneos” (pág. 30).

Donzelli conclui que a diferença fundamental entre um isomorfismo na filosofia da Forma e um isomorfismo na filosofia substancialista estaria no fato de que uma filosofia da Forma não concebe o ser como substância. E isso porque concebe a realidade ao nível da lógica da *prova* e da *demonstração*, ao contrário do substancialismo que situa a realidade ao nível da lógica da percepção (p. 64). Esclarece que a psicologia da Forma foi construída por meio de trabalhos experimentais, de modo que uma visão gestaltista do universo e do ser se baseia em dados sugeridos pela lógica da prova e das demonstrações. Isso implica, ressalta Donzelli, num conhecimento de natureza científica, inspirado numa nova atitude diante da realidade, nascida nos séculos XVI e XVII, quando o homem, decepcionado, repudia toda noção de *a priori*, baseada na lógica da percepção que, embora tendo imperado durante tantos séculos, mostrara-se incapaz de controlar e dominar a natureza. Observa que tanto as descobertas científicas de Galileu como os conhecimentos geográficos responsáveis pelas grandes navegações revelavam novos conceitos que invalidavam os dogmas consagrados até então, deixando o homem inseguro de suas crenças. Diante disso, este volta-se para a experimentação da natureza, descrevendo e ordenando os acontecimentos de uma experiência, “de maneira que revele a ordem escondida sob o mundo enganoso da lógica perceptiva”.

*Os gestaltistas partem de uma interrogação sobre as condições da percepção.* Por meio de experiências controladas buscam reproduzir o fenômeno como é dado na percepção, a fim de conhecer seu mecanismo, ou seja, aquilo que está sob a lógica da experiência imediata (pág.62). Este estudo experimental da percepção leva a conclusões abrangentes sobre o comportamento das forças naturais, dando origem a uma visão gestaltica do mundo: *são os campos organizados de forças que constituem para o gestaltista a realidade fundamental* (e não a substância individual). De acordo

com a posição filosófica gestaltista, diz Donzelli, a substância não define a realidade em sua essência, porque esta essência não se esgotaria na sua expressão de permanência e estabilidade. O que se denomina “*substância*” não corresponde senão a um estágio específico de um processo de organização das forças naturais, estágio no qual o processo se revela como uma entidade fenomênica estável e permanente.

Köhler foi o principal expositor da tese de que o mundo físico seria de natureza gestáltica. Ele enumera e descreve inúmeros fenômenos físicos que se comportariam como processos gestálticos de equilibração, segundo a determinação funcional de uma organização de campo. Mesmo o princípio que rege a construção de sistemas puramente mecânicos não seria outro senão o da submissão das partes a um todo. Os sistemas mecânicos se encontram no grau mais elementar da “liberdade funcional” uma vez que sua condição se expressa, em qualquer tempo, por uma só variável.

Quanto ao mundo fisiológico, os fenômenos orgânicos seriam resultantes de um campo de forças psicofísicas, cuja formação anatômica não só derivaria do seu caráter funcional, mas se adaptaria ao campo real com o qual o organismo se defronta. (pág. 36).

No que se refere à natureza gestáltica do mundo psíquico, ressalta Donzelli, é que a posição gestaltista se mostra particularmente original. Da mesma forma que a percepção e a consciência, fenômenos como os do eu, das emoções, desejos, necessidades e pensamento são explicados como *expressão da dinâmica estrutural deste campo de forças psicofísicas* que constitui, no gestaltismo, toda a realidade experiencial.

A pesquisadora descreve a reflexão de Wertheimer a respeito do processo da concepção de Galileu sobre a lei da inércia, para ilustrar estas idéias.

Todo o processo da descoberta de Galileu é visto, assim, como uma dinâmica

de *mudanças* dramáticas, onde forças potentes de reorganização, *partindo das próprias exigências estruturais da situação dada*, levam a novas estruturas estáveis. Mudanças que teriam como base o que Wertheimer denomina de fenômeno da “Pregnância Estrutural”, ou seja, esta tendência do campo de forças reais à melhor organização possível, dentro de suas condições estruturais presentes, que leva a atitudes efetivas, traduzindo-se em operações de centralização, de agrupamento, de segregação e de transposição estrutural. As operações ou atitudes da Pregnância visam eliminar analogias estruturais, na busca incessante da melhor organização. Este princípio de organização se apresenta como uma força irresistível que, segundo o testemunho de Einstein – colhido por Wertheimer e citado por Donzelli – concernente à sua própria experiência no decorrer do processo da descoberta da teoria da relatividade, se definiria como uma “direção preestabelecida” (pág. 46).

Wertheimer descreve vários tipos diferentes de processos através dos quais poderia se manifestar este fenômeno da *Pregnância Estrutural*. Algumas vezes, por exemplo, ela não se faz no sentido de uma situação segunda que substituísse uma situação primeira problemática, mas no sentido de se colocar a situação primeira na “boa ordem”, definindo-se o processo como um movimento de transição de uma visão superficialmente estruturada para outra mais adequada.

Também, muitas vezes, a *Pregnância* se revela como um impulso levando diretamente ao surgimento de características de uma situação segunda, ainda a ser criada. Informa a autora que Wertheimer se referia provavelmente a tipos de experiência como a descrita por Mozart a propósito de uma composição musical que acabara de conceber.

Kurt Kofka conceitua o fator ou Lei da *Prägnanz*, da Pregnância ou Boa Forma de maneira sucinta: “a organização psicológica será sempre tão ‘boa’ quanto as

condições reinantes permitirem. Nesta definição, o termo ‘boa’ é indefinido. Abrange propriedades tais como a regularidade, a simetria, a simplicidade, e outras que iremos encontrar no decurso do nosso trabalho” (1975, p. 121).

Donzelli (1989) considera o este fator como o responsável pelo processo gestáltico porque as áreas dos objetos ou realidades fenomênicas tendem a fechar-se até atingir um grau de integração que permita a expressão da organização da maneira mais regular e mais simétrica possível.

Em síntese, a *Pregnância* pode ser considerada como o fator organizador mais geral, que abrange todos os outros. É o princípio explicativo do fato de que todas as formas tendam a ser percebidas em seu caráter mais simples. *As forças de organização* inclinam-se a atingir sempre a melhor forma possível, no sentido da clareza, unidade e equilíbrio, tanto quanto permitirem as condições dadas pelo campo. Este princípio originalmente explicativo da simplificação natural da organização da percepção se tornou, particularmente na obra de Köhler, o princípio organizador de todos os fenômenos naturais, fisiológicos, psíquicos e sociais. Como afirma Arno Engelmann:

a teoria da Gestalt não é exclusivamente psicológica, como o demonstraram principalmente Wertheimer, Köhler e Koffka. Iniciou-se com um experimento sobre a visão de movimentos correspondendo a estímulos estáticos, mas continuou propondo-se inclusive, de um lado, uma Gestalt física formada da corrente elétrica gestáltica dentro de um condutor ou, de outro, uma Gestalt sociológica formada de muitos seres humanos, como o dançar de pares ao som de um samba realizado por um grupo de músicos (p.11).

## PARTE 4

### O Simbolismo no Rorschach

*“Se a energia arquetípica é ativada pela Prancha IV, o homem se encontra com sua força bruta, porém este aspecto do arquétipo masculino oriundo das suas proezas como caçador ou perseguidor, pode estar a caminho da extinção e sua energia talvez esteja modelando-se através de um novo veículo, o da conservação e proteção do meio ambiente. Nossa preocupação coletiva com as condições do meio ambiente estão se tornando tão carregadas de energia que esta década (1980) poderá presenciar o surgimento de um novo arquétipo.”*

*(McCully, in Rorschach: teoria e simbolismo, p. 149)*

#### 4.1 Introdução

A motivação dessa pesquisa foi verificar se o simbolismo ou significado atribuído pela teoria dos arquétipos por diferentes estudiosos do Rorschach, à cada prancha do Teste se traduzia, de forma direta ou via uma hermenêutica fenomenológica, na vivência dos examinandos que responderam aos estímulos. Denomina-se aqui de *hermenêutica* a arte da leitura, da interpretação, isto é, a arte de decifrar o sentido do texto produzido pelo sujeito. Com a interpretação se buscou o sentido da vivência e a possível articulação com a hipótese arquetípica do Rorschach. Usou-se como referência da tese junguiana dos arquétipos aplicada ao Teste, particularmente as investigações feitas pelo americano Robert McCully, publicadas no Brasil em 1979 e os trabalhos acadêmicos de Rodolfo Petrelli.

O ponto de partida original da pesquisa, objeto dessa monografia, se deu na vivência imediata de uma Examinanda exposta ao estímulo das pranchas. Não somente a organização interpretativa dos estímulos foi solicitado à participante, isto é, sua interpretação das manchas fortuitas, mas especialmente o que ela experienciava diante delas, emoções e sentimentos que emergiam, idéias, imagens,

lembranças, vivências de qualquer natureza acontecendo no aqui e agora da apresentação. Estas experiências foram gravadas com a autorização da mesma e sua interpretação foi feita por meio da metodologia dialogal, na qual a leitura da Investigadora era conferida com a consciência imediata da participante e, nesse processo de interlocução, o significado foi sendo construído entre as duas parceiras, numa esteira de confirmação ou desconfirmação mútua. Este exercício interpretativo feito, no presente estudo, via interlocução dialógica, dá um caráter metodológico especial à interpretação, constringendo a autora desse modo de proceder a cunhar uma nova expressão que seja um significante da experiência: *hermenêutica dialogal* ou talvez *dialogia hermenêutica*. Acrescente-se que aqui compreender o texto da Examinanda ganhou os contornos postos por Wilhelm Dilthey (1833-1911). Para ele, a questão da empatia ou identificação afetiva do intérprete com o autor investigado, entender-lhe o contexto, colocar-se em seu lugar, postar-se na época de seu objeto é condição necessária para se compreender o texto. Em sua busca por um método específico às ciências do espírito (Dilthey é o primeiro a separar as ciências naturais das ciências humanas e do espírito), como se vê em *El mundo historico*, ele define que compreender é diferente de explicar, sendo a compreensão dependente da empatia e irrealizável sem esta. O fenômeno relacional que Dilthey chama de *empatia*, assemelha-se àquele que, baseado em Buber, foi utilizado nessa pesquisa, e denominado de *inclusão*.

Simultaneamente aos dados assim colhidos e interpretados, foi feita a comparação com a simbologia atribuída às pranchas, o que permitia identificar ou não o poder estimulador do material sobre regiões específicas da experiência humana, segundo o significado considerado como universal e ligado ao estímulo pela teoria dos arquétipos.

A escolha do protocolo constante dessa monografia para apresentação, se deu pelos motivos seguintes: a acessibilidade fácil à experiência intrapsíquica demonstrada pela Examinanda, além da ocorrência de conscientização ou *awareness* do sentido da vivência alcançada por ela durante vários pontos do trajeto da investigação fenomenológica. Como ressalta o fenomenólogo e educador Joel Martins, “a Fenomenologia exige que aquilo que se chama evidência deve ser ‘intuível’, o que quer dizer que aquilo que é dado ou aceito como evidência deve ser de fato possível de ser experienciado” (p. 78). Desse modo, este protocolo foi eleito por permitir cumprir de forma mais rigorosa o preceito de *evidenciação* prescrito pelo método fenomenológico. A ocorrência da tomada de consciência pela Examinanda tanto durante o processo de investigação como durante a *hermenêutica fenomenológica dialogal* das percepções, no esforço de decifrar o *sentido* do discurso da Examinanda via relação dialógica, foi considerado como um evento confirmador ou desconfirmador da simbologia arquetípica atribuída àquela lâmina pela literatura.

Antes da apresentação do protocolo completo examinado neste trabalho, será descrito aqui, de forma bastante abreviada, o significado de cada prancha, isto é, o poder atribuído a cada uma de mobilizar dimensões ou setores diferenciados da existência individual em todos aqueles que se defrontam com estes estímulos ambíguos. Para isso, fez-se recorrência aos dois estudiosos do significado ou simbologia geral da cada prancha. Estes autores compartilham entre si a identificação de elementos arquetípicos na especificidade de cada prancha; outros elementos, contudo, são próprios do ponto de vista do autor.

Robert McCully, já citado, o principal investigador da teoria arquetípica de Carl Jung aplicada à Prova de Rorschach identifica, em todo o Teste, sinais arquetípicos estimuladores de experiências ancestrais do ser humano. Seu trabalho pautou-se pela

comparação sistemática da totalidade ou de setores específicos das pranchas com produções, especialmente as rupestres, de homens dos períodos Paleolítico e do Neolítico.

Rodolfo Petrelli, segundo autor consultado neste tópico, apresenta uma simbologia oriunda tanto dos arquétipos como da referência que faz ao sistema estruturalista de Roger Muchielli.

#### **4.2 Definição dos arquétipos e método usado por McCully para identificá-los no teste de Rorschach**

Na sua obra sobre a abordagem junguiana do Teste de Rorschach, McCully inclui entre os arquétipos experiências prototípicas tais como: sobrevivência e busca de alimento, sono, excreção, fertilidade, pai, mãe, autoridade, feminilidade, masculinidade, deusa, deus (bem), demônio (mal), eternidade, infância, círculo, quadrado, labirinto e *self* (o arquétipo central da psique).

O autor elege o Psicodiagnóstico de Rorschach como instrumento privilegiado de exame da personalidade, já que é um exame que se mostra capaz tanto de eliciar respostas oriundas do inconsciente pessoal e do inconsciente coletivo, como das experiências e percepções conscientes dos examinandos. Esta consideração pode ser vista na afirmação que faz a respeito do alcance do Teste: “Tendo em vista que alguns processos do Rorschach têm ligação com processos oníricos, enquanto outros relacionam-se a uma consciência que atua e reage ao estímulo, nos dispomos, portanto, de um instrumento que fornece informações acerca de ambos os estados” (p. 82). Acredita este estudioso que, se examinarmos o cerne de um símbolo, encontraremos sempre evidências a favor das influências arquetípicas.

Uma *imagem arquetípica* é definida como contendo a essência de uma determinada experiência humana que foi tão repetida e determinante que deixou uma impressão permanente, embora não necessariamente inalterável, na estrutura neural (p. 83). McCully adverte que seu conceito de experiência arquetípica não inclui memórias pré-uterinas. O conceito é empregado no sentido de um *impacto sobre a estrutura neurônica* (grifos nossos) provocado pela *mesma* espécie de vida psíquica dos seres humanos e acredita que os mais poderosos impactos auxiliam no desenvolvimento da consciência. E que as manchas de tinta nos fazem *retomar esta experiência* através da nossa percepção (p. 163 *et seq.*).

Sua tarefa investigativa objetivou identificar algumas formas nas dez pranchas de Rorschach que têm o poder ativador dessas experiências psíquicas arcanas, comuns à espécie humana, rastreando o que ele chama de “poder arquetípico das pranchas”.

Para identificar estas influências remotas foi-lhe necessário estabelecer um sólido quadro de referência, visto que os arquétipos são *forças ou energias* que nunca podem ser vistas diretamente. Deve-se traçar as *fontes* dessas energias. McCully volta ao passado, utilizando como referência a *antropologia comparativa*, especificamente a Paleantropologia visando reunir informações a respeito do homem: dirige-se inicialmente à Era Paleolítica em busca das origens da *forma atual* da estrutura psíquica. A fonte do psiquismo moderno ele descobre nos *artefatos paleolíticos* reunidos pelas pesquisas antropológicas. Nessas fontes, ele pretende encontrar a formação dos arquétipos, interpretando os artefatos na perspectiva do *sentido psicológico* destes ou das *necessidades psicológicas* dos nossos ancestrais que estes artefatos expressam.

Zygmunt Piotrowsky (*in* McCully, *Op. Cit.*, 1971), avalia a pesquisa de

McCully como *um novo método* de análise do conteúdo de respostas selecionadas, considerando praticamente todas originais no Rorschach. Afirma que o empenho sistematizado do pesquisador em identificar a capacidade que cada prancha do Rorschach possui de “ativar as fontes arquetípicas”, levou-o a conclusões que não são deduzíveis por nenhum outro sistema de interpretação, apresentando muitas sugestões valiosas (p. 13). Adverte que o método baseado em arquétipos não deve, contudo, substituir, mas sim complementar outros sistemas de interpretação. Lembra que o próprio autor espera que suas hipóteses sejam experimentadas, sistematizadas e validadas. E prognostica que quando esta expectativa de validação se tornar realidade, o estudioso do psiquismo humano terá possibilidade de estabelecer a diferença entre conflitos relativos a problemas humanos universais básicos e conflitos próprios do indivíduo isoladamente. Essa diferenciação auxiliaria o clínico a promover melhores planos em psicoterapia, tornando-a mais efetiva.

Enfim, identificar, no Rorschach, o potencial ativador de vários tipos de experiências psíquicas prototípicas, denominadas por Jung de “arquétipos” foi, em síntese, a tarefa tomada para si por McCully. Estas experiências prototípicas, de acordo com Jung, todos vivenciaram e vivenciam em alguma época da vida, desde os primórdios dos estados da consciência e de uma vida grupal organizada.

Para rastrear os primórdios dessas experiências, McCully comparou as pranchas ou elementos parciais delas com artefatos e pinturas rupestres do Paleolítico e Neolítico e o aspecto da psicologia humana que os artefatos e pinturas denunciavam.

McCully esclarece que o aspecto mais importante da idéia de arquétipo em Jung centra-se em torno do arquétipo como uma *grande quantidade de energia por natureza e não meramente uma imagem ou símbolo*; e este aspecto é geralmente

desprezado pelos estudiosos. “A imagem representa a energia a ela subjacente”, enfatiza. Portanto, sob certas condições da vida – e a experiência do Rorschach facilita tais condições –, a energia arquetípica tem a capacidade para *influenciar a forma e o conteúdo* daquilo que é percebido pelo sujeito (p. 7).

### **4.3 Influências arquetípicas nas pranchas de Rorschach**

É importante repetir que o autor procurou examinar cada uma das pranchas de Rorschach, na tentativa de localizar os componentes que lhe dão o poder de evocar vários tipos de fontes arquetípicas do psiquismo. E que seu principal instrumento para localizar os componentes capazes de evocar essas várias fontes são certas *imagens* que chegaram até ele, oriundas dos artefatos e pinturas paleolíticos e neolíticos.

Afirma que as manchas do Rorschach variam em sua capacidade de evocar os diferentes aspectos de nosso mundo interior. Algumas das áreas das manchas são mais potentes para estimular fontes coletivas e outras áreas estimulam preferentemente fontes pessoais.

Roy Schafer, atribuiu as imagens produzidas pelo Teste de Rorschach à estimulação gerada pela semelhança parcial das manchas com objetos reais mas, referenciado pela psicanálise, enfatizou que estas imagens são trazidas à tona pelos “conflitos e tendências infantis do sujeito”. McCully adverte que tanto HR quanto Schafer consideraram a *patologia* do sujeito como o *princípio organizador* das imagens geradas pelo Teste (p.53). Ele refuta esta leitura, afirmando que o que ocorre no Rorschach deva ser considerado numa perspectiva suficientemente ampla para incluir a variedade de componentes inerentes à

ocorrência (ou resposta). Considera a patologia apenas um fator, que pode desempenhar ou não um papel no que acontece, em um dado momento, na experiência vivida com o Rorschach. E ainda acrescenta que HR e Roy Schafer se inclinaram a considerar o sonho como proporcionando uma esfera mais ampla do que o material do Rorschach, posição da qual também discorda. Argumenta que o significado inerente em um símbolo define o seu próprio alcance, e este pode ser amplo ou estreito, advertindo que não se deve avaliar o significado simbólico a partir de um preconceito.

A titulação que encima a descrição arquetípica de cada prancha foi dada pela autora dessa monografia, na tentativa de sintetizar o sentido simbólico descoberto pelo pesquisador.

#### **4.3.1 PRANCHA I - O arquétipo da mulher atuante**

Destaca o autor, o grande detalhe central, frequentemente visto como uma figura de mulher, como apresentando a capacidade de ativar fontes arquetípicas. Quando este é experimentado diretamente como uma figura de mulher, geralmente não ativa a energia arquetípica. Este detalhe tem uma impressionante semelhança com as estatuetas da fertilidade do Paleolítico. Eram figuras em osso ou em pedra com quadris e seios amplos, *centradas na fecundidade* do tronco feminino como símbolo da fertilidade.

Algumas das estatuetas tinham *dois pescoços*, e isso representava a *natureza dupla de uma deusa (nutridora e destrutiva)*, bem como a *unidade entre as gerações femininas*, como a deusa e a sacerdotisa, ou a mãe e a filha. No detalhe central da Prancha I, existe justamente uma forma com duas cabeças ou dois pescoços, tendo

apenas um par de mãos, como as estatuetas do Paleolítico. Estas estatuetas associavam-se a necessidades psíquicas de suprimento alimentar abundante e de fertilidade, de forma a garantir a sobrevivência. *Arquetipicamente, isto leva o sujeito ao mundo matriarcal.*

Conclui o autor que a Prancha I parece ter capacidade para evocar material associado ao arquétipo da *mulher atuante*, através de suas conexões com o predomínio matriarcal sobre o psiquismo. A própria psicologia do homem atual tem raízes que derivam de uma certa parte do *mundo arquetípico da mulher atuante*: o mundo matriarcal em sua atuação sobre o psiquismo.

É interessante examinar as imagens que ocorrem com a Prancha I frente ao quadro do arquétipo da *mulher atuante*, descobrindo como a *feminilidade* é projetada na vida, através de sua energia. Essa energia relaciona-se a modalidades de comportamento psicologicamente associados ao poder matriarcal. Um sujeito feminino pode opor-se tanto àquele poder quanto um dado homem; ou o homem e a mulher atuais podem identificar-se igualmente com aquele poder.

Considerando a tese do autor, que identifica a *fonte estimuladora da energia* produtora das imagens vistas no Rorschach como sendo, em alguns casos, uma fonte totalmente arquetípica, *a forma como essa energia é projetada na vida* pode ser também perseguida através da descrição fenomenológica da vivência do Examinando ante o estímulo das pranchas, o que foi realizado nesta dissertação. Certamente o estado vivencial desencadeado pelo suposto arquétipo pode revelar a reação individual e personalizada a uma experiência universal ou coletiva, tão mais genuinamente que a leitura desenvolvida exclusivamente pelo pesquisador como preconiza McCully (p. 147). Na perspectiva descritiva da Fenomenologia, deve-se dar ênfase ao *como* é processada pelo indivíduo esta estimulação arcana, através da

descrição rigorosa das suas vivências imediatas.

#### **4.3.2 PRANCHA II - A origem arquetípica da identidade masculina e da diferenciação do poder dos instintos animais: o perigo e o risco à sobrevivência**

Nesta prancha, o autor destaca a *origem da identidade masculina* na consciência do homem. Este, a partir da época em que a consciência começou a desenvolver-se, teve que aprender *o que caracterizava sua natureza masculina*. A tese explicativa é a de que ele teve acesso à sua identidade ao aprender o que o diferenciava de seu oposto: a fêmea da espécie. Em apoio à sua proposição da semelhança entre a Prancha II e as expressões de identidade de gênero no período Paleolítico, McCully cita Leroi-Gourhan, pesquisador que também estabeleceu alguns paralelos interessantes entre os pares de elementos de sexo oposto que aparecem na arte das cavernas, pinturas que justamente visam enfatizar a diferenciação de gêneros, e os princípios chineses de yin e yang,

Afirma que a Prancha II fornece um excelente exemplo de animais emparelhados, que leva ao mundo arquetípico das forças em oposição, por serem idênticos aos animais emparelhados, voltados um para o outro, que aparecem com frequência nas artes ancestrais. Interpreta essas *figuras arcaicas, em oposição, como a representação da psicologia da diferenciação do oposto, masculino e feminino* (p. 125). Sua esperança é que esta Prancha sirva de guia para que se possa penetrar no mecanismo psicológico deste tipo de esforço de diferenciação. Sugere que esta diferenciação é inevitável, em virtude de que cada gênero da espécie é excluído de certas experiências que definem a existência de seu oposto.

Outra semelhança com a arte das cavernas são *os contrastes de cor da Prancha*

II, qualidades que usualmente são encontradas na arte ancestral. Afirma que a cor serviu aos homens do Paleolítico como meio de observar as diferenças e fazer os contrastes. A mulher, por sua capacidade de dar à luz e talvez pelos mistérios do ciclo menstrual, era relacionada pelos artistas da caverna ao “vermelho” e ao “bisão”, este também representado apenas por pontos vermelhos.

A Prancha II exibe também um detalhe inferior muito notável, no qual se evidencia uma vulva, em posição vertical, que se apresenta em vermelho mais claro cercada por um vermelho muito vivo. Arquetipicamente, esta área pode transportar o sujeito a um plano transcendental, relacionado com a mortalidade e a sobrevivência. Observando seus detalhes, esta figura assemelha-se a formas paleolíticas, como bisões e animais entrelaçados em jogos ou lutas. Todas as pessoas vão de uma situação de desamparo, na qual sobrevivem graças aos cuidados maternos, a uma situação de relativa independência. A vulva e o falo quando se acham representados separados do restante da estrutura, como nessa Prancha, assumem um simbolismo que transfere a significação do plano erótico para um plano abstrato. Sua função parece ter relação com idéias relativas à fonte da vida e a seu significado frente à morte, à nutrição e à fertilidade. Isto, contudo, pode não ocorrer e a pessoa reagir apenas às características sexuais, mas neste caso não está havendo implicação de energia arquetípica, apenas energia da experiência pessoal.

Os homens tiveram que se iniciar na masculinidade libertando-se do domínio matriarcal em paralelo com o domínio dos seus instintos, daqueles aspectos psicológicos que os prendiam à condição animal. Essa tarefa de diferenciação é recapitulada por todo homem durante o seu desenvolvimento.

A Prancha II possui o potencial para se tornar o palco das qualidades psicológicas associadas *aos mistérios masculinos*. Isso porque a energia psicológica

posta em movimento relaciona-se com a *diferenciação* do feminino e do poder dos instintos animais. Correspondentemente, pode-se ver como o sujeito se relaciona ao feminino e à sua energia instintiva.

### **4.3.3 PRANCHA III - O impacto das experiências com os outros, antes da maturidade: a identificação humana sob o arquétipo da interação**

Essa Prancha evoca os *conteúdos psíquicos mais socializados e especificamente humanos*, ou seja, as características associadas àquilo que o sujeito se tornou como resultado das suas experiências com os outros. A indicação das figuras como sendo “hermafroditas”, denota que não houve formação de um símbolo e, pela evidência prosáica das formas, neste caso, *não se está lidando com uma fonte arquetípica*. Uma tal imagem pode refletir aspectos de um complexo sexual individual, mas não se pode determinar a natureza desse complexo apenas pela consideração isolada desta imagem.

A Prancha III fornece-nos informações valiosas acerca das *atitudes perceptivas* do sujeito, a dominância da *extroversão ou da introversão* que, declara McCully, são ambas arquetípicas, isto é, são ativadas por experiências comuns a todos os homens.

Segundo Rorschach (1932) *introversão e extroversão* são aspectos dinâmicos que correspondem à direção da energia psíquica ou dos movimentos psíquicos que podem ser voltados ao interior (introversão) ou ao exterior (extroversão); a capacidade introversiva expressa o contato com as fontes internas, em lugar das externas. Enquanto a extroversão é a atitude perceptiva na qual os elementos de julgamento são coletados externamente, através da experiência com os outros. As pessoas, nesse caso, são os elementos principais de apercepção em lugar da vida

interior do introversivo; uma atitude perceptiva introversiva desloca-se mais facilmente para o interior. O conceito de *Erlebnistypus* (Tipo de Vivência) tal como foi concebido por HR, denota um equilíbrio entre os índices de extroversão e introversão, e é empregado por McCully de forma muito semelhante à dele.

O *arquetipo da interação* é facilmente mobilizado, pois a III apresenta figuras que se acham perpetuamente em forma de ação conjunta devido o grande detalhe inferior que une suas mãos. A significação central sob as figuras humanas em movimento vistas nesta Prancha, inclui aquilo em que o sujeito se transformou, através da interação com os elementos da família e com outras figuras durante seu desenvolvimento inicial.

A espécie de *movimento* que as figuras desta Prancha podem apresentar permite distinguir entre as *attitudes egóicas* e as *fontes arquetípicas*.

Para que se possa distinguir entre umas e outras na Prancha III, deve-se ficar à espreita das condições que favorecem cada uma delas. Se as figuras humanas são vistas como figuras animais, *essa experiência pode levar à descoberta de que a tendência natural, arquetípica, para perceber o humano foi adulterada durante o desenvolvimento do indivíduo*.

As condições para a formação do símbolo estão presentes quando a metade inferior da mancha é separada perceptivamente da metade superior. Considerados isoladamente, os membros inferiores das figuras são vistos comumente como “peixes”. O apêndice na coxa superior de cada figura, pode ser percebido como o seu falo. A imagem de *falo-como-peixe* nos vêm de eras remotas: em um artefato do Paleolítico, o peixe-falo tinha um significado relacionado à *fertilidade*. Quando o sujeito vê metade da figura humana na parte superior e a parte inferior não foi experimentada como elemento da figura, a natureza da imagem associada a esta parte

tem certamente fontes arquetípicas.

McCully considera que o significado do movimento humano no Rorschach é bem mais amplo que a simples capacidade para a fantasia. Além disso afirma que a fantasia introversiva emprega uma variedade de veículos além do K. Assegura que a interpretação do movimento ficará enriquecida se levarmos em conta a *atitude perceptiva dominante do sujeito*.

É interessante notar que o autor também sugere que, após as respostas dadas naturalmente, pode-se “pressionar” o sujeito usando as imagens evocadas para fornecer mais dados, pela associação livre. E acrescenta que isso pode ter melhores resultados com os dados da Prancha III que os obtidos nas outras. Isso porque as figuras humanas podem levar prontamente aos complexos, e o sujeito pode estar cômico deles. Por outro lado, até mesmo uma imagem original pode não ter qualquer significado para o sujeito que a produziu. Assim, esclarece que “nos casos em que houve a participação das *leis da percepção alterada* ou da *conscientização excluída* nas fontes (freqüentemente arquetípicas) que geraram esta imagem, as associações livres do sujeito acerca da imagem podem não levá-lo nunca a decifrar seu significado”. Recomenda que o examinador *deve suspeitar* da interpretação fornecida pelo próprio sujeito, pois seu maior ou menor grau de abertura aos processos internos tende a influenciar aquilo que pode apreender. Considera que *as associações conscientes* representam um instrumento inadequado para decifrar material de fontes arquetípicas. A consciência pode não dispor de qualquer informação acerca do assunto. E assegura a necessidade da habilidade de um *observador objetivo*, cuja percepção consciente, não contaminada por material pessoal, é o único meio que se dispõe para a apreensão do significado dos dados subjetivos.

Pôde-se verificar neste trabalho,contrariamente ao recomendado por McCully,

que a *descrição da vivência* ante a imagem projetada pode fornecer elementos valiosos do significado das respostas, ou seja, para a conscientização tanto do sujeito quanto do investigador.

#### **4.3.4 PRANCHA IV - A autoridade e o poder masculinos**

A maior parte dos clínicos concorda que a Prancha IV produz, frequentemente *material associado à masculinidade e ao mundo masculino*. Com freqüência ela é citada como a “*prancha do pai*”. Contudo, é difícil explicar, de forma direta, a relação da Prancha IV com a masculinidade. Isso se deve ao fato de as conexões conscientes com a masculinidade não são atingidas por ela. A essência do mundo patriarcal resultou do trabalho do Paleolítico, mas a sua forma origina-se primariamente do Neolítico, quando emergia aspectos do psiquismo masculino diferenciado do feminino, pois os homens já tinham alcançado um certo *grau de separação do poder matriarcal*, formando uma definição para a masculinidade. São variadas as explicações para as qualidades masculinas da Prancha. Por exemplo, a “cabeça de touro”, é lembrada pelo autor, como uma associação relativamente freqüente para essa prancha, podendo-se observar que a imagem apresenta considerável semelhança com as cabeças e chifres de touro dos cultos religiosos do Neolítico. Outra semelhança é a imagem usual de gigante ou de um macaco gigante e o poder evocador do seu sombreado. Enfim, as imagens vistas na prancha sempre se relacionam com *o lado masculino da vida*.

Apresenta McCully uma dedução interessante, concluindo que “se a energia arquetípica é ativada pela Prancha IV, o homem se encontra com sua força bruta, porém este aspecto do arquétipo masculino oriundo das suas proezas como caçador

ou perseguidor pode estar a caminho da extinção e *sua energia talvez esteja modelando-se através de um novo veículo, o da conservação e proteção do meio ambiente*. Nossa preocupação coletiva com as condições do meio ambiente estão se tornando tão carregadas de energia que esta década (1980) poderá presenciar o *surgimento de um novo arquétipo*” (pág. 149).

A Prancha IV poderá fornecer informações acerca do *arquétipo da estrutura masculina*, como base para o *psiquismo masculino*. Afirma McCully que a essência do psiquismo masculino inclui componentes relacionados com aquilo que os homens do Paleolítico tiveram que compreender acerca de si próprios, a fim de *descobrirem sua própria natureza e encontrarem a fonte masculina do poder psicológico* (grifos nossos). A prancha permite observar as *condições da estrutura masculina individual frente à estrutura arquetípica* e como a estrutura pessoal é potencializada. As condições da vida adulta tendem a levar o indivíduo a uma avaliação consciente de si mesmo como homem: isso representa a sua identificação. Um sujeito que vê a prancha como uma “lagarta” demonstra uma fonte de energia extremamente fraca em sua estrutura masculina (identificação negativa com sua essência masculina, mostrando-se abalado o nível de auto-estima como homem)

*A imagem de um “gigante” é importante como continente da aspiração; todo filho é pequeno e o pai lhe parece um gigante, e ele aspira ser tão grande quanto o pai*. O filho descobre que tamanho traz poder. Nos contos de fadas, onde se vê a autenticidade psicológica da natureza da criança, os gigantes apresentam usualmente uma relação negativa com o poder (isto é, são geralmente ameaçadores).

A Prancha IV diz respeito ao homem natural, ao homem em relação com sua fonte pessoal de energia masculina, podendo-se deduzir que *não tem a ver com a sexualidade e sim com o poder masculino*. É preciso, portanto, de dados específicos

para comprovar se o problema de poder do sujeito está ligado ao aspecto sexual. Afirma o autor que um sujeito feminino apresenta uma maior tendência para ligar, psicologicamente, o sexo e a função do poder, através desta Prancha, do que um sujeito do sexo masculino, apontando a probabilidade de que a filha entre em relação com o poder da autoridade do pai e, em conseqüência, possa desenvolver um complexo.

#### **4.3.5 PRANCHA V - Confronto com imagem simultânea de dois mundos: o Ego (consciente) e as fontes arquetípicas (inconsciente)**

Um óbvio padrão formal tende a impor-se na percepção desta mancha, o que leva o sujeito a uma escolha mais consciente do que em algumas outras pranchas. Assim, mais que na Prancha III, quando um sujeito não reage à forma evidente da borboleta ou morcego, há a emergência de um material poderoso relacionado quer a um *complexo pessoal*, quer a *fontes arquetípicas*. O bloqueio prolongado com relação a esta prancha tem sido associado à esquizofrenia. Referindo-se a este bloqueio, escreve McCully: “parece ser a perplexidade e a confusão que o *ego* experimenta, quando confrontado com imagens simultâneas de dois mundos: o mundo óbvio, razoável e lógico, e o outro, algo fantástico, irreal e mesmo assustador” (p.159).

*A linha central da Prancha V* pode evocar algo arquetípico relacionado com a separação entre consciência e inconsciente.

*Esta mancha tem a capacidade estimuladora de deslocar a energia sexual de uma base instintiva para um plano arquetípico. Se um sujeito se acha aberto às fontes arquetípicas, ela pode excitar a energia arquetípica associada aos*

*componentes bissexuais* da psique humana - que pode trazer confusão na diferenciação dos gêneros em pacientes perturbados; essa confusão não se expressa através da energia sexual e não deve ser simplesmente diagnosticada como um complexo sexual. Trata-se de uma luta contra *duas forças que desejam dominar a consciência: o ego e o poder negativo das fontes arquetípicas*.

*Essa Prancha tem o potencial para mergulhar o sujeito na mitologia*. As duas figuras recessivas como perceptos, reclinadas para trás, combinam com qualidades associadas a Pã e no início da era cristã a influência de Pã foi contraposta à de Cristo. Sugere o autor que alguns aspectos da Prancha V apresentam potencial estimulador para detonar processos arquetípicos que dizem respeito à *diferença entre o bem e o mal*.

Ela apresenta também alguns paralelos notáveis com o Paleolítico e o Neolítico, como os chifres gigantescos semelhantes aos expostos no palácio de Knossos. Talvez a característica mais interessante desta Prancha seja sua semelhança com um *senal deltóide* empregado pelos artistas do Paleolítico. O desenho de um colchete em Lê Portel também é bastante parecido. Leroi-Gourhan, citado por McCully, (p.162) estabeleceu uma relação entre o colchete e a estilização paleolítica da mulher curvada, em rito de fertilidade. Tanto o bumerangue, quanto a mulher curvada e o bisão podem ter tido um significado religioso para os homens do Paleolítico.

Eles poderiam estar comparando os poderes masculinos e femininos ou talvez mostrando que seus poderes combinados tornavam viáveis os recursos necessários à sobrevivência. A Prancha V pode também evocar imagens associadas a *diferentes planos da luta pelo poder*. Alguns sujeitos vêm animais chocando-se de ponta cabeça. Isto repete o tema arquetípico de uma poderosa batalha de instintos. Imagens

como “dois carneiros com os chifres entrelaçados numa luta” representam o tipo de imagem mais agressivo que o Rorschach provoca. O autor sugere que, mais provavelmente exista, neste caso, uma batalha interior pelo poder, na qual a energia arquetípica foi ativada.

#### **4.3.6 PRANCHA VI - Sob o poder do culto fálico**

Enquanto a Prancha IV tem relação com a estrutura e a energia associada à psique masculina, a Prancha pr VI tem relação com o *funcionamento masculino*. Assim, essa Prancha poderá acrescentar algo às informações que foram obtidas através da Prancha IV. Algumas qualidades da Prancha têm a ver com a forma como a energia é gasta na vida e sobre a adaptação do sujeito; a qualidade da textura que é vista no sombreado permite medir seu grau de sensibilidade.

Se o sujeito é do sexo masculino, para que ele *funcione* como homem, deverão ter sido realizados alguns aspectos da iniciação psicológica à masculinidade. Aqui temos o reverso da Prancha II na qual o órgão feminino era dominante e o masculino mais recessivo. *Na VI, a forma fálica domina* e a linha central e outros aspectos da parte inferior podem ser percebidos como genitais femininos. Os órgãos isolados propiciam a oportunidade para separar a experiência subjetiva da sexualidade instintiva. Quando um sujeito do sexo masculino já é independente da autoridade feminina (que atua mais sobre a Prancha II), ele é livre para estabelecer um relacionamento diferente com as mulheres e com o lado feminino da vida; não tem mais receio do feminino.

A Prancha VI não possui qualidades estruturais que digam respeito diretamente à adaptação da pessoa como mulher. O sujeito feminino tenderia antes, a projetar

algum tipo de complexo pessoal ou algum material relativo a suas reações e aptidões frente àqueles homens que foram importante para ela. Do ponto de vista arquetípico, esta Prancha pode acionar o simbolismo ou a *energia arquetípica associada às qualidades masculinas recessivas da mulher*. Contudo, não é um estímulo que tenha relação com as tarefas femininas ou com a estrutura da mulher. Isso não significa que um sujeito feminino não possa estar sob *o poder do culto fálico* e projetar material correlato. Sob o poder do culto fálico, uma mulher pode vivenciá-lo totalmente num plano sexual ou instintivo, em várias formas de perversão sexual. Num nível arquetípico, ela pode defrontar-se com suas aspirações fálicas, sem relação com o erotismo. Ela terá que entrar em luta com seus desejos pelo poder do *logos*, desejos que podem também potencializar o comportamento obsessivo.

A noção de “inveja do pênis” não pode ser simplificada, como tem acontecido na literatura. *A inveja, com relação às características do sexo oposto, não pode ser de natureza sexual, uma vez que nenhum homem sabe o que sente uma mulher durante o ato sexual, e nenhuma mulher sabe o que o homem sente*. Não obstante, existem qualidades femininas adequadas à estrutura masculina e, quando elas não se acham na consciência, a inveja ou o anseio podem espreitar ou dominar o mundo consciente do homem; o oposto também pode ocorrer com uma mulher.

*Os arquétipos funcionam de modo a desligar uma imagem ou símbolo, de um plano especificamente sexual, para um plano hermafrodita*. Os homens acham-se dedicados à tarefa de se diferenciarem do sexo oposto, há mais tempo do que a fêmea da espécie. Enquanto ela detinha o poder como matriarca, o homem era o seu serviçal. A mulher curvada na arte das cavernas pode ser explicada com a psicologia do serviçal sexual, como uma manifestação de depreciação da mulher, definindo a superioridade masculina.

A Prancha VI revela quanta liberdade pode estar presente no sujeito do sexo masculino, embora a estrutura dela não seja adequada à indicação da natureza da libertação de uma mulher, enquanto a Prancha I pode fazê-lo. O autor ressalta que “*deverá existir uma estrutura arquetípica*” para apoiar o Movimento de Libertação Feminino. As tarefas femininas de diferenciação e de individuação não devem ser definidas a partir de valores masculinos. Existe o perigo de que ela seja aplicada a uma relação negativa com o poder masculino; o mesmo ocorre com o movimento dos direitos civis e o movimento de libertação dos negros. “*A batalha é pelo poder*”, conclui. A individuação da mulher deveria ser verdadeiramente definida em termos femininos.

Assim como a forma fálica da Prancha II, a estrutura do falo que domina a VI é composta por uma essência autenticamente masculina. Assim, a *Prancha VI pode ser associada à autoridade, decorrente do poder masculino*. Virada ao contrário, ela freqüentemente evoca imagens de portadores do poder, como reis ou governantes, figuras que se apresentam todas viradas de costas. O autor lembra que o eterno arquetipo do poder é reativado, quando nossos jovens deixam crescer o cabelo e se opõem à autoridade patriarcal.

A necessidade de fugir à autoridade e de expandir a própria força pode ser ativada, num nível arquetípico com este estímulo. Tanto os sujeitos do sexo masculino como os do sexo feminino podem exibir elementos de uma mesma relação negativa com o poder masculino. A pele animal, vulgar nessa Prancha, era obtida através da coragem dos caçadores (homens) na época do Paleolítico. E as mulheres tratavam e transformavam a pele (ela própria um cabelo) em vestimentas. As deusas da fertilidade se adornavam, simbolicamente, com partes de animais. Como símbolo, a pele poderia representar a cooperação e os esforços conjugados do trabalho e da

energia de homens e mulheres. A textura desta prancha leva um sujeito masculino à sua maneira intuitiva de ser, sua forma feminina, recessiva de apercepção. Quando ela (a forma intuitiva) funciona nele, seus princípios internos masculino e feminino ajudam-no em sua adaptação, atuando juntos.

#### **4.3.7 PRANCHA VII - O arquétipo da mulher continente sob a diferenciação do poder matriarcal**

As características desta Prancha evoca aspectos do *lado feminino da vida*, do mundo da linhagem familiar. Para clarificar as formas da Prancha VII que tenham relação com as experiências femininas, o autor se dispõe a examinar os elementos da *Paleopsicologia que parecem ter relação com a estrutura e o funcionamento do sexo feminino*. Seguindo este ramo do conhecimento, o autor descobre que o padrão de amor entre um homem e uma mulher foi sempre capturado na *presença do poder matriarcal*. Afirma que desde as épocas mais remotas, as mulheres que tinham que afastar-se da autoridade matriarcal e viver segundo o princípio de Eros, precisaram do apoio masculino para fazê-lo. A Prancha VII tem relação com *aquele aspecto da mulher que é continente daquilo que um homem é em relação a ela* e aquilo que ela potencializa nele através da atitude continente. Os homens não têm um correlato psicológico semelhante que lhes permita agir como continente para seu oposto. Isso ocorre, porque *as fontes arquetípicas diferem na psique dos dois sexos*. A Prancha VII pode ativar qualidades associadas com os aspectos da mulher que propiciam o companheirismo e o casamento.

Esta Prancha amplia os valores femininos para além do poder sagrado de *dar e tomar a vida* e manter os ritos que sustentavam a espécie. O amor materno tem tanto

o aspecto destrutivo como nutridor. Para ir além dessas qualidades, a psique feminina precisa ir se *diferenciando* do poder patriarcal. A mulher se torna individualizada quando descobre seus próprios valores, distintos dos valores da sua mãe.

Conclui o autor, nos seus estudos, que o *poder arquetípico local* tem exercido maior influência sobre a psicologia das mulheres que sobre a dos homens. Excluindo os laços patriarcais, o desenvolvimento psicológico feminino tem sido radicalmente diferente nas várias culturas, épocas e lugares. Se esta teoria for válida, isso significa que a flexibilidade para a mudança na experiência arquetípica, pode ser mais fluida nas mulheres que nos homens.

A seguir serão identificados os elementos da prancha que têm o *poder de estimular as fontes arquetípicas* da pessoa submetida ao teste.

- 1 A imagem de um tipo de *recipiente* na Prancha, faz surgir as qualidades arquetípicas relacionadas à mulher como o *princípio continente*. A Prancha III pode mostrar como qualquer sujeito se relaciona, mas não leva diretamente à raiz do princípio de *Eros* numa mulher. *A III evoca o impacto das experiências com os outros, antes da maturidade*, que é quando o princípio de *Eros* começa a afetar o comportamento. Se um homem se acha sob o domínio da matriarca, uma mulher que lhe é contemporânea não o pode atingir por meio de *Eros*, mas apenas através do poder dessa mulher. Pode-se dizer que um casal tem “um casamento ideal” quando a mulher é continente para as energias vitais do seu marido, e ambos acham-se livres de batalhas negativas de poder.
- 2 Na Prancha VII aparecem estímulos que evocam a percepção de *órgãos sexuais* masculinos e femininos (figura fálica recessiva em cima e vulva dominante embaixo). E isso fornece um *caminho para as fontes arquetípicas*,

e o aspecto inconsciente da estrutura psicológica feminina. Os órgãos femininos acham-se colocados de modo adequados, existindo corpos femininos para serem portadores deles, e o órgão masculino acha-se deslocado. Tal como na Prancha IV, na qual o órgão feminino acha-se perceptivamente em contato com uma cabeça, aqui, o órgão masculino acha-se localizado na cabeça das figuras femininas. Para funcionar como uma pessoa completa, o homem deve estar consciente de suas características femininas, geralmente mais recessivas e deve ainda poder controlá-las. Exatamente o mesmo se aplica à mulher.

- 3 Mesmo que um sujeito feminino possa perceber as *duas figuras femininas claras* na prancha, não se pode supor que sua adaptação como mulher seja completa. Seus problemas com Eros podem ser totalmente projetados nas pranchas IV, VI ou em outras.
- 4 É psicologicamente correto que esta Prancha favoreça maior influência sobre a percepção do *simbolismo ou imagem instintiva do “cachorro”* do que a do gato. Existem contornos nela que levam à percepção de “cabeça de cachorros” e “cachorros em contato, esfregando os narizes ou se beijando. O cachorro geralmente estabelece uma relação genuína com as pessoas, enquanto os gatos têm uma ligação parasita e dependente de cuidados. Os homens, com frequência, ficam dependentes dos cachorros como proteção, alimento e guia. Os cachorros, como *veículos instintivos*, podem dizer-nos algo acerca da relação que um sujeito do sexo feminino tem com o seu princípio de Eros, o que os gatos não poderiam fazer
- 5 A Prancha VII possui outras qualidades que nos levam à psicologia da época da Cavalaria. Apresenta a capacidade de potencializar *arquétipos do Bem*

*contra o Mal* em sua relação com a castidade. Quando o *grande detalhe do meio* é experimentado diretamente como sexual (“vagina, quadril e coxas”) encontra-se uma reação psicológica próxima da inibição ou da culpa. Arquetipicamente, esse detalhe pode colocar um sujeito feminino em contato com o sentimento de sua *própria pureza* e com aquilo que ela se tornou pela forma como usou a si mesma (ou permitiu-se ser usada) sexualmente.

- 6 Uma imagem relativamente comum nos homens é a de “*querubins*”. Embora Eros seja representado por um querubim, isso não significa que o homem se encontra num relacionamento positivo com o princípio de Eros das mulheres. Usualmente diz respeito a um anseio devido à ausência desse relacionamento, ou também pode ser devido a seu próprio infantilismo.
- 7 A porção branca da mancha, virada ao contrário, pode ser percebida como qualquer *personagem de autoridade*. Se é um sujeito do sexo feminino, precisa-se saber se a autoridade do seu pai favoreceu ou inibiu suas relações por intermédio de *Eros*. Para um homem, precisa-se examinar como seu poder funciona frente a *Eros*.
- 8 Esta Prancha fornece outro componente arquetípico inerente à psique feminina: o *arquétipo da tentação*. A mulher- como- tentadora serve para definir a capacidade do homem para controlar seus impulsos. Pode-se ver isso nas mulheres arquetípicas, de Jezebel a Eva. É um aspecto do *poder feminino*. A psicologia do aspecto sedutor feminino pode emergir quando a Prancha é voltada ao contrário e aparecem “dançarinas” e “dançarinas de can-can”. Esta imagem, na mulher, pode mostrar como ela se sente a seu próprio respeito no plano das antinomias bem-mal e sagrado-profano. Uma mulher pode ter um complexo devido a *sentimentos conflituosos* em relação à forma

como vem sendo considerada, historicamente, pelos homens em geral. No que diz respeito à estrutura psíquica, *a forma como os homens definiram as mulheres exerce um poder arquetípico básico na psique feminina*, podendo o princípio de Eros não agir sobre elas. Através dos tempos, todas as culturas definiram as mulheres a partir de dois pólos opostos: *o sagrado e o profano*. Como ela é vivenciada pelos homens é parte de sua psique, o que talvez lhe tenha garantido a sobrevivência. No *mundo-da-mãe*, a mulher se move em terreno sagrado, os homens o deificaram. Como portadora e zeladora de gerações futuras, foram impostas inibições arquetípicas a seus instintos sexuais.

- 9 Como a *virgindade* da mulher foi importante para os homens, existe na psique feminina uma *energia arquetípica em torno do estado de virgindade*. Alguma coisa no *self* feminino tem sempre que ser definido em função do significado da virgindade. Enfatiza o autor que se trata de uma característica feminina e sua energia é arquetípica.
- 10 Identifica na Prancha VII qualidades estimuladoras que têm *raízes psicológicas na Idade Média*. A psicologia feminina descrita até aqui não era adequada nas eras Paleolítica e Neolítica. De acordo com a tradição ocidental, *a psique feminina foi ampliada na Idade Média, através de uma modificação na relação dos homens com ela*. Naquela época, os homens assumiram a liderança quanto às principais tarefas psicológicas, sendo que as mulheres sofriam passivamente, mudanças apenas relativas a estas forças masculinas. Pondera que atualmente, talvez estejamos caminhando rumo a tensões psicológicas inversas.

Uma das raízes psicológicas da Idade Média aparece, no detalhe central

percebido por vezes como o “*bobo da corte*”, outro símbolo dessa época. Este detalhe pode ativar a energia arquetípica associada ao papel feminino de inferioridade intelectual que o homem inebriado com o poder do seu *logos*, vem fazendo a mulher sentir há longo tempo. Esclarece o autor que a diferença entre os sexos quanto ao mero poder intelectual deveu-se, em parte, às diferenças existentes quanto àquilo que lhes despertava curiosidade; enquanto os homens têm-se mostrado curiosos a propósito das coisas, as mulheres sentem curiosidade pelas pessoas. O bufão era o bobo esperto e, enquanto se fazia de tolo, representava a vida, possibilitando uma visão abrangente dos paradoxos e desajustes sociais - atitude assumida tradicionalmente pelas mulheres. A abertura do campo de consciência das mulheres tem acontecido com muito menos gasto de energia que a dos homens. Um homem avalia-se a si mesmo baseando-se no seu saber; este tem sido o território masculino. A mulher dirige-se muito mais no sentido da ampliação do campo de conscientização da própria psique feminina. Contudo, aponta a evidência de que o psiquismo dos gêneros está sofrendo visíveis modificações arquetípicas: os homens atuais estão sendo menos dissimulados em sua exibição física para atrair as mulheres, enquanto estas tendem a se preocupar menos com a atração que exercem por sua aparência e a se ocupar mais com a ampliação do seu poder intelectual. Os efeitos deste interjogo de forças podem ser projetados nos estímulos adequados da Prancha VII.

#### **4.3.8 PRANCHA VIII - Primeiro estágio da individuação - a matriarca substituída por Eros: o arquétipo da iniciação para a convivência; estímulo das aspirações acerca da vida e das metas**

O autor sugere que além da correspondência entre a estrutura psíquica e a estrutura perceptiva do Rorschach existe ademais alguma forma de progressão psicológica associada à sucessão das pranchas. Isto quer dizer que as pranchas poderiam corresponder, grosseiramente, aos estágios de *individuação* descritos por Jung.

A Prancha VIII mobiliza experiências ligadas ao mundo da *iniciação masculina e feminina à vida em comum*; tem poder arquetípico que potencializa os laços interpessoais homem-mulher dizendo respeito, arquetipicamente, ao *modo de funcionamento adotado pelo sujeito resultantes do intercâmbio masculino-feminino*, em todos os planos vivenciais, através de uma relação inter-pessoal importante e profunda.

A série VIII, IX e X estimula *níveis mais elevados da diferenciação psicológica*, embora este nível de diferenciação possa não se aplicar a qualquer sujeito que se submeta ao teste. Estas três últimas podem, portanto, tanto proporcionar apenas um resumo ou algumas informações adicionais sobre a psicologia do sujeito (já sugeridas antes), como podem surgir novas facetas associadas a elas. Em certos sujeitos, é possível ver sinais resultantes do fato de não haverem completado certas tarefas que lhes possibilitariam passar para o estágio seguinte da individuação. As pranchas refletem aquilo que a vida apresenta, e todas as três são capazes de fazer um sujeito mostrar facetas de regressão ou de crescimento. A individuação através de estágios não evita a regressão a um estágio anterior. Todavia, lembra McCully, se uma pessoa dá um passo atrás, usualmente ela o faz de forma diferente, bem como com o conhecimento dos meios para ir novamente em frente.

A Prancha VIII possui cores vivas e formas definidas. McCully considera que,

tal como a Prancha II, estas características perceptuais do estímulo fazem com que se justaponham os sentimentos (mobilizados pela cor) e os instintos (pelos animais). Os sentimentos vivenciados em relação aos instintos básicos fornecem os ingredientes essenciais à *iniciação*. A Prancha VIII segue-se ao material associado à estrutura do princípio de *Eros* (como ambos os sexos se relacionam por meio desse princípio). De modo que nesta Prancha, a pessoa é levada a uma tarefa psicológica mais elevada do que a definição de papel, que era a tarefa de iniciação associada à Prancha II. Por meio de suas poderosas qualidades associadas aos sentimentos e aos instintos, *a VIII leva o sujeito ao mundo da iniciação masculina e feminina, à vida em comum, segundo o princípio de Eros*. Ela tende a estimular *as aspirações acerca da vida e das metas, a questão para onde se vai e o que se constrói*.

Usualmente *os animais* da Prancha VIII são percebidos como terrenos, com três ou quatro patas. Entre eles, *os planos da mancha forçam os olhos a um movimento vertical* mais do que a um movimento horizontal. Geralmente, o brasão ou escudo de armas visto nesta prancha, tem origem na *Idade Média*, época em que homens e mulheres viviam em contato com um *princípio emergente de Eros*. A Prancha III tem relação com as características pessoais ou individuais adquiridas por um determinado sujeito. A III traz o lado pessoal, enquanto a VIII mobiliza a estrutura que possibilita a um sujeito agir ou ser ativado de uma forma não pessoal, e sim social.

Comparando as Pranchas II e VIII, o autor identifica aspectos formais que têm relação com a sua tese - sobre a *definição de papéis masculinos e femininos, na II e a vida em comum ou social, na VIII*.

Estes aspectos são os seguintes:

- 1 O espaço branco circular central da II, desaparece na VIII.
- 2 Os estímulos para *órgãos sexuais deslocados* (masculinos e femininos), *um*

*dominando o outro na II, são recessivos na VIII.*

- 3 A VIII tem um impacto envolvente (“uma coisa surgindo da outra” é uma imagem freqüente em sujeitos abertos a seus processos internos),
- 4 Na VIII, a *ação move-se verticalmente*, enquanto na II a ação é horizontal, aparecendo dois lados ligados entre si. Os animais da VIII estão separados, enquanto na II estão em contato direto.
- 5 Os elos da prancha VIII com a psicologia do mundo materno e com as tarefas do Paleolítico e do Neolítico tendem a ser recessivos ou remotos. As raízes psicológicas desta prancha estendem-se mais *nas fontes arquetípicas da Idade Média. A matriarca foi substituída por Eros*, segundo o autor. Se o sujeito tem um complexo poderoso, associado ao poder matriarcal, poderá projetá-lo aqui de forma tão intensa como na prancha I. Isso porque *a psicologia do poder arquetípico da pr VIII lhe é vedada*. Ao invés de estarem interagindo de forma brincalhona ou em conflito, os animais da VIII mostram-se mais *resolutos e comprometidos*; e essas figuras animais fornecem indícios da natureza e qualidade da *energia instintiva que dá força a Eros*, se o sujeito vive segundo este princípio. Se não existe uma relação genuína potencializada por meio de *Eros* para o sujeito, as figuras animais assumem um significado diferente (e não mais a atitude resoluta e comprometida)
- 6 Os espaços em branco da VIII têm um poder considerável como organizadores da percepção, embora seja um poder recessivo. O mesmo se aplica às áreas que tendem a ser portadoras de conteúdo de órgãos sexuais masculinos ou femininos. *Se Eros funciona e os parceiros se acham em harmonia, diminui o poder de influência da energia sexual*. É este o

significado da ausência aqui, de um órgão dominante, bem como dos animais separados.

- 7 O espaço em branco entre os animais configura um círculo maior que o da Prancha II: o *símbolo do poder matriarcal* ainda se acha ali, mas é *recessivo* e se apresenta em relação à unidade total da mancha. Ainda no branco, vê-se linhas em forma de *delta* como na arte das cavernas, contornos próprios de um bisão, vértebras ou ossos de animais e os reincidentes chifres. São símbolos e imagens importantes da arte das cavernas, embora recessivos à percepção. As imagens do espaço em branco têm sido associadas a *tendências à oposição e a características paranóides*; e a evidência experimental geralmente dá apoio a esta observação empírica. Para compreender contra o que a oposição é feita, pode-se usar a *estrutura dos potenciais arquetípicos* inerentes a uma dada prancha.

#### **4.3.9 PRANCHA IX - Segundo estágio da individuação - energia arquetípica associada às metas e significados vitais espirituais. O arquétipo da vida e da morte**

A Prancha IX fornece informações acerca da energia arquetípica associada às *metas*. Ela pode mostrar como um sujeito lida com seu *Erlebnistypus*, e se ele assumiu um papel ativo ou passivo frente ao mesmo. *Metas são entendidas como aqueles objetivos psicológicos que acompanham o desenvolvimento à medida que o sujeito progride no caminho da individuação*. Do ponto de vista da psicologia arquetípica, esta é a razão fundamental para a IX ser freqüentemente rejeitada e considerada a mais difícil da série. Várias teorias foram desenvolvidas para explicar

as dificuldades da Prancha IX: mistura excessiva de cores, bloqueio devido a pensamentos sexuais, indigência perceptiva geral e outras. Para o autor, a IX tinha que apresentar uma dificuldade maior em vista do seu *poder arquetípico parecer ter relação com metas e com o crescimento*. Um sujeito que não tenha passado a viver segundo o princípio de *Eros*, ou que não desenvolveu um comportamento genuinamente relacional de tal ordem que esteja suficientemente aberto ao desenvolvimento, pode ficar verdadeiramente perplexo diante da IX.

Recorrendo à filosofia hindu, informa que os homens foram classificados em três grupos: *o ingênuo* ou dominado pela busca da auto-gratificação; *o comum*, no qual o indivíduo tem controle sobre seus instintos, mas quer controlar o ambiente externo para sua satisfação pessoal; e o terceiro grupo, os *espirituais*, menor e mais raro, é composto por homens que buscam algo além das necessidades físicas e procuram valores internos. Todas as religiões tiveram a função de atender *o lado não material do homem* (p. 197). *Essa necessidade é investida de energia arquetípica*. Para os hindus, o terceiro grupo volta-se para a busca de percepções verdadeiras, não contaminadas ou falsas. Os perceptos são distorcidos naqueles homens que nunca os distinguiram dos seus desejos. Quando alguém consegue um relacionamento mais amplo entre as necessidades do ego e a energia arquetípica que manifesta suas influências sobre ele, vê mudar os valores da sua consciência. *A Prancha IX pode fornecer indícios acerca da psicologia desse estado de consciência com novos valores, relativos a metas e significados vitais, não-materiais*. Se a pessoa não tem nada disponível desse estado, nada aparecerá, naturalmente. Por outro lado, um paciente bastante perturbado, através da própria experiência de perturbação, pode ser forçado a confrontar-se com características suas que, de outra forma, não surgiriam nos intercâmbios externos com os outros homens.

Assim como na Prancha VIII, na IX também as cores organizam a percepção num plano vertical. Nas outras pranchas coloridas, a cor organiza os perceptos de forma diferente. As Pranchas II e III têm duas cores que se opõem agudamente. A cor na Prancha X não tende a movimentar os perceptos ao longo de nenhum plano, embora sua forma possa fazê-lo. Quanto à Prancha IX, a cor agrupa a mancha em três segmentos num plano vertical. A idéia de algo em evolução ou de uma relação entre segmentos ocorre com freqüência, quando os sujeitos se acham abertos a um estado interior correspondente. Em função desta configuração, observações empíricas levaram o autor a descrever *qualidades arquetípicas* particulares e complexas relativas à Prancha IX:

- 1 Todas as cores acham-se associadas ao sentimento e à afirmação de vida de um sujeito. Contudo, sujeitos que lutam com idéias de *auto-destruição* conseguem deslocar as cores vivas, substituindo-as por esqueletos e ossos, porque a vida para eles tornou-se envenenada. Uma experiência arquetípica inegável é o *arquétipo da vontade de viver* que pode manifestar-se nessa Prancha.

O que ocorrerá no interior dos poderes arquetípicos quando alguém decide morrer? O autor afirma que os valores conscientes de uma pessoa podem mudar quando o poder dessa energia arquetípica estabelece uma *relação negativa* com o ego. Existe um *arquétipo da morte*, o qual liga todos os homens como o *nascimento*; a psique de um indivíduo é determinada por seu princípio e por seu fim, “a morte define a vida para nós”, diz McCully. O confronto com a mortalidade deve ter deixado marcas na consciência durante o Período Paleolítico. E na Prancha IX se encontram imagens Paleolíticas evidentes. Talvez a mais clara seja *a marca da mão* no segmento verde e vermelho da prancha. O autor sugere que as marcas das mãos na

arte das cavernas era um recurso empregado pelos homens para se diferenciarem do sexo oposto. Quando conseguem isso, os homens tomam consciência de si sob uma nova forma. *O violino, a taça ou algum tipo de recipiente* no centro da IX assemelham-se ao tronco feminino estilizado da escultura do Paleolítico, que representava a deusa da fertilidade com uma taça ou cálice medieval, que indicam como as mulheres se relacionam com os homens, sendo o receptáculo da energia masculina. E pela primeira vez na série da Pranchas aparece, de forma adequada, a imagem de órgãos sexuais masculinos e femininos em união. O autor lembra que princípios opostos acham-se na mesma pessoa. *A união dos opostos* num nível não sexual acontece apenas após ter tido lugar a *diferenciação do oposto*, expressando essa união um estágio mais avançado no desenvolvimento psicológico. A imagem hermafrodita pode ter sido usada pelos homens do Paleolítico como uma forma de definir o poder masculino independente do poder matriarcal. “Agora ele se torna, psicologicamente, um continente não feminino (ou para além de Eros): *é ambos*, não é dominante, nem recessivo” (p. 201), conclui definindo o sentido das imagens encontradas. Neste processo integrativo, o homem não se acha mais na compulsão de se perceber apenas como um homem, o mesmo sendo válido para o sexo oposto. Contudo, quando o sujeito se encontra sob o *poder arquetípico dos opostos* em grande extensão, ele pode adoecer, ao enfrentar uma batalha tão poderosa a ponto de chegar a destruir a si próprio e aos outros.

A rejeição da prancha não significa que o sujeito esteja à beira de um colapso devido aos poderes arquetípicos. Ela pode ser simplesmente devido à interrupção do desenvolvimento psicológico.

A mística espiritual de uma “*união dos opostos*” pode estar presente na vida comum. A consciência dessa união *traz os valores não materiais*, se a pessoa os tem,

para o primeiro plano da *experiência*, ou seja, a questão do homem e seu destino.

Enfim, duas *fontes arquetípicas* principais podem ser ativadas na pr IX: a união não material à vida e os mistérios da morte.

#### **4.3.10 PRANCHA X - Terceiro estágio da individuação; Funcionamento integrado do sujeito ante miríades de solicitações; Qualidades arquetípicas associadas à fonte da energia vital impessoal: “mãe natureza” ou Sansara (roda viva) dos hindus**

Muitos clínicos observam que a Prancha X possui uma característica que lhe permite resumir ou reunir tudo aquilo que emergiu a respeito da psicologia do sujeito durante a série. Pode-se considerar a X como representando o estágio que se segue ao que foi associado ao arquétipo psicológico da IX. Assim, ela pode ser vista como um instrumento para se observar o *funcionamento integrado do sujeito*. O poder de atração da forma e da cor tende a ser equilibrado e não existe uma direção dominante da percepção vertical ou horizontal. Ela se inclina a um equilíbrio perceptivo. É um prosseguimento do que pode ter sido estimulado no sujeito pela cor nas pranchas VIII e IX. Se este possui flexibilidade psicológica e sua experiência com a cor foi muito poderosa, a Prancha X pode permitir-lhe mostrar a *qualidade de sua adaptação ao meio* de cores vivas e formas bastante claras. Tanto esta Prancha como a V podem proporcionar ao sujeito um relaxamento psicológico devido à facilidade com que surgem os perceptos a partir das formas que são bem definidas.

Parece que a pr X não tem um potencial grande para a energia arquetípica quanto as outras. *Dois pares de animais*, os verdes superiores e o cinza externo, podem ser encontrados nas paredes das cavernas do Paleolítico, como bisões ou

touros com chifres e como veados. Mas nenhum deles atrai muito a percepção. Contudo, devido às muitas formas de vida que aparecem na prancha e também a uma certa característica de figuras em evolução ou estágio de desenvolvimento básico das criaturas, os sujeitos abertos aos seus processos internos, experimentam a prancha como “evolução vital”. *Na Prancha X, a natureza parece destacar-se mais que os problemas humanos.* A imagem mais comum para a prancha, é sempre alguma forma de vida marítima e com menos frequência, formas de vida na terra. Tais fatos levam à sugestão de que esta prancha possui qualidades *arquetípicas associadas à fonte da vida*, ou *Sansara*, conceito hindu de uma grande roda da vida na qual todas as coisas vivas giram. Toda mulher que já deu à luz foi um veículo de *Sansara*; o feto que ela carregava passou pelos vários estágios filogenéticos. McCully está certo de que não é sua religião nem qualquer ideologia, mas o *poder arquetípico* que faz com que a mulher se contenha ao considerar os passos para alterar o ciclo natural da gravidez. O *ciclo vital* precede o Paleolítico e segue-o como o arquétipo do círculo eterno.

Como ocorre com todas as outras pranchas, pode-se obter na X qualquer faceta de um complexo pessoal ou problema da *persona*.

Esta Prancha freqüentemente não se mostra com poderes para atuar como fonte de formação de símbolos sexuais. Existem contornos muito recessivos de órgãos sexuais deslocados. Nesta região da sexualidade não existe nenhuma evidência sobre as experiências arquetípicas do indivíduo.

Reflete McCully que como a Prancha X ativa mais o *lado impessoal da natureza*, era de se esperar que ela fosse exatamente aquela que confrontasse o homem a seu destino. Isso seria a lógica consciente. Mas não é o que acontece, porque as leis subjetivas não parecem atuar como se espera. *Temos que passar pelo pessoal e não pelo impessoal para experimentarmos as forças vitais que nos são*

*exteriores*. Usualmente obtemos aqui *imagens gerais e não se percebe nelas sinais de fontes arquetípicas*. Tais imagens refletem a adaptação do sujeito e da relação que ele tem com sua energia instintiva.

Tendo esta Prancha qualidades associadas à fonte da vida (ou *Sansara*) e sendo feminina a energia arquetípica associada a *fontes ou origens* como experiência, pode-se encontrar uma relação entre a Prancha X e a “mãe natureza”, como uma *fonte vital arquetípica impessoal*.

Ela acha-se, pois, no âmbito da experiência vital que é mais feminina que masculina.

#### **4.4 Avaliação Temática Arquetípica de Rodolfo Petrelli**

##### **4.4.1 PRANCHA I - A ansiedade do desconhecido sob a experiência arcana de desamparo: o arquétipo da mulher implorante**

O fato de ser a primeira a ser oferecida para a tarefa interpretativa, a Prancha I mobiliza um conjunto de reações expressivas da *ansiedade*. Esta ansiedade é desencadeada em vista de vários fatores, assim descritos pelo autor:

- 2 ao ser solicitado a interpretar a Prancha I, o sujeito sente-se profundamente ameaçado na sua segurança psicológico-social. Essa insegurança é resultante do despertar pelo estímulo da *arcana finitude* vivenciada pelo ser humano, mesmo que inconsciente, quando, é lançado com sua existência no mundo, “como que por decreto”, independente de sua vontade. E, além disso, justifica Petrelli, “o mundo não é hospitaleiro, não aceita incondicionalmente quem nele entra; cobra severamente perfeição física, competência, conformismo

moral, produtividade”. A possibilidade de ser aceito ou rejeitado cria uma condição de extremo desamparo, levando a pessoa a uma busca incessante de tutela e de afiliação. Para obter essa tutela, o ser humano pode oferecer “em troca qualquer prestação de serviço, às vezes até contra a própria consciência” (*in parte 3, sem paginação*)

- 3 Outro fator originante da ansiedade, lembrado pelo autor, é o fato de o Examinando realizar tarefas sem dispor de informações e instruções prévias que garantam um bom desempenho; observa que realizar tarefas carentes dessas referências gera uma intensa ansiedade. Dessa leitura, conclui-se que, à experiência arquetípica de desamparo com que é lançado o ser no mundo, em vista do risco frente à existência, sob a consciência de sua finitude, alia-se a situação específica da administração e da natureza do material da Prova que não fornece ao sujeito nenhum referencial de um bom desempenho, deixando-o à mercê dos seus próprios recursos.

Acrescenta que para muitos estudiosos do Rorschach, a primeira prancha é um *significante materno*, simbologia que é por ele também adotada. Porém, não atribui o sentido de “mulher atuante”, visto em McCully. Compara a imagem do centro da Prancha a uma figura de mulher com braços levantados em atitude implorante pela adoção do filho ao *dominus pater familias*, que tinha poder de vida e morte sobre todos os nascituros do clã familiar.

De modo que este arquétipo potencializa o desamparo primitivo, sendo perturbador especialmente para as mulheres e seus filhos pequenos. Conclui afirmando que a experiência primordial - arcana de ansiedade pelo risco percebido da perda da própria vida, dos direitos fundamentais e dos privilégios sociais sob o arbítrio do *pater familias* é constitutiva de estruturas da psique humana. A seu ver,

essa experiência é ainda mais primária que a famigerada ansiedade do nascimento.

Sujeitos acometidos pela síndrome da tutela se atrapalham muito nessa prancha. Mas não só eles. Também os manipuladores na tentativa de dissimular traços repreensíveis da personalidade, ou fatos transgressivos ou criminosos na conduta. Estes se atrapalham com operações manipulativas, impróprias, mostrando tensão, nervosismo e excentricidades incompatíveis com a tarefa interpretativa, ignorando o que é simples e óbvio com descrições abstratas, revelando com este comportamento escorregadio o medo de se denunciar através do comprometimento genuíno com a tarefa.

#### **4.4.2 PRANCHA II - As experiências traumáticas do passado próprio ou arquetípico**

Aqui é possível ser estimulado o terrificante originário ou arquetípico particularmente se resta uma ansiedade residual da Prancha I. O conjunto plástico cromático da II parece se constituir no estímulo a situações dramáticas pessoais e arquetípicas.

- 1 Ela parece mobilizar três arquétipos de traumas que a humanidade registrou na sua evolução registradas como estruturas de risco à integridade da vida. Para cada categoria de trauma há um estímulo correspondente localizado na Prancha
- 2 Trauma da violência e da agressão à corporalidade: despertado pelos estímulos vermelhos do material
- 3 Trauma gerado por experiências de perda, abandono e luto: evocado pelo branco central, captado em diversas interpretações com o sentido de um vazio

- 4 Trauma por culpa e por violação à integridade do Eu, gerado por ofensas profundas à auto-estima: mobilizado pela cor preta dos detalhes laterais, impregnadas de inclusões vermelhas.
- 5 Como se pode notar, os arquétipos referidos por McCully - relativos a experiências prototípicas da identidade masculina - diferem aparentemente das experiências arquetípicas mobilizadas por esta Prancha nos estudos do Prof. Petrelli. Se se levar em consideração, contudo, que a relação da conquista de identidade masculina passa pelo processo do conflito dos opostos, sob o risco da sobrevivência física e psíquica - risco já referido por McCully - chegar-se-á à mesma configuração estimuladora traumática identificada nos trabalhos de Petrelli.

#### **4.4.3 PRANCHA III - A estrutura da dualidade e a estrutura que torna possível a atividade**

O mal-estar, a crispação da II desaparecem quando se passa à III: a percepção de humanos na III é um reconhecimento imediato-espontâneo, carregado de alívio, como se algo familiar viesse se desvelando depois de um ocultamento temporário. Afirma o autor que o humano, mais que qualquer outra espécie, sente uma atração de natureza ontológica pelo humano, como um “ego e alter-ego”, o indivíduo tem uma atenção seletiva para os indivíduos de sua própria espécie, por uma solidariedade primária. Na resposta “duas pessoas fazendo algo” além da estrutura do *ego* e *alter-ego*, projetam-se duas outras estruturas importantes constitutivas do ser e do existir humano: a *estrutura da dualidade* e a *estrutura que torna possível a atividade*.

A dualidade é uma estrutura que representa a maturidade do estar-junto depois

da percepção da radical diferença eu-outro e eu-mundo.

O perceber figuras fazendo algo é a projeção de dinamismos vitais sempre disponíveis quando a vida corre risco ou quando se precisa expandir superando limites e obstáculos. É, segundo Roger Muchielli, a solicitação à atividade ou iniciativa pessoal do sujeito.

Nem toda a atividade investe motricidade, há atividades puramente mentais como: refletir, orar, tomar decisões. A estrutura da atividade é considerada no Rorschach a coluna da personalidade e não deve faltar na prancha III. É preciso ter certeza da impossibilidade ou impotência de perceber o humano na estrutura dual e do fazer (e isso se faz no Inquérito de Limites). Em configurações não psicóticas, a falta de GKH/Ban pelo menos indica uma grave inibição da iniciativa da livre opção e dos centros motivacionais.

#### **4.4.4 PRANCHA IV - A autoridade paterno-viril**

Esta prancha, pela sua própria forma e composição de preto massivo e denso, significando semanticamente, a noite, a escuridão, a tempestade produz uma reação de espanto. A imponência da figura desperta o arcano do poderoso, do grande e do misterioso. Assim ela evidencia as emoções e sensações que se sente diante do ameaçador. Esta Prancha vem carregada do terrificante oriundo da experiência com um poder inacessível, exigente e punitivo que é constitui a *estrutura arcaica e arquetípica da psiquê humana*. É um terrificante que invade homens e mulheres, mas especialmente mulheres na adolescência e crianças, “cuja imagem paterno-viril é mais presente e operante na lembrança, nas fantasias, nos sonhos e nos delírios”.

Diz o autor: “toda mulher e também cada filho de mulher se representa esta

imagem arcana reificada na figura do *pater familias* que tinha o poder de adotar e de rejeitar os recém-nascidos. A mulher estemecia angustiada naqueles terríveis instantes que se passavam entre a apresentação e a sentença positiva expressa nas fatídicas palavras: “*puteor te esse meum filium*” Esta angústia transformava-se em profunda depressão quando a sentença era negativa: a honra da mulher era destruída com a rejeição do recém-nascido”.

A prancha IV deve reevocar no fundo do inconsciente esta figura de gigante no tamanho do seu poder irracional, despertando a situação emocional típica que se produz entre o dominador e o dominado em suas múltiplas formas culturais: pai-filho; criança-adulto; forte-fraco. Diz Cechin que esta é a prancha da autoridade e das dinâmicas nela envolvidas, que pode ir desde uma autoridade a serviço até um autoritarismo impositivo e ameaçador.

A evocação da imagem paterna nesta prancha sempre se dá com uma grande disforia pois administrar um pai e ser administrado por ele foi muitas vezes traumático. A dialética autoridade-submissão pode despertar, porém, como lembra Cechin, emoções que vão desde a reverência e o respeito até as emoções contraditórias-amor e ódio, às emoções de impotência e anulação do sujeito

#### **4.4.5 PRANCHA V - A estrutura da unidade interna corpo/mente num único princípio de auto-referência**

Esta prancha produz efeito análogo ao da III: um reconhecimento imediato acompanhado de alegria espontânea frente a algo familiar extremamente compreensível, pois é expressivo do consenso dos indivíduos pertencentes a um mesmo grupo de uma mesma cultura. É o óbvio símbolo de um ser vivente dotado de

asas, desde uma borboleta, um morcego ou um pássaro qualquer. Afirmo Petrelli que o apelo da V é sobre a capacidade espontânea de participar do evidente de determinados símbolos, pois o reconhecimento convive com uma intersubjetividade que transcende e garante a subjetividade do indivíduo.

A banalidade registra exatamente o acesso ao senso comum e a Global+ garante a assimilação do *apriori* da unidade absoluta que existe antes das partes dando razão às partes. A Global+ é a *estrutura que garante a unidade interna da própria pessoa*. A prancha V indica, em suma, a imagem de si mesmo para o sujeito ou a auto-percepção de si na relação com o real, com os outros e com a ação, a expressão do sentimento de si como unidade pessoal, como função de síntese e de liberdade. A resposta Global+ aponta para a resistência contra a possível ou eventual experiência de fragmentação ou de dissociação, e além disso, projeta uma fundamental estética e harmonia interior: *corporalidade e identidade em sintonia perfeita*; corpo e mente como dimensões aceitas por um princípio único de auto-referência que é a própria pessoa.

#### **4.4.6 PRANCHA VI - A sexualidade em suas diversas linguagens**

A prancha VI estimula a sexualidade e sua linguagem numa pluralidade de temáticas religiosas, políticas, artísticas, ludo-eróticas. A boa administração da sexualidade é revelada numa resposta de totalidade e vista pelo consenso, classificada como GF+A/BAN.

O autor utiliza da proposta teórico-operacional de Sullivan (desenvolvido em *Teoria Interpessoal da Psiquiatria*) em relação à formação do Eu adaptando a referida proposta à formação do sistema da sexualidade.

Os três sistemas ou organização do Eu, de Sullivan são:

O *Eu bom*-quando todos os componentes do Eu são integrados num *proprium* consciente e deliberativo. A sexualidade é uma parte constitutiva e fortemente representativa do Eu. Neste sistema do Eu, teremos uma sexualidade integrada e por isso, que aceita diferenças e funções, manifestando complacência, ludo, estética, erotismo.

O *Eu mau* - quando as partes integrantes biológica ou culturalmente são consideradas como inclusão de algo ameaçador, produzindo ansiedade, medo e rejeição. Nesse Eu mau a experiência da sexualidade é provocadora de traumas e conflitos, perturbações diretamente enunciadas no discurso, no comportamento, no silêncio ou indiretamente enunciadas por um complexo sistema de mecanismos defensivos, que vão de reinterpretação paranóide às construções sublimes artístico-religiosas.

O *Não Eu* - é o mais potencialmente patológico por dissociar radicalmente partes integrantes do self da unidade pessoal (o mesmo que alienação, na Gestalt). E a sexualidade entra freqüentemente em cheio entre as partes negadas e retiradas da consciência e dos esquemas comportamentais operativos da pessoa. Neste sistema do Eu, a sexualidade sai do campo da experiência e da consciência e em seu lugar ficam operações mecânicas áridas.

Interpretando as respostas dessa Prancha na perspectiva da *convivência*, acrescenta Cechin, ela revela como a imagem sexuada de si e do outro é integrada no mundo da consciência e como a pessoa enfrenta a sexualidade quando solicitada.

#### **4.4.7 PRANCHA VII - O arquétipo materno originante da estrutura dual**

A prancha VII é considerada um *arquétipo imagem-materna*, talvez pelo grande vão central branco e pela fenda claro-escuro na parte inferior, por onde passa o drama do dar-à- luz.

O branco central mobiliza as mais variadas tensões e sentimentos, desde um espaço a ser percorrido e preenchido, até um espaço vazio, um poço sem saída. Evoca a perda, a separação, exclusão, punição, provocando culpa, confusão de referência primária, perda de contato com o outro e conseqüente isolamento afetivo-social e então a solidão. A *estrutura prototípica do “estar-junto-com”* se constitui nos primeiros contatos com a mãe.

Esta prancha pois evoca as *relação Eu-Tu*, relação de intimidade interpessoal, podendo aparecer reações que garantem a presença da *estrutura do estar-junto-com* ou percepções reveladoras de *imaturidade nas relações interpessoais*, até percepções de prognóstico negativos em relação à intimidade interpessoal ou Eu-Tu.

Deduz o autor que o fracasso na VII pode ser apenas uma seqüela da derrota na VI, pois sem domínio sobre a genitalidade ou com uma genitalidade destruída, é difícil administrar uma relação competente com os outros.

A genitalidade é sempre envolvida nas relações interpessoais, seja quando é proposta como protagonista em um encontro, seja quando a própria genitalidade é retida por um compromisso de consagração religiosa, mística, estética ou artística.

Quando a genitalidade é geradora de ansiedade, a intimidade também padece dos mesmos dramas, por isso que *maturidade genital e maturidade na intimidade* representam dois aspectos de *uma mesma dimensão do estar-com*.

#### **4.4.8 PRANCHA VIII - Capacidade de apreensão dos símbolos da cultura e enfrentamento das tarefas da vida em comum (*koinonia*)**

Na prancha VIII também deve acontecer o reconhecimento imediato como na III e na V. A produção da resposta banal clássica garante ao sujeito a capacidade de enfrentamento de vivência em grupo, do estar-junto-com social. E a capacidade de reagir às cores é sinal de capacidade de estabelecer um contato sócio-afetivo, sendo que a maneira de reagir indica a qualidade desse contato ou da adaptação ao grupo.

Há duas maneiras para se garantir a vida em comum (*koinonia*, em grego): a percepção da banalidade, indicando a compreensão dos símbolos comuns de uma cultura e de um grupo; e a percepção de qualquer forma com uma ou outra cor como qualidade afetiva substancial.

Enfim, a banalidade e a presença de resposta forma-cor indica a capacidade de *compreender os símbolos da cultura* ou do grupo e a *sintonia afetiva com o mundo exterior e com o entorno social comunitário*; estas duas estruturas constituem o ser um - com-os-outros.

As cores que compõem a Prancha VIII provocam reações mais ou menos intensas para quem não lida bem com as emoções, especialmente se a percepção do detalhe banal não ocorre de imediato, mostrando que o impacto cromático perturbara os processos cognitivos lógicos.

Enfim, a banalidade e a presença de resposta forma-cor indica a capacidade de *compreender os símbolos da cultura* ou do grupo e a *sintonia afetiva com o mundo exterior e com o entorno social comunitário*; estas duas estruturas constituem o ser um-com-os-outros.

As cores que compõem a Prancha VIII provocam reações mais ou menos intensas para quem não lida bem com as emoções, especialmente se a percepção do detalhe banal não ocorre de imediato, mostrando que o impacto cromático perturbara os

processos cognitivos lógicos.

#### **4.4.9 PRANCHA IX - O *imprinting* da euforia ou disforia primária na relação mãe-filho**

A Prancha IX contendo uma multiplicidade de cores suscita a dimensão emocional do sujeito, podendo dificultar a organização do material estimulante em formas no espaço. Por seu lado, o vão central predominantemente branco e fortemente associado à “*imago uterina*” tem efeito de regressão que pode se manifestar tanto num aumento da mobilidade como num bloqueio de processos psíquicos devido ao estado de choque. A reevocação da imagem maternal tem sempre um efeito regressivo no adulto.

A prancha IX é considerada materna, por muitos estudiosos especialmente devido ao vão central, com um fissura no fundo, o que, de acordo com Petrelli, constringe à reevocação da passagem natal para um novo drama do nascimento. Os dois vermelhos inferiores aumentam a dramaticidade reevocando a violência do parto.

As primeiras formações da afetividade ou *imprinting* vão moldar mecanismos físico-biológicos de base temperamental-caracterial da pessoa: pessimismo, otimismo, irritabilidade, tolerância, distonia e sintonia – todos têm suas matrizes neste *imprinting* primário com a mãe.

Enquanto a Prancha VIII solicita uma resposta aos estímulos sócio-afetivos de ordem geral, a IX também estimula respostas de ordem sócio-afetiva, mas em nível mais primário e próprio da intimidade. Ela evoca a afetividade profunda ligada à imagem materna, aquilo que Jung chama “a mãe dentro de nós”. Segundo Muchielli,

é a prancha das situações nas quais o sujeito tem que exprimir os sentimentos íntimos através de uma relação interpessoal ou social que solicita expressão mais espontânea. Ela solicita uma abertura mais intensa ao outro.

A prancha IX desvela, em suma, uma história de vida mãe-filho ou mãe-filha implícita na relação indivíduo-mundo, indivíduo-cultura, indivíduo-grupo

#### **4.4.10 PRANCHA X - A integridade do *Self* ante a multiplicidade de solicitações: a diferenciação da unidade em partes com sentido e o retorno à unidade originária**

“A prancha X se apresenta como um dado de fato: a dispersão necessária e a fragmentação de uma unidade que desfazendo-se, possibilita a multiplicidade, a diferenciação dotada de senso e por fim a saudade e o retorno à unidade originária”(Petrelli,sem paginação).

A interpretação dessa Prancha, para a personalidade normal, exige um trabalho investigativo analítico, que o autor caracteriza como de natureza cognitiva taxonômica: cada coisa em seu lugar, denominada de forma clara e distinta, fechada em sua função em-si e para-si.

Nesta prancha conclui-se o IR (Índice de Realidade, de Roger Muchielli) presente na banal siri- caranguejo- aranha, à qual se atribui 2 pontos.

O obstáculo pela fragmentação da mancha provoca o pânico em qualquer esquizofrênico, declarado ou não, e a coreografia de cores perturba o “neurótico”.

A esquizoidia ou esquizofrenia se desvela através de respostas que tentam inutilmente reconstituir uma unidade (“*inversão de Petrelli*”, fracasso da unidade na V e unidade confabulada na X). Esta tentativa esbarra numa dificuldade insuperável,

pois a estrutura formal da Prancha torna a unidade primária impossível, sendo procurada apenas por um penoso senso de culpa criado na prancha V, quando a evidente transparência da unidade foi quebrada por um imperdoável Do, enfatiza o autor.

A sintonia neurótica se manifesta na incapacidade, por dificuldades com as cores, de organizar um detalhe, mesmo que seja apenas um, de boa forma: DF+A/Ban. Outros fenômenos que indicam a sintonia neurótica, a sua profundidade e a sua extensão são: o tempo de latência dilatado, o choque à cor, as cores de formas defeituosas e as cores puras.

Esta última prancha mede também o nível e a qualidade da inteligência prático-operativa, a capacidade de organizar fatos e elementos em um espaço concreto, a capacidade de operar sistematicamente e a co-produção em grupo.

Miriam Orr considera o choque a esta Prancha não como um choque ao vazio, como foi pensado por alguns, mas um *choque à fragmentação*. Esse parecer é mais coerente com a especificidade da Prancha, visto que enquanto a V solicita reações diante da unidade estrutural do eu perante o mundo, a X solicita reações diante da multiplicidade do eu e do mundo. Ela testa a identidade da pessoa em se manter uno no fluir do tempo, e a exigência dialética de que seja também múltiplo nas diferentes modalidades de existir. Esta Prancha põe à prova esta realidade dialética de um e de muitos, exigindo manter a unidade apesar da multiplicidade, isto é, o eu não se fragmentar diante da variedade de solicitações de modos de ser.

Para Roger Muchielli, a Prancha corresponde à vida cotidiana no seu aspecto social, na qual o indivíduo deve desenvolver uma multiplicidade de ações sob o olhar de seus parceiros humanos.

## PARTE 5

### Metodologia e Hermenêutica do Caso Clínico

As questões que se colocaram para serem pesquisadas foram:

1. Que significado têm as respostas dadas no Rorschach? Ou seja, as respostas aparecem como símbolos, mas o que simbolizam?
2. As pranchas do Rorschach provocam a emergência de *vivências* relacionadas às regiões estabelecidas como arquétipos comuns à humanidade?
3. Podem estes arquétipos se revelarem de forma personalizada no examinando?

Optou-se por tentar responder a estas questões através do método fenomenológico, isto é, no primeiro momento, usando da *descrição rigorosa das respostas e de todas as reações concomitantes da Examinanda*, que se mostraram à consciência da Pesquisadora. Foi escolhida uma examinanda que não possuía qualquer informação sobre a técnica do Rorschach nem sobre seu objetivo.

No segundo momento, foi feita a *investigação da vivência imediata* que cada estímulo despertava na Examinanda, solicitando-lhe que descrevesse o que experienciava naquela prancha específica. Aqui já começaram a surgir informações indicadoras da natureza estimuladora das pranchas.

No terceiro momento, estudou-se a *história de vida e auto-percepção* da Examinanda, colhida através de 9 entrevistas abertas e gravadas, que duraram de 1 hora e 30 minutos a 2 horas cada.

Num quarto momento, foi feita a *leitura minuciosa de cada resposta dada* tomando por referência a teoria dos arquétipos, porém priorizando a relação com a história de vida da pessoa.

Excetuando o primeiro momento ou primeira fase, nas três fases seguintes, o

modelo de *relação dialógica* foi assumido pela estudiosa. Neste, as intervenções dialógicas mais utilizadas foram: a *reciprocidade* no tocante ao entendimento das respostas, a *compreensão inclusiva*, a *comunicação genuína* e a *confirmação*.

Os Procedimentos Metodológicos na Administração e Interpretação da Prova de Rorschach nesta pesquisa podem ser assim ordenados:

1. **Registro** rigoroso das respostas, expressões e comportamentos evidenciados ante o estímulo das dez pranchas
2. **Inquérito** convencional de cada uma das respostas
3. **Descrição das vivências imediatas** mobilizadas pelo estímulo
4. **Entrevista aberta**, visando a descrição de experiências na história de vida que tenham relação com a formação das respostas e com o vivido imediato sob os estímulos.
5. **Interpretação:** em toda a série das Pranchas, a leitura foi realizada dentro dos mesmos princípios interpretativos, quais sejam: o *sentido emergente da hermenêutica dialogal*; a sua *temporalidade* entendida como um itinerário submetido à lei da *Pregnância*, a articulação com o referencial simbólico da *tese arquetípica* aplicada ao Teste de Rorschach. O curso da hermenêutica não obedeceu, necessariamente, a esta ordem.
6. **Devolução dialogal** da interpretação feita pela Investigadora, durante a qual o inquérito prosseguia.

#### **Especificando:**

Na **Descrição das Vivências**, foi solicitado à Examinanda que relatasse: sensações e sentimentos, impressões, lembranças, idéias ou imagens, enfim, qualquer vivência imediata que ocorresse diante do estímulo das Pranchas. A investigação

fenomenológica das vivências se constituía basicamente da observação das manifestações corporais e de questões visando elucidar o vivido: O que lhe vem agora?” “como é isso?” “o que lhe lembra?” “como você se sente (ou “como você fica”) falando disso?” “o que tem a ver com você ou com sua vida?” Outras intervenções, não investigatórias, quando feitas, eram no sentido de confirmação ou inclusão na experiência da Examinanda pela Pesquisadora.

Na **Devolução Dialogal**, se fazia necessário, com frequência, prosseguir com o inquérito. A condução desse inquérito foi orientada pelo surgimento do fenomênico, ou seja, por aquilo que ia se desvelando na interlocução dialógica como experiência da Examinanda.

### **Identificação da Examinanda**

**Nome:** MLTP; **Sexo:** Feminino; **Idade:** 29 anos; **Estado Civil:** solteira;

**Profissão:** Professora Universitária recém-ingressada.

**Data da Aplicação:** 17 de Outubro de 2006.

**Observação:** O que está *entre aspas* é a fala da cliente sobre a sua própria experiência. As intervenções e observações da Pesquisadora estão colocadas *entre parênteses*

### **5.1 PRANCHA I**

TL: 5” T: 14”

1. “Uma bacia óssea” (expressão animada, energizada, de uma alegria quase infantil)

## **Inquérito**

**I- 1.** “No todo; as partes também parecem, elas compõem a bacia. A forma é de bacia óssea, bacia óssea *feminina*; aqui, aquele ossinho, o cóccix, o ossinho da risada, aquele que quando a gente cai, a gente ri” (expressão muito alegre, espontânea). “É feminina. É idêntica!”

## **Descrição da Vivência**

“Uma sensação alegre, de consistência, de certeza... firmeza, aconchego, sei lá! De segurança. Sei lá, uma sensação alegre... pela bacia óssea feminina...talvez pela minha ligação com a maternidade. Dessa eu gostei!”

A Examinanda relaciona a sua percepção da bacia óssea feminina com o seu desejo de ser mãe, que considera como existindo desde que tem consciência de si, lembrando que no início da sua adolescência, mais ou menos aos quinze anos, já se imaginava com quatro filhos, arrumando-os para o café da manhã e depois para a escola e se sentia muito realizada nessa fantasia. Ressalta que esse desejo e esse imaginário nunca a abandonou até sua vida presente.

## **Hermenêutica Fenomenológica do Sentido**

Nem o conteúdo da resposta nem sua classificação garantem a presença da estimulação arquetípica. Mas a *descrição da vivência* trouxe claramente ao mundo matriarcal.

McCully identifica aqui, a mulher atuante, formadora do psiquismo humano.

E Petrelli, também assinala o significante materno: a mulher implorante por seu filho, também constitutiva de estruturas da psique humana.

A Examinanda organiza, na ambigüidade do estímulo, a imagem de uma bacia óssea feminina, percebida e vivenciada com prazer, segurança, alegria pela existência desse encontro, que se assemelha à *alegria elementar de viver*. Clément Rosset (2000) descreve esse sentimento espontâneo como a satisfação de uma espera ou o simples prazer de existir, alegria que pode também dispensar qualquer razão de ser.

Essa vivência e sua história parecem revelar o prazer do feminino, a identificação prazerosa com o seu próprio corpo enquanto gênero e com as funções que a natureza lhe atribui.

Na *Entrevista*, a Examinanda relata ainda que “adora ser mulher, apesar das restrições sociais que ainda existem” e que se houver outra vida, gostaria de vir como mulher novamente. Também se percebe dotada de sentimentos muito maternais para com todas as pessoas e coisas: relação de cuidado e de cuidar. Sonha em ser mãe biológica, como já dissera a respeito do surgimento do seu percepto, e considera esta a maior realização da sua vida. Acredita que será profundamente infeliz se não puder realizar seu potencial materno com seus próprios filhos.

Do ponto de vista da *Gestalteoria*, surge a melhor forma construída pelo binômio estrutura da prancha/necessidades existenciais da Examinanda –enunciado do *princípio da Gravidez*, de Wertheimer, ou seja, a melhor organização possível no campo de forças. Dentre as várias possibilidades do estímulo, a construção perceptiva da *bacia* obedece a este princípio da escola gestáltica, incluindo não só o formato da mancha como disse Schaffer , mas *as necessidades atuais da participante*, expressas tanto nas vivências imediatas à exposição do estímulo, como na Entrevista aberta, na qual compartilha o mesmo estado de humor alegre e de euforia frente ao feminino materno.

Nas suas pesquisas, McCully observou que o detalhe central tem uma enorme

semelhança com as estatuetas femininas do Paleolítico, centradas na *fecundidade* como símbolo da fertilidade. A formulação da resposta, as vivências associadas, assim como a auto-descrição de si mesma autorizam afirmar que, *arquetipicamente, a prancha levou, de fato, a Examinanda ao mundo matriarcal*. Todos os dados colhidos na investigação fenomenológica da experiência com a Prancha, atende prontamente à simbologia materna do material, arquétipo identificado por McCully e aceito por Petrelli.

O símbolo usado pela Examinanda, *bacia óssea*, longe de expressar preocupações sexuais simuladas como afirmam autores de leitura psicanalítica (Adrados, Bohm, Schaffer) representa a matriz geradora da vida, encontrada na hermenêutica fenomenológica, isto é, no sentido da tonalidade afetiva das vivências desencadeadas pela exposição à Prancha I.

Assinala ainda, dessa forma, segundo o parecer da autora dessa pesquisa, a emergência atuante da *gestalt pregnant* da existência atual da protagonista: a urgência que experiêcia, em vista da sua faixa etária, em cumprir e realizar o seu potencial materno, desejo que reputa como o mais fundamental da sua vida. Aqui a Lei da *da Pregnância* da Gestalteoria, foi o princípio explicativo da estruturação mais capaz de atender às determinações do campo, da forma mais simples (campo que inclui o sujeito), resultando numa configuração simbólica, perfeitamente econômica em termos formais e aglutinadora de toda a representação possível (afetiva, biológica, social, temporal) do campo presente da Examinanda, a *bacia óssea*.

É interessante comparar a imagem que ocorre com a *Prancha I* frente ao significativo materno, com a performance da Examinanda na *Prancha X*, na qual ressurgue, de forma ostensiva, a idéia de fecundidade, associada à bacia feminina,

fechando o percurso do sentido, prescrito pelo *Princípio da Pregnância*.

Enfim, todo o contato dialógico com a Examinanda, confirma a sua identificação com o poder matriarcal, que ela assume com grande prazer e estado de humor eufórico, como pode ser conferido pela sua fala, onde confessa que adora ser mulher e seu persistente desejo de ser mãe. A conclusão é, pois, que estes dados indicam fortemente que a Prancha I estimulou o arquétipo materno, e que a motivação psíquica geradora da imagem e do estado de humor decorrente, revela a relação positiva da Examinanda com essa energia arquetípica.

## 5.2 PRANCHA II

TL:16” : 1’07”

(TL prolongado...sinal evidente de choque. Estupefata! Olha fixamente!)

1. “Uma bacia óssea...talvez recém-extraída!” (silêncio...expressão tensa)... “Porque essas manchinhas parecem cartilagens! Está com as cartilagens!”...(tom de voz abatido, mais baixo...) Meu Deus! Isso é inteiramente simbólico! (tom de voz mais forte- parece recobrar as forças) “Essas manchinhas podem ser sangue!”

### Inquérito

**Resposta Adicional (R.A.)** – “Agora vejo dois guerreiros num pacto de paz!”

(Resposta adicional imediata e espontânea, num tom de voz firme, afirmativo e seguro, como se a visão da cena humana a tivesse energizado ou resgatado da profunda disforia experienciada com a imagem inicial)

1.”A forma da bacia e a cor vermelha que lembrou cartilagens, por ser vermelhas e transparentes, como cartilagens recém extraídas”.

### **Descrição da Vivência**

“Tive a sensação de muita violência, de brutalidade! De bestialidade humana! De profunda brutalidade! Me vem uma impressão, quase uma lembrança, de brutalidade masculina, exercida pelo homem. Sensação dessa coisa (a bacia) estar à mercê, indefesa ante o sadismo”...(silêncio...dando a impressão de estar distante...)

“Agora, a imagem dos dois guerreiros num pacto de paz me traz profundo conforto, tranqüilidade, até alegria. PAZ é a palavra!” “...parece que a racionalidade venceu a bestialidade. Retira o estado de espírito de violência e desamparo que senti... vulnerável, do pânico que senti ante a bacia óssea feminina, violentamente arrancada do corpo, indefesa, arrancada com requintes de crueldade sádica!” (confirma nessa descrição a impressão da Examinadora sobre o estado de estupor que ela experienciava). “Tenho a sensação da violência brutal contra o mais fraco e impotente... ... Lembro-me dos animais que vi matar... e a morte deles me traumatizou até hoje...” (conta que sempre ia à fazenda do pai aos fins de semana, e que tem diminuído suas visitas a este local para evitar se expor a cenas tão brutais, que desequilibram a sua pessoa ). “Acho que me identifico com os animais (diz, sorrindo) (Como assim? lhe é perguntado) “Creio que eu sempre me senti na pele deles”

### **Hermenêutica Fenomenológica do Sentido**

Aqui aparece claramente a estrutura traumática referente à agressão física descrita por Petrelli. E também a ameaça à sobrevivência identificada por McCully. Referindo-se ao detalhe vermelho inferior da Prancha, semelhante a uma vulva, este comenta que sua função parece ter relação com idéias relativas à fonte da vida e a seu

significado frente à morte, à nutrição e à fertilidade.

A significação dada se deve ao encontro do arquétipo da prancha com a história de vida da Examinanda: a *gestalt* inacabada, cuja energia vem sendo retida desde a infância, conforme foi narrado na Entrevista, sob a ameaça do poder viril. Ante esta ameaça sempre se sentiu impotente, à mercê, como reviveu agora. Este lhe aparece como o diabólico, termo cunhado por Rollo May, cuja etimologia indica aquele ou aquilo que fragmenta, que separa, que desune. Este diabólico na experiência da Prancha II do Rorschach significa um evento catastrófico e que, na nossa cultura, sempre se identifica com o masculino. A maternidade (sonhada) só se realiza com a entrada do masculino, em todos os sentidos: físico, biológico, psicológico e espiritual. A Prancha II traz a possibilidade de um *diabólico* colocar em risco o *simbólico* da Prancha I.

Algo ocorreu e ela tem medo de que possa ainda ocorrer e destruir sua alegria esperançosa, otimista e inocente da primeira Prancha. A maternidade pode ser colocada em risco.

A Prancha II aparece, pois, como o diabólico traiçoeiro que, já tendo atuado tirando-lhe a inocência – vista na alegria espontânea e elementar da Prancha I -, está potencialmente presente. Mobiliza-se, nessa Prancha, o arquétipo da dor e da violência; a Prancha II simbolizando o “bélico” e a Prancha I simbolizando o “lúdico”, como se expressa Petrelli em suas aulas e em seus escritos. Nesta segunda, aparece a destruição do lúdico, do inocente, da alegria da vida, do arquétipo da maternidade da Prancha I.

A Examinanda coloca-se circunspecta frente a esta leitura. Relembra seus pânico arcaicos de que sua mãe, mulher muito bela, fosse morta por seu pai, homem possessivo e ciumento que, no seu imaginário, poderia lançar mão de atitudes

violentas, estando imune a qualquer punição. A mídia também lhe nutria tais fantasias terríficas, com os noticiários de agressão e assassinato de mulheres por seus parceiros. A isso, acrescenta-se o seu testemunho de violência e crueldade para com os animais, cujos agentes eram as figuras masculinas do meio rural, onde passava parte de sua infância e início da adolescência.

McCully afirma aqui a presença de formas que levam ao arquétipo da *origem da diferenciação masculino-feminino*. A Examinanda faz o masculino agredindo o feminino.

É deveras curioso verificar que ela não expõe nenhum evento de agressão real à sua corporalidade. Contudo, mostra-se profundamente traumatizada com as agressões presenciadas ou sabidas. E não só. Ressalta, na Entrevista, a sua intensa disforia com os eventos sociais da violência contra a mulher e os animais em todas as culturas. A Examinanda finaliza: “Acho que me identifico com os animais” (diz, sorrindo. À pergunta “Como assim?”, responde): “Creio que eu sempre me senti na pele deles”. Ela se reconhece na identidade com a inocência. Pode-se verificar nessa tocante passagem a *simpatia sensorial* da Examinanda, que capta a dimensão comum que compartilham homens e animais: a mesma vulnerabilidade corporal. Optou-se por denominar *simpatia* em lugar de empatia, pela aparente disponibilidade de entrar no destino do outro, de corpo e alma. Simpatia vem do grego: *sym*: junto com e *pathos*: paixão, sentimento, dor. Mais que uma empatia que é puramente cognitiva, que é uma compreensão, a experiência da Examinanda é a de sofrer junto, viver junto um drama.

A dialética sofrida por ela nessa Prancha II é entre o inocente e o nocivo; o poder e a fragilidade; o diabólico e o simbólico; o simbólico na inocência e o diabólico na operatividade maligna. O nocivo emerge como uma perversa

intencionalidade de acabar com a simplicidade, com a vida e com a fragilidade.

A Examinanda se apresenta na situação dessa Prancha como expectadora que se identifica com a fragilidade e com a ausência da malícia. Identidade reeditada na Prancha V, mobilizadora do *self* e da auto-imagem .

Ela expõe, à certa altura da Entrevista, que sua família a considera muito ingênua , “sem maldade”. Não se deve pensar, contudo, que se trata de uma ingenuidade infantil, como pode ser interpretada de forma banal ou apressada, mas de uma inocência como ausência de nocividade.

Seguindo a expressão simbólica da seqüência traumática, é-se surpreendido com a súbita elaboração: “Dois guerreiros num pacto de paz!”

E a vivência compartilhada: “Agora, a imagem dos dois guerreiros num pacto de paz me traz profundo conforto, tranqüilidade, até alegria. PAZ, é a palavra!”

O feminino e o masculino não mais numa situação bélica, mas numa situação pacífica. *A dialética da esperança!*

E a paz interior da culpa antecipatória, pois que a violência percebida gera não simplesmente o medo, mas especialmente a violência retaliatória!

Enfim, a estimulação arquetípica do terrificante originário foi aquilo que atingiu a Examinanda nessa Prancha, o que parece indicar que a forma como a energia arquetípica é projetada na vida está intimamente dependente das experiências históricas pessoais. Aqui, vê-se a bacia óssea submetida à violência brutal. Evidencia-se o receio de que este mesmo órgão receptor e doador da vida possa ser alvo da mais selvagem violência por parte do elemento masculino. Aí, já aponta para o valor negativo do arquétipo identificado na Prancha II por Mc Cully: a angústia ante à agressão, ante ao aniquilamento do feminino, deixando a Examinanda em estado de estupor emocional.

Nessa prancha, evocadora da diferenciação masculino-feminino e de situações dramáticas tanto particulares como arquetípicas da espécie humana, a Examinanda configurou uma cena que torna manifesto um terror pessoal e arcano: *a feminilidade em risco*, tema central dessa Prancha. .

Após a apresentação de todas as pranchas, surge a imagem de “dois guerreiros fazendo um pacto de paz”, justamente ali, no mesmo palco, onde se desencadeou a dramática cena de brutal violência contra a corporalidade indefesa.

É ainda um pacto –e pode ser desfeito, como todo pacto- porém, constitui uma atitude de completa mudança da estrutura relacional, aquela em que alguém subjugado pôde reagir (e também destruir – veja-se Prancha IV, anterior à elaboração dos “dois guerreiros”)- . alçando o protagonista, antes submetido e violado, ao patamar do poder. Pode-se adiantar aqui, a significação complementar dessa imagem dual em pacto, como a expressão de um *Self* fundamentalmente apaziguador. É importante enfatizar que este resgate da pacificação se deu no final, na fase do Inquérito, quando a protagonista já havia feito o trajeto de toda a Prova, da Prancha I à Prancha X, após especialmente, a dramática situação paranóica vivida na Prancha V.

### 5.3 PRANCHA III

TL:5”            TT: 1’05”

1. “São dois homens fazendo um esforço conjunto e contrário, tentando arrebentar essa coisa! Eles tentam arrebentar essa coisa! Eles tentam arrebentar!” (O que seria?)... “Essa coisa me parece de novo uma bacia!”
2. “Aqui no centro o pulmão, não! pulmão a gente só tem um...são dois, então

são rins”

(Impactada emocionalmente, silenciosa... expressão fixa na prancha, como que paralizada pelo choque violento)

3. “Assim ▼(posição invertida), parece um vaso de pedra, um vaso egípcio, todo decorado de preto e vermelho. Parece um vaso antigo, de culturas antigas, talvez pré-históricas, me parece egípcio.”

### **Inquérito**

1. “Os dois homens completos. A forma é de homens. Eu os vi unidos num esforço conjunto e colaborativo, fazendo muita força, esforço contrário porque um puxa para um lado e o outro para o outro lado, em colaboração, ambos se uniram na mesma intenção”
2. “Rins porque tem a forma igual, a cor de rins ensangüentado, o parzinho”
3. “Vaso pelo formato bojudo; decorado em vermelho, preto e branco”

### **Descrição da Vivência**

“A sensação foi péssima! Sei lá, um sentimento de terror! Naquela (refere-se à Prancha II), a bacia sangrando... nessa, os dois homens que se unem para destruir a bacia óssea!... talvez a coisa que mais representa a mulher, o que ela tem de mais significativo...sua capacidade de gerar e dar vida! “...Tenho a sensação de uma intenção maligna, eles unem a força... então a colaboração é para a violência , para destruir a mulher, a bacia óssea da mulher. De novo me vem a sensação horrível de sadismo masculino, da sua brutalidade ante o mais indefeso, do abuso da força e do poder!” ( é-lhe perguntado como são os movimentos contrários): “Movimentos contrários, porque um puxa para um lado e o outro para o outro lado, como se faz

quando dois querem quebrar alguma coisa unindo forças; então a colaboração é para a violência, para destruir a mulher...”

“A força moral, racional, é aquela que aparece nos dois guerreiros fazendo um pacto de paz; é a esperança na racionalidade humana...fazendo um pacto de paz; é a esperança na racionalidade humana”(repete, referindo-se novamente à II).

“O vaso me deu a sensação de algo mais neutro, de beleza... uma apreciação estética ... parece mais uma obra de civilizações antigas, não me lembro claramente dos vasos egípcios...é um objeto de arte de uma civilização antiga”.

### **Hermenêutica Fenomenológica do Sentido**

Nesta Prancha é estimulado o arquétipo da identidade humana e da estrutura para a ação –segundo McCully e segundo Petrelli.

Aqui aparecem dois sentidos que aparentemente têm horizontes diferentes: de um lado, manifesta-se a identificação com a dualidade construtiva, dois humanos construindo em conjunto; mas essa identificação humana é *contaminada* pela outra experiência: os dois homens atentando contra a corporalidade. Ai vem uma espécie, não propriamente de contaminação de símbolos, mas de um *paralelismo de símbolos*, porque como personalidade ela imediatamente percebe e tem simpatia com a alteridade, é uma alteridade sintônica, sincrônica afetivamente e até no tempo vivido, quando coloca os dois em esforço conjunto. Mostra a percepção da alteridade colaborativa, numa intencionalidade produtiva. Mas depois vem o outro momento, quase que antitético, como a *sombra* de Jung: são os dois atentando contra a segurança da bacia. O resíduo da prancha II aí aparece e foi entendido dentro da concepção de um universo de gestalten. Nessa concepção, a *organização funcional de forças naturais* surge como o *principio gerador* de toda realidade fenomênica. As

forças organizadoras da percepção, tendem a estabelecer relações funcionais entre si, de maneira a constituir uma só entidade, um só todo. Este domínio das partes pelo todo significaria o estabelecimento de uma *relação geradora básica*, ligando de modo necessário, as partes à organização total. Desse modo, o “resíduo” da II necessariamente deveria compor a formação da III, pela relação funcional entre os elementos que constituem a totalidade do modo de existência presente na participante: *a feminilidade em risco!* O drama da feminilidade no cenário patriarcal.

Entendeu-se que, no trajeto, foi emergindo uma consciência ampliada, porque aqui aparecem os personagens, os atores da violência! Dois homens em colaboração destruindo sadicamente o corpo da mulher! Pode-se verificar o ir-se completando a *gestalt* ou estrutura da situação total, onde havia apenas a recepção passiva da violência brutal, o sofrimento pela vitimização do sadismo do meio, completa-se agora com a aparição dos atores , eles se revelam nessa sub-estrutura como detentores do poder malévolo de aniquilar o feminino , justamente naquilo que é a fonte da vida... É um estar à mercê, não mais da força cega do meio, mas de *atores intencionais*, movidos por uma intenção malévola e sádica. Segundo a descrição de McCully, esta prancha mostra o impacto das experiências com os outros, antes da maturidade: segundo ele, quando o princípio de *Eros* começa a afetar o comportamento. Assim, as respostas seriam geradas nessa experiência passada ao iniciar a influência do erótico. À questão: “desde quando você teme a agressividade dos homens?”, a Examinanda, de fato, confirma que o momento primário foi absolutamente traumático para ela, lembrando que em torno dos três anos de idade já presenciava o sacrifício dos animais, inclusive daqueles a que se apegava, como um cachorrinho que possuía. Tais eventos, não reparados, mas pelo contrário, reincidentes na história de vida, resultaram na simbolização sádica do masculino.

Esta simbolização, como foi já adiantado, tende à resolução do trauma, que passa a ser revivido cada vez de forma mais completa: vê-se que a bacia óssea recém-extraída extraída na Prancha II, aparece agora, no momento seguinte, sendo arrancada por dois personagens masculinos identificados!

A experiência Rorschach, nesta Prancha, se desenvolve em torno desse enredo: a relação entre gêneros, na qual a mulher e sua sexualidade é vivida com temor da violência, ante a ameaça à sobrevivência, sob o pânico da sujeição física por um poder arbitrário e sádico.. A exposição das vísceras (rins) denota a profunda angústia e impotência ante a força sádica do outro. “*A feminilidade em risco! O drama de uma feminilidade no cenário do Rorschach*”, poderia ser o título dessa monografia, em vista da experiência dramática colhida do feminino na cultura patriarcal. O tema da Prancha II progride aqui na percepção dos agentes da violência.

O *arquétipo masculino* foi associado na história individual ao sadismo e à brutalidade, em vista da história pessoal estar repleta de imagens ou cenas mórbidas de assassinato de animais pelos homens da família e serviçais da fazenda do pai, além de histórias tanto regionais como culturais ouvidas desde a primeira infância de violência e morte da figura feminina, construindo um imaginário terrificante sobre o poder patriarcal.

O *vaso como continente*, evocado nessa prancha, parece ser uma outra imagem arquetípica do feminino, segundo a descrição do McCully. E esta evocação mostra que a Examinada se encontra na tentativa de *transformar* os símbolos trágicos em símbolos lúdicos, o desprezo em apreço, pois aquilo que é violado- a bacia -, do outro lado é um vaso raro, artístico, antigo; o que é desprezado, ela tenta transformar em preciosidade.

O tema central dessa Examinanda é, seguramente, a *questão do feminino* na

história pessoal e humana. Até aqui, constata-se como este arquétipo é vivido por ela em função da sua experiência de vida: a relação paranóide com o sexo oposto, a ameaça sentida à sua integridade física e à sua valorização humana, o empenho na busca do resgate da dignidade feminina e enfim, o anseio, que se mostra como possibilidade concreta, de apaziguamento e convivência amorosa, como foi visto na Prancha II e se verá no decorrer da experiência até o final

#### **5.4 PRANCHA IV**

TL: 7” TT: 1’59”

1. “Um animal aberto, esquartejado!”  
(silêncio...expressão triste, abatida...olha longamente...) “É daqueles animais cuja pele é macia, daqueles cuja pele se usa para fazer roupas... é muito macio...peludo...” (passa a mão na mancha procurando a maciez. Voz baixa...abatimento moral ou afetivo muito expressivo na face).
2. “Assim, <...parece um homem andando, de cabeça baixa, cansado, parece um homem assim da zona rural, andando sozinho, numa região meio árida, semi desértica, cansado e solitário, pensativo, perdido em seus pensamentos...”
3. “Aqui um galho de árvore...outro galho...”(voz baixa, ensimesmada, parece em intensa introversão)

#### **Inquérito**

1. A forma do animal aberto, a coluna central, as patas, tudo lembra!  
E os tons do negro, parecendo profundamente macios...impressão de muito peludo

2. A forma do homem, curvado, parecendo cansado, andando devagar...
3. A forma de galhos caídos, compondo a paisagem ...

### **Descrição da Vivência**

“No início eu tive um choque quando vi a figura! Coisa preta! brutal! Sensação de coisa brutal! Susto! Sensação de violência brutal, mas... um sentimento de vingança... que eu não entendo... como se esse animal fosse ele mesmo brutal e merecesse ser vingado...”

“Não sei ao certo...uma sensação diferente, meio confusa...sem nome, sentimento contraditório, pois ao mesmo tempo que é um animal enorme, grosseiro, repugnante, que dá medo, mas é também macio, dá uma tristeza... tipo: ‘coitadinho!...ele não é tão mau assim’ ”

(Sentimento contraditório, como?) “eu ver a violência para com este ser, achá-lo horrível, agressivo e ter dó assim mesmo,...mas a contradição não é só aí. É mais doida ainda! É um animal aberto com as vísceras à mostra, grosseirão, primitivo... e ao mesmo tempo aparece o seu contrário, a pele fofa e macia...na mesma face, o que é uma contradição, como um pensamento sem lógica, sabe? O que é dentro é fora?! Como pode? Me angustia ver isso assim, sem achar lógica, um corpo não pode ser visto por dentro e por fora, ao mesmo tempo! É uma percepção muito doida!”...

“Eu sinto dó...me parece, uma ponta de culpa...talvez profunda, ...esse animal esquartejado, que vi esquartejado, grande, asqueroso ... é o mesmo macio, acolhedor, dá sensação de conforto, de aconchego físico, segurança, parece quentinho, de proteção contra o frio... seu pêlo é macio!... é macio!...parece que começo a sentir uma culpa de ter achado bom quando o vi morto...de querer me livrar dele... É difícil... tô achando difícil expressar o que essa cena me provoca...É toda

contraditória! não acho palavras...é como se eu estivesse anestesiada, como num impacto que a gente sofre... e “este homem andando solitário me faz lembrar do meu pai, andando, cabisbaixo e pensativo, na zona rural e seca do serrado! Meu pai é um homem ao mesmo tempo forte, bravo, corajoso, mas também triste e solitário... ninguém tem acesso à intimidade dele! Fica recolhido, solitário e fechado nas suas decisões e nas suas preocupações...Meu pai me sensibilizava... eu o via triste, sem que eu entendesse o quê se passava... e ele me assustava ao mesmo tempo. Até hoje, não sinto liberdade de conversar com ele”.

“Ele era carinhoso!”-prosegue, sob as interpelações interessadas da Pesquisadora. “Punha a gente no colo. Dava tudo o que podia. Nunca fez punição física aos filhos... E ao mesmo tempo, provocava terror. Ele matou meu cachorrinho!...”

“Ninguém ousava contradizê-lo! Se a gente saísse do modelo...dos princípios dele, as mulheres especialmente...o medo era de sofrer uma rejeição irrecuperável, dava a sensação de desprezo, sensação angustiante de que nosso erro jamais seria perdoado! Na nossa adolescência, ele dizia que, se qualquer filho seu fosse mexer com drogas, ou se as filhas decaíssem na vida sexual promíscua, como aparece nas novelas e andam considerando normal hoje em dia, ou qualquer um que fosse homossexual, que ele expulsaria de casa! Ele dizia que com ele não tinha essa tal de tolerância com a sem-vergonhice que está na moda hoje, não! Meu pai tem isso: há coisas que para ele são inaceitáveis e imperdoáveis.... e outra coisa”, acrescenta, “meu pai sempre entendeu os homens que assassinavam suas mulheres adúlteras! Ele fala: traiu, não tem perdão!”

Durante a narração, vai-se dando conta de que sente-se ambivalente em relação ao pai, pois vê, emocionada, que ele vive para os filhos. Vai constatando que essa

ambivalência, foi, em certa medida, construída também pela sua mãe, que passava às crianças o medo pela figura paterna, imaginada como um ser violento, irreduzível e punitivo. Ao mesmo tempo, ela via, de forma muito sutil, sinais bondosos e de fragilidade na pessoa dele. Contudo, estes nunca foram confirmados, já que eram silenciados na sua subjetividade, o pai nunca os assumiu e a mãe parecia apenas sentir medo dele.

Hoje o percebe como um homem, de fato, muito emocional, nervoso, impulsivo, apela e grita com facilidade, é autoritário e não admite réplica dos filhos nem da esposa. Porém afetivo, fica preocupado e abatido quando algum adoece e nunca puniu fisicamente nenhum deles. Contudo, seus gritos e suas ameaças são assustadores! “Ninguém ousa contestá-lo!” reafirma.

### **Hermenêutica Fenomenológica do Sentido**

Esta é a Prancha do paterno viril na pesquisa do McCully e do Petrelli, e na opinião praticamente geral de todos os clínicos que trabalham com o Rorschach. A maior parte destes concorda que a Prancha IV produz, freqüentemente material associado ao paterno e ao mundo masculino.

Afirma McCully que a Prancha IV diz respeito ao homem natural, ao homem em relação com sua fonte pessoal de energia masculina, podendo-se deduzir que *não tem a ver com a sexualidade e sim com o poder masculino*, aspecto do arquétipo oriundo das suas proezas como caçador ou perseguidor.

Nesta, a Examinanda tem uma percepção não apenas sensitiva, mas sensual, e a sensualidade faz parte de uma atração por um objeto, que é, ao mesmo tempo, ameaçador e traiçoeiro, até grosseiro, o obscuro objeto do desejo...

A resposta é ambivalente, evocativa de um masculino ao mesmo tempo,

terrificante (animal brutal), atraente(pêlo macio), aviltado(esquartejado) e sofrido (carregado de responsabilidades e de cansaço, o caminhante da zona árida, quase se identificando com a natureza pobre e árida do serrado).

Aqui aparece a matriz do trauma, o agente desencadeador do terrificante sobre a feminilidade. E a fantasia vingadora (embora ambivalente) confirma o itinerário experiencial, o qual vai tomando forma cada vez mais clara: o promotor do trauma é identificado, configurando nova estrutura mais consciente, que mantém articulação com a totalidade. Aqui, recorre-se ao mesmo princípio explicativo: pode-se entender a emergência da configuração criada nessa Prancha como a resultante da ação de forças de reorganização *partindo das próprias exigências estruturais da situação dada*, como estabeleceram os psicólogos gestaltistas e que Wertheimer denomina de fenômeno da “Pregnância Estrutural”. A leitura feita pressupõe essa tendência do campo de forças reais, como tem sido visto, à melhor organização possível, *inclinando-se* no sentido da clareza, unidade e equilíbrio da nova estrutura estável, dentro de suas condições físico-psíquicas presentes.

*O fenômeno psíquico da percepção*, com sua *capacidade inerente de “significação”* corresponderia ao mais alto grau de integração possível nesta relação partes-todo. Desse modo, o percepto dessa Prancha acha-se articulado funcionalmente à totalidade fenomênica existencial identificada: *o drama do feminino no mundo patriarcal*. Aqui, revela-se o personagem original e a implacável ação vingadora ou retaliatória da protagonista.

A Examinanda acessou a experiência arquetípica e pessoal de agressão e violência na Prancha II e na Prancha III, tendo na IV, a Prancha do arquétipo paterno, uma atitude vingadora.

E culpa pelo desejo vingador!

A sensação de alívio pela destruição do ameaçador é continente, ao mesmo tempo, da culpa pela violência que o abate. Nessa Prancha, o sentido da configuração perceptiva é de *vingança e culpa!* Isso parece um alerta organísmico para a cautela com vinganças vindouras, talvez até impedindo-as de serem consumadas. A Prancha V parece indicar constatação semelhante.

A perda do bom senso, da lógica, a confusão, a angústia de uma percepção incongruente sofrida pela Examinanda, parece vir de vivências retentivas que simultaneamente abrigam significações completamente ambíguas, de carinho, proteção e conforto e ameaça de possível agressão brutal à sobrevivência.

A Examinanda confessa ver relação desses sentimentos com suas lembranças dos sentimentos ambivalentes que nutre pela figura paterna.

Expõe McCully que a Prancha IV diz respeito ao homem natural, que *não tem a ver com a sexualidade e sim com o poder masculino*. E Petrelli, referindo ao arquétipo do *pater familias*, enfatiza: “a quarta Prancha deve reevocar, no fundo do inconsciente, esta figura monstruosa no tamanho do seu poder irracional, figura de gigante frente a qual mulheres e crianças eram sempre muito pequenas e insignificantes”(2005, s/p).

Que ocorre diante do paterno viril? A violência destrutiva o abate! Esquartejado, esse animal se mostra vulnerável a uma força maior ou a um poder maior que o prostra, pegando-o de surpresa. Apresenta-se, assim, uma cena chocante, brutal, grosseira e ao mesmo evocadora de compaixão e culpa! A Examinanda sentiu-se apenas uma expectadora dessa cena brutal que lhe deixa anestesiada, diferente das cenas de intenso sofrimento anterior. O impacto a absorve... e surge a agonia ante a vivência paradoxal. Esse animal aberto, grosseiro e abatido, que desperta uma sensação de raiva e repugnância, mostra, ao mesmo tempo, embora

aberto, seu pelo de abundante maciez! Como pode, estar aberto e mostrar o pelo externo? A angústia invade a Examinanda. A incoerência ou contradição perceptual seria a fonte da angústia que ela confessa sentir sub-repticiamente, no cotidiano, de forma inesperada? Não foi possível esclarecer no presente trabalho.

No ponto de vista da Examinadora, em prosseguimento ao processo de fechamento ou de resolução das questões existenciais mais prementes ou significativas da vida dessa moça, tal cena pode ser entendida como a retaliação, a *ação vingadora* que foi oportunizada nessa sub-estrutura pela energia agressiva intensa mobilizada na Examinanda ante o significante paterno-viril – que ultrapassa o seu próprio pai, como é entendido, por esta Pesquisadora, a tese dos arquétipos.

A experiência de violência sofrida quando ainda sem condições de reagir quando, a mercê do poder masculino, ela e todos os seres frágeis que a antecederam, e que é reeditada na sua própria história de vida, encontra na forma ambígua dessa Prancha, evocadora do patriarca, as condições estruturadoras de uma *gestalt* prenhe de sentido de vingança.

A retaliação, vem porém, acompanhada de culpa pela violência exercida, pela vingança assassina sobre aquele que oprime, pois a retaliação ao patriarca ancestral arquetípico, atinge também o seu próprio pai, como representante particular desse arquetipo. E este mostra, inesperada e inexplicavelmente, uma face suave, quente, acolhedora, protetora dos embates e do frio do ambiente ou da natureza! O pelo profundamente macio dá a impressão que amparo... de qualquer choque! Daí a culpa por vê-lo morto, pois a vingança, após cumprida, mostra o outro, o *oculto*, o inocente, suave e acolhedor, jazendo superposto ao brutal e o selvagem. A integração de tais simbolismos contraditórios não se fazia possível no âmbito do real ou da lógica formal, onde opostos sempre configuram uma dualidade ou dicotomia;

assim, é uma experiência descrita como “louca” pela própria Examinanda.

Que acontece após a vingança? A culpa! Pois a vingança ao torná-los inertes na sua condição de abatidos, embora revele ainda o brutal, revela também, de súbito, o inocente, que pagou pelo pecador!

Observe-se como procede a evolução desta *gestalt*, dirigindo-se para a resolução das questões existenciais prioritárias da Examinanda, por ocasião do exame com o Rorschach. A seguir, opera-se a identificação de uma imagem humana associada com a representação do próprio pai, visto como completamente solitário, andando cabisbaixo, pensativo....uma imagem que resgata a fragilidade e humanidade daquele que, ativado pela energia arquetípica da Prancha, foi representado pela força bruta.

Aqui, a auto-referência não aparece como indício esquizofrênico, sugerido pela literatura, mas como a emergência da representação paterna ressignificada ou reparada, exigida pela situação estimuladora de tão complexas, ambivalentes e tumultuosas estruturas emocionais. O fato evidencia o arquétipo identificado por McCully e confirmado por Petrelli . No entanto, o que particulariza a vivência sob este estímulo, foi realmente o resgate da humanidade desse ser originalmente visto de forma sincrética como brutal, o aparecimento da face calorosa, caindo sob o poder da consciência pré-reflexiva da Examinanda, originante da formulação sobre a maciez do seu pelo. A experiência catártica lhe possibilitou uma abertura ao cuidado, ao olhar atento, permitindo a ressignificação da imagem paterna ou o desvelamento da sua afetividade e fragilidade humanas.

## **5.5 PRANCHA V**

TL: 7”TT: 1’03”

1. “Um coelhinho depelado...tiraram a pele dele! coitadinho! Tiraram a pele dele!” (Tom de voz abatido, baixo, disfórico... Fica olhando longamente em silêncio...expressão serena, porém triste. Mais alguma coisa? É-lhe perguntado)... “Não...só consigo ver esse coelhinho depelado...”

### **Inquérito**

1. “No todo. Parece coelhinho pelas orelhas e as patas, e isso aqui seria a pele retirada do coelhinho”

### **Descrição da Vivência**

“Fico com muita dó! Uma compaixão profunda!

Muita dó desse bichinho.. é tão pequeno...indefeso, ingênuo, alegre... tão inofensivo... inofensivo (reafirma), exposto à maldade do homem, leve, alegre, brincalhão, vítima da crueldade humana...sinto uma dó enorme!”

Ocorre-lhe a lembrança de um dia em que implorou por um animal pelo qual tomou afeto e mesmo assim não foi atendida e o animal foi morto, seu pai o matou, enquanto ela estava na escola...Ao ser indagada como se sentia com essa lembrança, a Examinanda diz que volta a tristeza, a dó do bichinho e a sensação de ter sido traída pelo pai, “Meu pai me enganou! exclama.

(O que lhe ocorre agora, olhando para este coelhinho?) “Engraçado, não me vem a sensação de estar morto, mas de estar depelado! exposto cruelmente, que no caso me vem de novo, como uma ação da figura masculina. Talvez pela minha experiência com a fazenda. Só os homens tratavam dos animais , castravam e matavam. Eles criam para matar. O homem trai os animais domesticados, que se

tornam mansos e confiantes neles”...(silêncio...) “Não sei porque vejo isso... de onde vem essa sensação de que fizeram isso com ele...e nem sei porque fizeram! “me vem a sensação de uma coisa sacrificada...”

### **Hermenêutica Fenomenológica do Sentido**

Petrelli, considera que, do ponto de vista arquetípico, esta é a Prancha do *self*, do si mesmo, da auto-imagem físico-psíquica. Entende-se o *self* como o princípio unificador da personalidade humana, articulando num só ato de auto-referência, todas as percepções que o indivíduo tem do próprio organismo, de suas experiências, a relação com outras percepções e com os objetos do mundo exterior.

Já McCully, destaca que a Prancha coloca o sujeito frente à estimulação do Ego - consciente- e das fontes arquetípicas - inconsciente. Afirma este autor que o fato de um sujeito não reagir à forma evidente da borboleta ou morcego é um indicador ainda mais seguro que na Prancha III, da emergência de um material poderoso relacionado quer a um *complexo pessoal*, quer a *fontes arquetípicas*.

A farta história clínica do Rorschach estabelece que a banal na Prancha V é obrigatória. Não percebê-la, implica, tradicionalmente, numa desordem ou incapacidade esquizofrênica de participar do pensamento comum. Ou, como alternativa menos grave, implica num trauma tão forte que perverte a lógica social, o que pode ser o caso dessa Examinanda.

Pode-se suspeitar de uma intensa conotação pessimista na elaboração dessa mancha. A atribuição de pessimismo à resposta da Examinanda deriva do fato de, na Prancha V, a banalidade ser universal e expressiva da lógica que se impõe à percepção comum: onde evidencia-se uma figura alada, que é representativa de liberdade, de alegria, de domínio dos espaços, ela vê um coelhinho aberto e

sacrificado. Esse possível pessimismo que se fundamentou na realidade vivida, em relação a ser testemunha aterrorizada de agressões, pode ter-se configurado numa atitude paranóide. A suspeita de postura paranóide nesta Prancha, é indicada pela elaboração da Examinanda perpassar os fatos reais, ignorando a evidência que se impõe; e isso é um indicador sugestivo de que a destrutividade temida assume formas paranóides. O fato de a banalidade ser substituída por visões desvitalizadas, deterioradas e sádicas antecedentes, aponta para a presença, na estrutura de personalidade, de uma postura imaginativa de conteúdos agressivos, destrutivos que antecipa as ocorrências, uma inocência que veio a ser deteriorada por experiências passadas. Essa imagem sacrificada mostra tanta dor, que já ignora os fatos reais e a destrutividade temida vira fantasia antecipatória, no sentido de que os seus sentimentos, a sua emoção, a sua afetividade aparecem dominando a estrutura de controle ideativo lógico racional. É tamanha a distímia que altera interpretações evidentes ao senso comum ou ao intersubjetivo cultural. Nesta, mais do que o ódio ao agressor visto na IV, prevalecem os sentimentos de dor e de pena da vítima, o sentimento de compaixão é dominante no sujeito, quase sem forças para se vingar – condição antecipada na Prancha IV.

O drama original, mais uma vez, aqui se confirma: aquele de uma felicidade em risco, de uma inocência traída, uma preocupação com a luta do diabólico com o simbólico...um sofrimento que dá uma conotação afetiva- emocional à sua experiência. Parece ser fruto de uma infância onde a violência dominou, não contra seu corpo, mas contra outros seres vivos com os quais se identifica, deixando-a sob ameaça, como a espada de Dâmocles sobre a sua cabeça.

Na Entrevista, aquilo que ela relata como mais impregnante e de maior impacto na sua memória é a visão dos animais sendo mortos na fazenda e confessa que ficou

traumatizada. Muitas noites teve horríveis pesadelos, ouvindo os gritos dos animais sacrificados, como se estivessem próximos a seus ouvidos.

A simpatia corporal com todos os seres vivos, a identidade com a inocência traída, mais uma vez aparece. E com certeza foi um fator configurador desta imagem de um animal indefeso e ingênuo sacrificado, ante um mundo predador e inconsciente (“ não sei porque fizeram isso com ele”). Qual a função desta imagem na unidade? Pode-se supor que esta visão sacrificada fugindo à percepção óbvia da Prancha, e considerada como estimuladora do arquétipo do *self*, pode ter o aspecto funcional de reparar a *culpa* da experiência vingadora da IV Prancha. Consistente com essa leitura, a imagem do coelhinho sacrificado lembra no aspecto geral, a forma de um crucifixo, elaborados por alguns pacientes, a partir da essência formal dessa Prancha V, conteúdo registrado por McCully na sua pesquisa (pág. 160). A experiência clínica com os perceptos cruciformes desses sujeitos, sugeriu ao autor que algumas qualidades estimuladoras da Prancha, apresentam um potencial para detonar processos arquetípicos que dizem respeito à diferença entre o *bem* e o *mal* – o inocente e o nocivo, o simbólico e o diabólico – E acrescenta que freqüentemente estas formas de energia psicológica acham-se por trás da projeção de *culpa* de uma pessoa paranóide. Vale lembrar que a conotação paranóide revela-se, nesta Prancha, na elaboração de um corpo dado à violência, *de uma forma tão pregnante que foge à objetividade dos fatos*.

Pode-se ver, todavia, a imagem num enfoque multifuncional, como tem sido proposto até agora. É expressiva tanto da *postura paranóide* da Examinanda em relação à agressão, como da *reparação da culpa* pela violência, testemunhada com conivência silenciosa contra a figura patriarcal da Prancha IV.

Pelo principio da *Pregnância*, enquanto tendência ao melhor fechamento ou à

melhor resolução possível, este símbolo de si mesmo, pode se referir à auto-punição da Examinanda pela vingança que fez ao seu agressor! Sendo a Prancha V evocadora da auto-imagem, a prancha do *self*, pode-se ver uma auto-percepção identificada com a fragilidade, o indefeso, a alegria inocente e ingênua ante a violência do ambiente. Contudo, ao sofrer esta violência surge a necessidade de vingança, vingança retaliativa que, se exercida, porém, provoca arrasadora culpabilidade e necessidade de reparação. Isso parece ter sido simbolizada pelo coelhinho depelado, símbolo que revela tanto o temor fóbico, a culpa e a punição, como o sentir-se exposto e sem pele (sem defesa), na vida, apresentando-se ao mundo de forma muito vulnerável. Mais uma vez reaparece a hipótese desse trabalho, de que um símbolo, como nos sonhos, pode representar vivências diversas, contudo relacionadas: certamente a arrasadora culpa que sente quando reage e vinga aquilo que sofreu constitui o estar vulnerável, que justamente pode se dar pelo impedimento da reação de revide, como foi antecipado na interpretação da Prancha IV.

Na devolução, a Examinanda revela que esta descrição se adequa perfeitamente à sua auto-percepção. Confessa que tem pavor de qualquer tipo de ataque físico, considerando-se de fato paranóica, pois fica fantasiando que o adversário vai atacá-la com violência, não conseguindo pensar com sensatez nesses momentos. Confirma suas fantasias terríficas, que chama de “exageradas”, frente a qualquer situação ameaçadora com desconhecidos, especialmente se a figura for masculina. Assim, nunca enfrentou, desde pequena, qualquer embate corporal, diferente das meninas de sua idade na escola, que eventualmente iam aos tapas com as colegas. Sempre *fantasia, ficando na expectativa* de uma vingança atroz, quando o embate é de natureza física ou ofensiva da dignidade moral do oponente.

Outro comentário feito pela Examinanda foi o de estar se sentindo muito

impressionada com a leitura feita, compartilhando que desde pequena sente-se torturada pela culpa de tudo o que faz. E que isso muito lhe intriga, pois se acha impotente para superar esse sentimento mesmo quando revida alguém que a ofendeu. Sente-se profundamente culpada, pensando que poderia ter compreendido a outra pessoa em lugar de ter retaliado, quase que “como uma exigência de um potencial de perdão à semelhança de Cristo”, declara sorrindo. A dó que sente do outro é quase insuportável e inibe suas ações. Sua família lhe diz que ela “tem compreensão demais”. O sentir culpa é uma constante em sua vida: tudo o que nega aos demais em função de si mesma, lhe deixa culpada. “Eu me cobro e procuro sempre compreender o outro, por mais que a sua ação tenha despertado o meu furor. A seguir, vem o sentimento de compreensão, eu começo a entender o que levou a pessoa a agir assim, e aí sinto dó dela. E se não tenho uma atitude compreensiva, a culpa me persegue o dia todo! Não é que eu não brigo. Eu brigo, discuto, falo o que quero! Mas depois, começo a refletir e ver as razões da outra pessoa. E aí, me sinto profundamente incomodada por tê-la condenado”, finaliza.

É uma culpa não de algo antecedente, mas de uma transgressão que não cometeu. É a uma culpa de não perdoar, de não ser *sempre perdão*.

A imagem elaborada como resposta é mais coerente com o sentimento de compaixão com a vítima, do que com o ódio para com o agressor, perdendo assim a força de se vingar. A dialética vivida aqui é a do agressor/vítima, pois o agressor se torna vítima, quando vingado. Daí a compaixão que emerge no espírito da Examinanda quando o sujeito muda de posição, pois sua identificação pessoal e arquetípica é com aquele que sofre, quem sabe originada e mantida pela posição histórico-cultural do feminino e do mais frágil.

A Prancha V parece dar um fechamento á estrutura dramática

agressão/retaliação/culpa e medo da vingança /perdão/reparação - vivida pela Examinanda. Após este abatimento pessimista , ela retoma a esperança e o poder como se verá nas pranchas seguintes, mostrando uma qualidade de resiliência, que é confirmada na relação dialogal da Entrevista.

Mais uma dimensão da realidade existencial da Examinanda foi sendo iluminada para esta Pesquisadora. A representação puramente estética psico-corporal do corpo sacrificado pela culpa, pareceu não esgotar o sentido das vivências descritas por essa moça. A estimulação, nessa Prancha V, do arquétipo do *self*, considerado por Jung tanto como “ *a fonte da personalidade como seu objetivo final*”, trouxe esta imagem sacrificada, em forma de cruz à consciência da Examinanda e seu sentido se impôs à consciência da Pesquisadora. Nesta imagem viu-se a expressão de uma dimensão ou uma transcendência ao *arquetípico do sagrado*, revelando uma identificação do si mesmo com o símbolo de Cristo, tão bem identificado por McCully em seus pacientes –embora ele não incluía essa dimensão na sua análise de casos. Na devolução dialogal, antes que tal significação tivesse ocorrido à Pesquisadora, a Examinanda mesma faz referência à sua identificação com o paradigma ético fundamental do cristianismo que é o amor incondicional expresso no perdão sempre renovado a qualquer ofensa sofrida, como foi o modelo de Cristo. Num ponto aqui pode-se concordar com McCully: a representação simbólica estimulada pela prancha condensa a atuação do *ego* (no animal, inocente e alegre, confiante e ingênuo do perigo externo, elaborado pela sua aparência formal do coelho) e do *self* ( na transcendência do simbolismo do puramente formal - a imagem banal exigida - para significar o sacrificado, o princípio de auto-referência em todas as experiências da Examinanda). Foi acessada a identidade do *si mesmo* com o divino que, pelo sacrifício sofrido, resgata a todos do “pecado original”(não

pode condenar), ou seja, através da sua opção de passagem pela dor, todos são, indistintamente perdoados.

A configuração da imagem feita pela protagonista, sugere, assim, mais uma dimensão funcional do mesmo símbolo: a emergência da estrutura psíquica de resgate da divindade pelo feminino, ou a significação do *self* como transpondo as questões de gênero, podendo se identificar na ordem mais originária, com a divindade tradicionalmente entendida como masculina.

## 5.6 PRANCHA VI

TL: 4” TT: 1’03”

1. “Uma cruz sobre um monte!... Raios partem da cruz! (tom de voz enfático) ... ..é um monte que se projeta assim para o espaço!...” (tom mais baixo, expressão insatisfeita)
2. ► “Assim, um deus, uma figura de uma cultura antiga, dentro de um barco, no mar...não, não é homem! É mulher!...o gesto mais leve, mais delicado... o formato do rosto é de mulher, o cabelo longo...uma figura de cultura antiga, talvez egípcia...vestido longo, vestimenta egípcia me parece....apontando para frente...impressão de uma deusa!”

### Inquérito

1. “A forma da cruz. Achei belíssima! Brilha! Ofusca! Raios cintilantes partem dela, assim velozmente...”
- “O monte é mal feito, nem se conforma à forma de um monte! Projeta-se de forma inadequada para o espaço! Muito mal feito!”

2. “A imagem da deusa é nítida, uma deusa serena ! Uma mulher apontando delicadamente... mas firme, para longe. A forma é feminina. A impressão é que o barco está se deslocando lenta e suavemente.... Não sei porque é uma deusa...Talvez pela postura requintada, elegante, harmoniosa.... ela, a deusa, dá a impressão de ser silenciosa: apenas aponta...e vai solitária no seu barco sobre o mar calmo...”

### **Descrição da Vivência**

“Eu fiquei fascinada com a cruz! Ela é luminosa, irradia raios de luz! Domina o cenário! O monte não me agrada, acho-o mal feito, irregular. A experiência é desagradável com o monte: sinto um incômodo por ele ser assim, mal formado, irregular...está no lugar de um monte, mas a forma não é de monte!...não parece um monte verdadeiro!”

“A cruz só pode estar sobre um monte, mas esse monte é cheio de saliências..., não é sinuoso, como são os montes! Parece que é um monte deformado! A sensação é de mal feito, mal acabado... (Como se sente diante desse monte sendo ele assim?) Fico até irritada! Coisa feia! Falta de estética!. É apenas um suporte para a cruz! Não acho que parece um monte, mas como a cruz está em cima dele, por isso falei...por isso é monte, porque a cruz está em cima, só por isso... a definição é inadequada, a que estou dando, de monte, não é boa!”

“Como este formato não se parece de fato com um monte, só porque tem a cruz por cima, me senti insatisfeita, acho que é porque não suporto coisas mal feitas...então olhei de lado e vi a deusa...”

“Ver a deusa é ótimo, confortante, me transmite paz, é uma deusa muito serena; me dá a sensação de poder feminino... poder silencioso, sem agressão... sem se

promover no alto como a cruz, mas tendo a seu redor, ao redor do mundo, uma multidão de séqüitos reverentes! É esta a sensação que me dá!.. Essa segurança, essa paz interior, essa serenidade que vejo nela ... é isso que eu quero conquistar na vida” (expressa-se com muita ênfase)

### **Hermenêutica Fenomenológica do Sentido**

Petrelli afirma que esta prancha mobiliza a sexualidade em suas diversas linguagens, podendo aparecer em temáticas religiosas, políticas, artísticas, ludo-eróticas, mostrando como a pessoa enfrenta a sexualidade quando solicitada. McCVully, adverte porém que, quando a energia arquetípica é *estimulada*, a resposta do sujeito pode não ter nada a ver com a sexualidade. Ele pode entrar em contato com suas “aspirações fálicas”, sem nenhuma relação com o erotismo. Com a expressão “aspirações fálicas” o autor se refere a aspectos da condição feminina, em difícil luta para se afirmarem num mundo de homens, regido pela lógica fálica, especialmente às aspirações intelectuais ou ao *logos*, e ao poder que estas acarretam.

Examinanda, numa vivência emocional de admiração e até de fascínio, atribuiu à percepção do detalhe em forma de *falo* o símbolo de uma cruz, cujo poder é o de emitir “raios de luz”, ou seja, aquilo que ilumina. Esta percepção induz facilmente á representação do *logos*, das “*luzes da razão*”. Pareceu a esta Pesquisadora muito coerente com o talento e a prioridade à conquista intelectual que a Examinanda dá à sua vida, visto na Entrevista, feita após a Descrição das Vivências.

O desvelar de um símbolo feminino genital vivenciado com uma conotação de desvalorização e descartamento (“não tem valor em si”. “é apenas suporte da cruz”)-pode significar ainda a renúncia, não da sexualidade pelo *logos*, mas do *papel sexual* atribuído como complemento, como continente da energia masculina. Esta leitura a

Examinanda acata prontamente, completando com a informação que, na sua história de vida, tem optado pela área intelectual, pelo conhecimento, em lugar de abraçar precocemente a vida conjugal, como é freqüente em sua região –o centro-oeste. Confessa que nunca havia pensado o que significava suas decisões voltadas sempre ao projeto de construção de conhecimentos, ao sonho de escrever um livro que contribua com o avanço da sua ciência, em lugar de buscar resolver a “tarefa” de acasalar-se, a despeito da grande pressão social sofrida por ela e pelas mulheres da região para dar prioridade a esse encaminhamento.

A recusa de submeter-se passivamente àquilo que lhe é dado como predestinação naturalizada, pode ser entendida no âmbito do significado, na seguinte (re) formulação da fala da Examinanda:

“ o monte é feio porque é o *tópico*! O desejo, o imaginário, o *projeto* está na *utopia*. É belo! O monte está no *topo*: na cultura, nas leis, nas relações de poder que determinam o destino da mulher.

Vê-se que a desvalorização não é do feminino, mas de um pseudo-feminino imposto como natural, biologizado pela cultura patriarcal. Este feminino é percebido e sentido como inadequado e deformado. A deformação do monte, visto no *locus* do símbolo genital, parece representar, assim, a significação que vem sendo dada pela cultura patriarcal que deforma a dignidade feminina, tirando-lhe a essência, evento já experienciado nas Pranchas II e III. Esta estética sacrificada, ou melhor, deformada, alterada na sua forma original, vista também na V, aqui se reedita.

A menor intensidade energética ou emocional investida nessa Prancha, parece a esta Pesquisadora, resultante da purificação catártica vivenciada nas pranchas anteriores. Essa catarse vem possibilitando a reconfiguração estrutural em figuras mais completas e cada vez mais eficazes na promoção da resolução traumática e

acesso a configurações existenciais teleológicas (a imagem da deusa apontando para frente), inerentes ao impulso à auto-realização, como preconizado pela tese humanista. No panorama gestáltico assumido nessa pesquisa, o processo é exercido por via da Gravidez, que pode ser considerada como o seu veículo mais competente e apropriado..

O arquétipo da divindade feminina, emerge substituindo imediatamente o deus masculino originalmente percebido! Aqui, a retificação insinuada na primeira resposta da Prancha, foi feita: “um deus...não! é uma mulher! A forma é de mulher! o gesto mais suave! É uma deusa!”, acentua.

O virar da Prancha, quase que como uma imposição teleológica, um encaminhamento da energia reinante pelo canal necessário, dá a oportunidade ou cria condições para a emergência do feminino poderoso, independente, admirado, até reverenciado, ocupando o centro do cenário, embora solitário e, surpreendentemente, seguro e suficiente na sua solidão.

A deusa aparece auto-centrada, autônoma, liberta das ambivalências naturais oriundas da inserção numa cultura de valores contraditórios. Como uma identificação da Examinanda, como uma visada teleológica, a deusa prossegue tranqüila e firmemente, apontando para diante, sob um mar sereno, símbolo universal da energia vital inesgotável, aspecto da Grande Mãe, estrutura magnificamente construída pelo psiquismo da protagonista, expressiva da informação inconsciente do rumo no qual deve seguir e encontrar seu *self* autêntico, num *ethos* específico feminino que lhe serve de apoio psicológico para a auto-realização.

Poder-se-ia arriscar aqui um prognóstico, afirmando que tudo indica que a Examinanda vai orientar sua vida, sob a égide dessa energia propulsora, em direção à promoção e à realização do destino feminino dela e de suas iguais.

## 5.7 PRANCHA VII

TL: 5” TT: 1”59”

1. “Duas mulheres discutindo! (pausa...) Elas estão conversando...mas...de qualquer forma é uma conversa bastante alterada! ...(silêncio demorado...) Mas não seriam figuras vivas, seriam representadas assim numa escultura”.
2. ▼ (prancha invertida) “Assim, parecem dois elefantes sustentando um peso enorme sobre a cabeça...como símbolo de força! A impressão é de que isso é um símbolo de força e resistência física e psíquica!”

### Inquérito

1. “Mulheres pela forma, rosto feminino, cabelo feminino, corpo feminino...embaixo a base, como se fosse o suporte da escultura( e a conversa alterada?) No inicio eu as vi conversando muito alteradas, discutindo mesmo! Para falar a verdade, estavam brigando! Depois vi a base e achei que fica melhor como escultura que figuras vivas”.
2. “Elefantes pelo formato também, a carinha deles, a tromba, o corpo. Essa estrutura que parece super pesada na cabeça, me dá a idéia de muita força, de um símbolo criado para representar a força, a resistência”.

### Descrição da Vivência

“A primeira impressão que tive é a de que as duas mulheres estavam discutindo alteradas, como eu disse. Senti uma energia agressiva entre elas. ...Eu as vi brigando, batendo boca, quase aos gritos uma com a outra. Mas vi só briga verbal, sem

nenhuma agressão física. Depois é que a parte de baixo me pareceu um suporte de pedra , aí mudei a imagem para esculturas, duas estátuas. ..talvez para imobilizá-las, tentando fazer com que deixem de brigar tão ferozmente! (diz em tom de brincadeira, achando graça da própria interpretação). Mas vi só briga verbal, sem nenhuma agressão física (repete, sorrindo) (?) Senti mal com a briga, achei feio, me deu vergonha. Deve ter algo a ver comigo, pois tive vergonha da falar... Acho que é por isso que transformei em estátuas...”

“ Interessante é que tenho a sensação é de que são amigas, de que têm muita afinidade, e no entanto, brigam (?) Agora me vem a idéia de que talvez uma queira dominar a outra, e por isso discutem. Vem à minha idéia a impressão de que uma delas não quer se submeter, ou quer se libertar das idéias impostas pela outra, e daí vem o conflito, pois uma não parece não querer concordar com tudo da outra, deve ser isso que gerou a briga...(e lhe vem alguma imagem, alguma lembrança?). Sabe o que me vem? A relação entre mãe e filha!... E me ocorre algumas discussões que tenho tido com minha mãe. *Agora é que descubro que nossas discussões são dessa natureza!* (expressão emocionada). Mas são poucas e não tão alteradas. Parece que eu vejo nesta figura as discussões que tenho com ela... mas aqui com uma energia muito mais agressiva!!!”

“Eu não brigo tanto com minha mãe assim, mas tenho vontade de brigar! Mas quando discordo dela, ela fica desapontada!”

“Nós sempre fomos grandes amigas, desde pequena! Mas se eu discordo de algumas posições dela, isso parece desapontá-la, pois ela sempre confiou na minha lealdade... nós duas sempre fomos muito unidas...ela sempre contou comigo...”(muito pensativa)

“Agora vejo o que provoca minha irritação! Eu não sou mais a menininha para

quem a mãe tem sempre razão. E ela, coitada, está também tendo que se adaptar com a nova ML....porque esta nova ML às vezes aparece!!! sem esta agressividade deste cartão, mas aparece...Nós duas estivemos sempre juntas. De todos os filhos, eu sou a mais companheira, a mais amiga...”

“Até penso em sair de casa para ter coragem de experimentar coisas diferentes, minha autonomia... até mesmo minha relação com os homens, pois minha mãe é muito protetora nesse particular. Está sempre com medo que eu seja iludida, que caia em conversa fiada! Ela não tem boa impressão dos homens. O pai dela foi um déspota! Ela se casou para sair de casa. O marido também é um déspota! Ela me acha muito crédula... E isso termina me atrapalhando, porque fico às vezes pensando que estou sendo enganada, estou sendo boba. Porque a fala da mãe tem muito peso, né?. Isso é cultural, né? Parece que fico muito irritada com a atitude dela, de se preocupar demais, como se eu não desse conta...vai me deixando insegura. É isso que vejo agora...não tinha pensado antes...”(longa pausa...)

(Após a longa pausa)... “Os dois elefantes me deram a sensação de força, até no meu corpo! *Eu senti a força deles!* Engraçado, né? Não só física, mas a resistência, como se eles não se deixassem abater...e engraçado é que a minha sensação é que este peso eles tiram de letra! Apesar de todos acharem muito pesado, a força deles é muito superior! Uma sensação maravilhosa de vitalidade, de resistência! Eles suportam com tranquilidade este peso, sabe? São dois, um ajuda o outro. Parecem até alegres, carregando alegremente! É uma sensação muito boa, a segurança e o poder que eu vejo nesta figura!”

### **Hermenêutica Fenomenológica do sentido**

Considerando o exame que fez da *Paleopsicologia*, McCully concluiu que o

padrão de amor entre um homem e uma mulher foi sempre “capturado na *presença do poder matriarcal*”. Afirma que desde as épocas mais remotas, as mulheres tinham que afastar-se da autoridade da mãe para viver segundo o princípio de Eros, precisando do apoio masculino para fazê-lo. A Prancha VII contém aspectos que teriam relação com *aquela face da mulher que é continente daquilo que um homem é em relação a ela* e aquilo que ela potencializa nele através da atitude continente, sob a resolução ou tendo se libertado da influência matriarcal.

Para Petrelli trata-se do *arquétipo materno*, sob cuja dependência estaria o filho, seja homem ou seja mulher e que, constituindo-se numa relação positiva, tornar-se-ia originante da estrutura dual, ou estrutura de sustentação da relação Eu-Tu.

Ambos atribuem, pois, à Prancha, o poder evocador da Imagem Materna (o mesmo afirma Miriam Orr com sua “*imago maternelle*”).

Quanto às vivências desencadeadas na Examinanda, o mais impressionante foi ela se referir à sua história de vida com a figura materna! Este foi o mais alto nível de consciência espontânea dela durante a Prova!

A prancha VII trouxe para ela, de fato, uma imagem dual, mas em relação de conflito, justamente a que vem tendo com sua mãe nos últimos anos. Pela exposição feita por ela na Entrevista, parece que se trata da vivência de conflito pela autonomia do *self*, por uma relação de díade genuína na qual as diferenças são respeitadas e valorizadas.

Pode-se, por meio do relato, concordar com o processo de individuação de Jung, pela qual a Examinanda procura se desvencilhar do “poder matriarcal”, usando a expressão de McCully, quando discute e planeja o afastamento do lar para exercitar sua autonomia. Ela sempre foi muito amiga e leal à sua mãe, considerando como

lealdade a atitude de apoiá-la em tudo, inclusive (e *especialmente*, no entender dessa Pesquisadora) na luta que desenvolvem contra o poder patriarcal.

“Ela pode ter medo de que você abandone a luta...por isso se desaponta com as diferenças”, foi-lhe observado. A Examinanda ouve em silêncio. Em seguida, concorda, informando que sua mãe, de fato, a considera como aliada, e que é muito feminista, dizendo para as filhas que casamento só é bom para os homens, que as mulheres só encontram mais deveres e obrigações e perda de liberdade. Contrariamente à maioria das mães de família, não dá nenhum incentivo às filhas para se casarem.

Vê-se na Prancha VII, que as duas discutindo, é a representação da dialética e do diálogo, que às vezes se compenetram, às vezes se separam...a dialética entre elas muitas vezes não vem dialogante, vem antagônica.

A transformação de figuras vivas em estátuas foi entendida como um processo psíquico imaginário de engessar simbolicamente o vivido para que se torne algo de um passado. A estátua *pára com o presente vivo e atuante* e se torna passado. A hermenêutica fenomenológica é a de que a dimensão dialética antagônica deve acabar para emergência da dialógica Eu -Tu. A VII prancha aparece de fato, nesta Prova, como o cenário para o protagonismo do princípio Eu-Tu.

(Vai surgindo, com isso, a pretensão de o Rorschach poder até se prestar a uma analítica existencial!)

A evolução desse sentido dialógico se confirma na percepção seguinte, quando a Examinanda vê os elefantes como símbolo de força. A continuidade pregnante da imagem dual em cooperação mútua e entusiasmada, leva a hermenêutica do sentido de que uma relação dialogante na dimensão Eu-Tu feminina ou especificamente, na dimensão mãe-filha, torna-se uma força de enfrentamento, capaz de superar os

dramas da humanidade comum, configurando a essência de um feminismo ético, a adesão a um *ethos* ou conjunto de princípios que regeriam, transculturalmente, o comportamento humano para que seja realmente humano no sentido de ser consciente, livre e responsável. Essa hermenêutica mostra um paralelismo com a divindade feminina da VI Prancha, onde aparece a deusa apontando para a frente, símbolo entendido como a indicação do “rumo no qual deve seguir e encontrar seu *self* autêntico, num *ethos* específico feminino que lhe serve de apoio psicológico para a auto-realização”.

Esta representação foi plenamente confirmada pela Examinanda, protagonista deste trabalho, que se declarou como muito consciente e sensibilizada com a condição universal das mulheres, que inevitavelmente se torna um drama não só do gênero, mas humano, tendo denunciado, em suas aulas, os preconceitos subentendidos em vários estereótipos naturalizados e veiculados como características biológicas do homem ou da mulher, preconceitos muitas vezes erigidos como honraria à figura feminina, naturalizando valores construídos pela cultura (“a mulher é naturalmente mais fiel”, “é mais monogâmica”, “perdoa com mais facilidade”, “é mais altruísta”, “age mais pela emoção”, etc), e que encerram também os próprios homens em estereótipos, nos quais se vêem aprisionados, veiculado por eles mesmos e pelas próprias mulheres.

Verifica-se, em resumo, nesta Prancha a ativação da relação com a imagem maternal, prevista pela tese dos arquétipos. A especificidade desse relacionamento no caso da Examinanda, encontra-se na dialética de uma superação da confluência original para a autonomia do *self*, significando a supressão do domínio e, ao mesmo tempo, a manutenção do vínculo de lealdade. A conquista dessa autonomia parece

estar exigindo uma situação de conflito, cujo objeto parece ser justamente a representação do masculino quando se diferencia entre as oponentes. A tendência deste conflito parece ser evoluir para uma relação dialogal Eu-Tu, cuja estrutura surge simbolizada pela figura dual, duplamente representada, (duas mulheres e dois elefantes). A estrutura dialogal é precedida na luta pela autonomia, evoluindo do conflito para a cooperação. Nessa autonomia, que se define pela superação da pressão da autoridade afetiva materna, se encontra justamente o princípio ético fundamental que legitima e torna autêntica a ação conjunta e solidária entre seres lançados nas mesmas condições humanas, sob livre escolha e não sob coerção.

A ética da ação solidária é, assim, estabelecida no simbolismo criado pela protagonista, que concentra a dualidade, representativa do dialógico nessa Prancha, a dualidade em conflito que evolui para a dualidade em cooperação.

### **5.8 PRANCHA VIII**

TL: 4”      TT: 1’07”

1. Dois animais, dois ursos subindo um morro ou um despenhadeiro.
2. 2. Aqui, este verde, só pode ser planta, uma vegetação.

#### **Inquérito**

1. “A forma de dois ursos subindo um morro (?) Falei despenhadeiro porque me deu a sensação de ser também um precipício, muito alto, e eles sem muito apoio, podem cair. Eles parecem solitários, embora um ao lado do outro, subindo o morro em silêncio, cada um consigo mesmo...”

### **Descrição da Vivência**

“A sensação que eu tive, de cara, foi de perigo!... senti até uma agonia, como se eles fossem cair! Sinto até fisicamente! Não sei porquê...mas a impressão de perigo é muito forte! Uma insegurança por esse morro ser assim tão alto como um despenhadeiro, de onde esses ursos podem despencar e cair! Eles sobem, mas podem escorregar morro abaixo e cair lá, não sei onde, parece que no abismo! Vejo muito pouco apoio para os pés, o morro muito elevado, quase vertical, como um rapel ou uma escalada de montanha, onde o risco está espreitando o tempo...”

(?) “Isso parece comigo! Eu tenho muito medo de altura! É assim... não tenho nenhum problema de olhar do vigésimo andar de um prédio...mas não tolero atravessar um riacho só com uma tábua para a gente andar, sem corrimão, como tem lá na fazenda. Desde pequena tive pavor de atravessar ali e cair dentro d’água! Todo mundo atravessava e eu não! Os meninos riam de mim! Eu preciso de algo para me apoiar, para segurar, senão entro em pânico! (?) Não sei... parece que se eu subir em algo com minhas próprias forças, que não vou ter equilíbrio, que vou cair, é muito perigoso!” “...Falei planta só porque é verde...E gostei de ter este verde aí,... eu não soube a forma de quê planta é... é uma vegetação, o verde me chama a atenção, parece que eu não podia entregar o cartão sem falar dele... mas eu fiquei tão absorvida pelos ursos subindo esse despenhadeiro que nem me preocupei em definir que vegetação é essa”.

“Esses ursos parecem solitários, juntos e solitários. (?) É difícil dizer como... assim, eles não estão isolados um do outro, mas parece que cada um tem que fazer o seu próprio trajeto, os dois estão na mesma situação, ambos absorvidos na própria caminhada... silenciosos, sei lá...mas estão juntos... sabe? A minha sensação é

assim: vejo-os solitários, embora um ao lado do outro, subindo o morro em silêncio, cada um consigo mesmo, mas conscientes da companhia do parceiro... parece aquela situação quando a pessoa tem uma missão e não tem como transferir para outra pessoa. Tem coisas que só nós podemos realizar. É intransferível. Então a solidão é dessa natureza, daquele momento em que ninguém pode ocupar o seu lugar, desempenhar a sua missão. É você quem deve fazer! É dessa solidão de ter que contar consigo mesmo que estou falando...É esta a idéia que este cartão me dá...*é uma impressão muito forte!*”

(?) “...Eu gosto dos ursos. Gosto da sua força, da sua maciez e até da sua solidão, parecem concentrados em seus pensamentos... em si mesmos, parecem fazendo o que têm que fazer! (?) Me lembra eu mesma. Eu me sinto assim muitas vezes, todo mundo deve sentir isso (sentir-se sozinho, às vezes)! Tive decisões cruciais na minha vida...e eu tive que tomar e correr o risco sozinha...”

“E também eu me sinto assim... sou um pouco esses ursos... sou nada sociável, mais introvertida, saio muito pouco, gosto de ficar na intimidade de minha casa, como um urso na toca. O ambiente social me dá um cansaço, é tão cheio de competição...por tudo”

A Examinanda continua se descrevendo como pouco sociável, mais introversiva, e que, inexplicavelmente, experiêcia um sentimento de inferioridade social, quando está em grupo. Principalmente aquelas pessoas seguras de si, socialmente bem sucedidas, desenvoltas, com personalidade extrovertida, que parecem ficar inteiramente à vontade como se fossem donas da situação, deixam-na com um enorme sentimento de inferioridade, de incompetência social. Acha-se muito reflexiva e “curte” mais ficar com pessoas íntimas, ou mesmo só, do que em

eventos sociais: “eu gosto mesmo é de ficar junto das pessoas que eu amo”. Acha a vida social uma canseira, percebe nesses ambientes uma competição subjacente, detesta competir, “não tenho o menor talento para isso”, diz. Compartilha que se sente arrasada se derrota o adversário, sempre foi assim, desde pequena, quando tirava notas melhores no colégio ficava com pena da cara de desapontamento da colega que ficava em segundo ou terceiro lugar. Até quando o time dela ganha, sente dó daquele que perdeu. Confessa-se, porém, como muito ambiciosa, tem projetos acadêmicos grandiosos... Mas sente uma violenta competição nesse meio universitário também. E que seus escrúpulos morais não lhe permite fazer “jogo sujo” com ninguém, que detesta pensar que teria que passar por cima dos seus princípios para conseguir o lugar que deseja para sua vida intelectual e profissional. Fala sobre seu ideal de uma sociedade de incentivo à cooperação em lugar do incentivo à competição.

Aquela solidão de ficar consigo mesma lhe é muito apazível, é uma fonte de onde retira muitos ensinamentos da vida. Com seus alunos sente-se completamente confortável, com eles não experimenta inferioridade e sim realização.

### **Hermenêutica Fenomenológica do Sentido**

McCully considera que as pranchas do Rorschach podem corresponder, grosseiramente, aos estágios de *individuação* descritos por Jung. E esta Prancha VIII revelaria o *primeiro estágio da individuação*, aquele do arquétipo da iniciação masculina e feminina para a *vida em comum*, quando o poder da mãe foi substituído pelo poder de Eros. O autor não entra em explicações sobre estes conceitos, supondo que o leitor já os conheça. No entender dessa Pesquisadora, ele se refere à fase da individuação na qual a pessoa se desvencilha da dependência materna, acrescentado

que só obtendo sucesso nessa conquista de autonomia, torna-se apta conviver com um parceiro ou parceira o nível afetivo-erótico da vida. É neste sentido que ele afirma que a Prancha VIII diz respeito ao *modo de funcionamento adotado pelo sujeito resultante do intercâmbio masculino-feminino*, em todos os planos vivenciais, através de uma relação inter-pessoal importante e profunda. Sendo estimuladora de um estágio mais avançado da individuação que as anteriores, esta Prancha tende a provocar o aparecimento das aspirações acerca da “*vida e das metas*; para onde se vai e o que se constrói”.

Petrelli afirma que ela ativa a capacidade de apreensão dos símbolos da cultura e semelhante a McCully, o enfrentamento das tarefas da *coexistência* ou da *vida em comum (koinonia)*. Contudo, considera a Prancha como evocadora das experiências sociais, estimulando a capacidade de intercâmbio grupal e não apenas o poder arquetípico que potencializa os laços interpessoais homem-mulher.<sup>1</sup>

As respostas e vivências provocadas na Examinanda por esta Prancha atestam com muita evidência essa visão de Petrelli, referente à estimulação da natureza arcana e pessoal da condição de inserção humana num grupo social e não propriamente as vivências referentes ao arquétipo que sustenta a relação interpessoal homem-mulher. Mas estas respostas e vivências evidenciam também a posição essencial da Examinanda em relação às suas metas e aspirações, com notou McCully.

Dentro desse panorama arquetípico, pode-se entender o morro ou despenhadeiro como a representação do social. Este é como se fosse uma montanha, cujo cume ou ápice tem-se que alcançar. Todavia, essa subida é muito perigosa! O sucesso é uma conquista extremamente difícil! No presente caso, o risco assombroso é o de se aniquilar os princípios éticos constituintes da humanidade do homem e, destarte, de se perder a própria dimensão humana! Metaforicamente, no intento de

chegar em cima, quanto mais se sobe, mais se encontram rochas e a floresta fica embaixo... Ademais, ela está na universidade, no mundo científico, a cumprir metas, ordens, a satisfazer exigências, e quanto mais sobe academicamente mais perde em prazer de gratuidade na convivência de companheirismo.

Esse parece ser o perigo temido pela Examinanda! Se se levar em conta a representação que ela tem do social revelada na entrevista, esta é uma das significações necessárias. O que pode cair, a queda seria esse déficit ético e afetivo!.. É a representação do sócio-cultural vivido por ela.

Vê-se na situação organizada como resposta na Prancha VIII e na apreensão provocada por ela, a representação da dialética entre subir e descer: a subida quanto mais alta, maior é o risco da queda. Essa é a essência da experiência humana no âmbito do social, não referindo-se somente à psicologia da Examinanda. O desejo de inserção e afirmação da pessoa no grupo a que pertence e no grupo cultural mais amplo, estimulado pela Prancha VIII é captado exemplarmente pela Examinanda. Através de instrumentos lógicos, ela pode compreender a ordem social, seus princípios, suas normas, uma compreensão cognitiva (vista nas banalidades) e um ajustamento espontâneo a esta ordem, (os animais sobem), e por outro lado, ela exhibe também uma sintonia afetiva temerosa para com o social e cultural (vista na resposta de cor sem organização e ratificada pela vivência angustiante ante a ameaça da queda), mostrando um estado de profunda apreensão ante as exigências internalizadas e assumidas sobre a necessidade de metas e aspirações acerca da vida que se constrói. É como se houvesse um impulso ou um desejo de ascensão na vida, simbolizado no subir e, ao mesmo tempo, a consciência dolorosa que alerta para o perigo que espreita o processo de ascensão, perigo de enormes proporções, tal como se pode ver na representação de um precipício ou um despenhadeiro.

“Vejo-os solitário, embora um ao lado do outro, subindo o morro em silêncio, cada um consigo mesmo, mas conscientes da companhia do parceiro...”

A solidão é também uma experiência arquetípica, não apenas pessoal. Porque o líder, o conquistador é solitário...está ao lado de outro ou de outros, mas é sempre uma solidão, porque a total responsabilidade não pode ser transferida, é unicamente dele. Esse é o drama do protagonista, cujo étimo vem do grego *proto*, o primeiro, o que está à frente, o principal e *gono*, luta: aquele que está à frente na luta, portanto sozinho.

Enfim, essa Prancha mobilizou na Examinanda a situação tanto arquetípica como pessoal, de pertinência a um grupo cultural, na qual metas e aspirações são exigidas, e assimiladas pelo indivíduo. Aqui foi despertado um estado de humor inseguro e ansioso diante do estímulo arquetípico da Prancha. É compreensível este estado de humor angustiado no mundo contemporâneo, com sua demanda pelo sucesso rápido e fácil. Na conjuntura onde predomina a ordem do imediato, a exigência de se alcançar, com urgência metas sociais votadas ao êxito – não necessariamente à competência – a tentação de adotar a atitude crescentemente generalizada de que todos os meios favoráveis e imediatos à consecução das metas tornam-se válidos, espreitam continuamente como risco aos princípios éticos da personagem.

## **5.9 PRANCHA IX**

TL: 4” TT: 2’07”

1. “Uma Lâmpada acesa!”
2. “Um violão”

3. “Dois palhacinhos pulando, brincando”
4. “Aqui, nesse rosa, um nenén, enroladinho numa coberta fofinha, cor de rosa. É um menino!”
5. “Um homem andando de moto em alta velocidade!”
6. “Pode ser também uma mulher lavando roupa”
7. “No todo parece um quarto de bebê...Esse bebê embaixo com a mãozinha esticada brincando com essas coisas que são do seu quarto: o palhacinho em cima, formando um brinquedo leve, que diverte o bebê. O neném aí no seu quarto sozinho, brincando. Olhando na totalidade, me parece um quarto de criança”.

### **Inquérito**

1. “A forma idêntica e a luminosidade!”
2. “O formato do violão, só isso”
3. “O formato de seres humanos fantasiados, alegres, brincalhões, cheios de vida e alegria! Feito crianças, espírito de crianças”
4. “O nenén é lindo! A forma, a cor rosa, o fofinho! A cabecinha dele e a mãozinha puxando o brinquedo! Menino não é percepção, é escolha”.
5. “A forma do homem, a posição do corpo igual a quem está numa moto, principalmente o movimento veloz...pode ser uma moto”
6. “A forma de uma dona gorda, parece lavando roupa, também com muita energia!”
7. “Agora eu uni tudo num conjunto, numa totalidade, numa idéia de quarto de bebê, as partes também combinam”.

### **Descrição da Vivência**

“Adorei essa prancha! Tive um impacto com essa lâmpada acesa, muito iluminada! Cheia de energia (expressa-se movimentando todo o corpo e apertando as mãos) O cartão inteiro me traz alegria, é gostoso... é alegre,... nem sei dizer... é uma sensação muito agradável! apenas senti uma ansiedade levezinha, porque o brinquedo do neném é muito grande em relação a ele. Mas é descartável (refere-se à ansiedade). Porque eu penso que este brinquedo é algo leve, aqueles objeto grandes, mas leves, para criança brincar... Este verde seria o fundo do quarto.

Eu nem sei dizer mais nada!... É maravilhosa! (?) Esse cartão me dá sensação de ambiente caloroso... Acho que é isso que quero para minha vida! Essa criança brincando, essa mulher trabalhando, esse homem andando de moto...trabalhando também...essa lâmpada acesa expandindo energia!... para mim representa o lado caloroso da vida, a vida em família que eu sonho...”

### **Hermenêutica Fenomenológica do Sentido**

Segundo McCully, essa Prancha mobiliza a energia arquetípica associada às metas e significados vitais espirituais. Ele afirma que este estímulo pode fornecer indícios acerca da psicologia do estado de consciência com novos valores, relativos a metas e significados vitais, não-materiais. Mobiliza, assim, o arquétipo da vida e da morte

Petrelli observa que a prancha IX é considerada materna, por muitos estudiosos do Teste, especialmente por conter um vão central com uma fissura no fundo, o que, compele o sujeito reevocar a passagem natal, levando a um novo drama do nascimento. Os dois vermelhos inferiores acentuam a dramaticidade do parto. Acrescenta que as primeiras formações da afetividade ficarão como um *imprinting*

moldando a euforia ou disforia primárias, oriundas da relação mãe-filho. A prancha IX desvela, em suma, uma história de vida mãe-filho ou mãe-filha implícita na relação indivíduo-mundo, indivíduo-cultura, indivíduo-grupo

Vê-se aqui o estado de ânimo de intensa euforia ante a confrontação com a Prancha! Se o modo humano de habitar o mundo está constantemente sintonizado com um estado de ânimo, como diz Boss, tanto os perceptos como os estados vivenciais da Examinanda indicam a existência de uma feminilidade alegre, esperançosa, carismática: é luz, é alegria, é musicalidade, é energia!...Confirma aquilo desvelado até então: ela vive positivamente e com júbilo genuíno e profundo, o feminino e a maternidade. A fisionomia dessa experiência se mostra em perfeita sintonia com os perceptos da Prancha VI (a divindade feminina) e da Prancha I, a estrutura anatômica da maternidade).

Curiosamente, aparece um homem andando de moto e, na posição simétrica, uma mulher lavando roupas energicamente. Vê-se aí *a vida distribuída nas leis dos gêneros*. Pode-se deduzir que a *causa* da Examinanda identificada nessa experiência rorschach, o resgate da dignidade feminina, não se refere propriamente à distribuição empírica de tarefas. Ela acata as tarefas femininas ( e isso é confirmado na Entrevista, quando, referindo-se a seu baixo interesse por eventos sociais, acrescenta: “eu gosto de ficar em casa. Curto muito o trabalho doméstico”). As tarefas atribuídas ao gênero podem, na história pessoal, adquirir valor positivo, significando uma preferência ou adesão que tem subjacente o exercício da liberdade de escolha e não uma exclusiva determinação cultural, como tem sido entendida genericamente. A essência da opressão não é a divisão de tarefas; é o constrangimento a ter que naturalizá-las, isto é, afirmá-las como inerente à “natureza” dos gêneros, violando assim, a condição fundamental do ser do homem, que é sua singularidade e sua

liberdade de escolha.

A lâmpada acesa é símbolo da luz espiritual, como portadora do espírito, do ser espiritual, da inteligência, da verdade e do lado espiritual da vida.

Pôde-se, então, flagrar de forma impactante, o espantoso poder de significação do ser humano, o ato criador *in status nascendi*, aqui evidente na sacralização do profano, na espiritualização da condição feminina e da maternagem, exibida com grande vigor corporal pela Examinanda e testemunhada por esta Pesquisadora!

Em resumo, a estrutura vivencial efusiva da protagonista desse trabalho em torno da feminilidade e da maternagem, desvela, de forma provocativa, o realismo arquetípico da IX Prancha!

## 5.10 PRANCHA X

TL: 5” TT: 2’57”

1. “Fundo de mar: plantas e animais marinhos!”
2. “Esse animalzinho é o que mais me chama a atenção, caranguejo, caranguejinho do mar, azul”.
3. “Outros animais, outras plantas...”(mostra os demais detalhes da Prancha)
4. “Aqui eu vejo duas mulheres ou duas doninhas, em pé, uma de frente para a outra, vejo o movimento do corpo esticando...”
5. “Nesse fundo branco, uma símbolo nacional ou religioso, tipo um estandarte...Aliás, todo esse branco poderia ser um estandarte... e ao redor , a diversidade das figuras representaria a *fecundidade*... Me ocorre a idéia de que um país lutando com o desenvolvimento, que criou um símbolo de fecundidade, com as duas mulheres no centro, com uma bacia óssea entre

elas, para simbolizar a fecundidade, a fertilidade... colocando a mulher como símbolo!”

6. “Esses caranguejinhos não é para serem comidos, eles são para decorar o mar, ou o ambiente onde forem colocados (observa, sorrindo)”

### **Inquérito**

1. “Cena linda! Devido ter várias formas e cores diferentes, por isso, fundo do mar, não só com animais, mas também com plantas marinhas”.
2. “Pelo formato cheio de pernas e por serem azuis, parecem caranguejinhos do mar... de decoração, não para serem comidos”.
3. “O restante de vida que compõe o mar, devido as formas e cores diversas”
4. “Nesses rosas grandes, vi mulheres, depois falei doninhas, animais que também ficam em pé, e até se chamam “doninhas” (acha graça), as duas alegres, se olhando (?) O movimento é assim, elas estão em pé, envergando o corpo para trás, tem uma tensão aí, mas uma tensão alegre, mostrando a bacia. A posição, o movimento, a intenção é humana”.
5. “Comecei só com este branco. Vi como um emblema ou um estandarte.

Depois fui ampliando o olhar e abrangendo tudo: vendo que tudo se ajustava à idéia de um símbolo de fecundidade, pela diversidade de vida aí, de cores, de formas, tendo essas duas mulheres, ou doninhas no centro, com a bacia óssea entre as duas, bem destacadas, como se fôssem o símbolo da fecundidade e da fertilidade que esse país persegue”.

### **Descrição da Vivência**

“Adorei. Achei linda também! Bem melhor que as primeiras!

“O que eu vivencio aqui?...principalmente uma satisfação com este símbolo da fecundidade. A escolha da mulher para simbolizar as aspirações de um país. Nada mais apropriado, pois a mulher é geradora de vida... A sensação é de que foi feita justiça!”

“Também uma alegria profunda ao ver tanta vida! Eu me sinto muito próxima dos animais, deve ser isso. Acredito que eles têm sentimentos basicamente iguais aos humanos..especialmente a alegria de viver...parece que só não têm a intenção... “

Esse caranguejinho azul... para mim, não tem nada a ver com alimentação. Tem a ver com a bela decoração do fundo do mar, quanto mais vida mais bela! Eu já lhe contei que odeio a morte dos animais! Tenho até trauma!”

Eu fui olhando, vi o fundo do mar, as plantas, os caranguejinhos, os outros animaizinhos, depois o branco como um estandarte nacional ou religioso. Aí, fui vendo as mulheres ou doninhas em pé, nesses rosas, empinadas para trás, exibindo a bacia óssea no centro... então tudo foi fazendo sentido! Aí vi o símbolo nacional da fecundidade ou da fertilidade! E imaginei que seria o símbolo de um país em desenvolvimento...como o Brasil!(sorriso solto, com aquela serenidade de quem conseguiu com êxito a sua meta!)

### **Hermenêutica Fenomenológica do Sentido**

McCully concluiu que esta Prancha mobiliza o *terceiro estágio da individuação*, ou seja, o funcionamento integrado do *Self* ante miríades de solicitações, revelando sua qualidade de sua adaptação ao meio pleno de diversidades. Devido às muitas formas de vida na Prancha, *a natureza parece destacar-se mais que os problemas humanos*. Por isso, os sujeitos abertos aos seus

processos internos, a experimentam como “evolução vital”. Tais fatos levam à sugestão de que esta Prancha possui qualidades *arquetípicas associadas à fonte da vida*, ou *Sansara*, conceito hindu de uma grande roda da vida, na qual todas as coisas vivas giram. Ela possui, pois, qualidades arquetípicas associadas à fonte da energia vital impessoal: “mãe natureza” ou Sansara dos hindus.

Petrelli confirma a significação da Prancha como mobilizadora da integridade do *Self* ante a multiplicidade de solicitações do eu e do mundo . Isso significa que é estimulada a exigência da vida, evocada por este estímulo, de que seja efetuada uma diferenciação da unidade em partes com sentido particular, e o retorno à unidade originária.

Vê-se que o campo experiencial desta Examinanda ferve de vida! Em todas as ordens: biológica, botânica. ecológica, É o borbulhar da vida! Vê-se aqui representado o mundo ecológico, o mundo animal, o mundo humano, o mundo cultural, O mundo político também! impregnados na sincronia e na sintonia...A vitalidade, o élan vital de Minkowski

Perfeita sincronia com a Prancha I! A exaltação do feminino em todo esse Rorschach!

Evidencia-se uma pregnância das fontes básicas: a natureza se apresenta, mas o vértice da natureza é humano. E este humano é produtor de cultura (o símbolo nacional da fertilidade). Mas a gerência dessa produção é feminina!

Com a natureza, não tem uma relação consumista, mas tem uma relação de conservação da vida!(“ o caranguejinho não é alimento!”)

Aquí, tornou-se, mais uma vez, interessante resgatar as anatomias (bacia óssea) como reveladoras de uma vivência e não apenas categorizá-las como sempre negativamente, como uma má forma. O que significa bacia neste contexto? Significa

a estrutura biológica que mantém a maternidade.

A Gravidez pode ser invocada como princípio explicativo da diversidade que não se separa em mônadas, mas a diversidade conflui, vai se integrando, se articulando para manifestar a vida em suas riquíssimas formas.

E além disso, este princípio possibilita o entendimento do processo psíquico da Examinanda, que apresenta um itinerário que se fecha: o triunfo, a apologia, do feminino, a divindade é feminina. Petrelli informa que a divindade na origem ontológica, arquetípica é feminina, só que foi seqüestrada pelo masculino! E a Igreja ainda mantém este seqüestro (em comunicação pessoal, ao ser comentado este Teste com ele).

O retorno à unidade preconizada por Petrelli, mostra-se aqui numa relação mística, holística com os animais e a natureza, o que fica bem claro na Entrevista quando a Examinanda descreve a si mesma.

Tudo indica ter sido acessado o arquétipo identificado por McCully, a experiência humana com a fonte da vida ou energia vital impessoal, a mãe natureza, aquela de onde tudo deriva, ou *Samsara* dos hindus: a energia arquetípica como uma fonte vital impessoal. Contudo, como tem sido afirmado no início desse trabalho, o universal e impessoal mantém uma relação dialética com o pessoal e particular. Vê-se claramente no caso da Examinanda como esse arquétipo universal, o da mãe natureza ou *Samsara*, se expressa na vida particular, de forma perfeitamente articulada com sua história de vida, com suas experiências próprias, e com os anseios e metas particulares da sua existência individual. O tema “Fecundidade” se impõe pregnantemente como o fechamento da *gestalt*, iniciada na Prancha I, como o símbolo da feminilidade e maternagem restauradas, dignificadas e até divinizadas, passando pela tragédia da violência humana histórica e pessoal no cenário do

Rorschach; pela vingança e culpa; pelo resgate das luzes da racionalidade no decurso temporal e, finalmente, pela reparação coletiva, quando a figura feminina se impõe como expressão da mãe natureza, originante da vida, e é reconhecida cultural e politicamente pelos homens que, em sua honra, erguem sua imagem como símbolo da fecundidade de uma nação e, reverentes, prestam culto à sua matriz!

## PARTE 6

### Conclusão

*“O mundo não é hospitaleiro, não aceita incondicionalmente quem nele entra; cobra severamente perfeição física, competência, conformismo moral, produtividade. A possibilidade de ser aceito ou rejeitado cria uma condição de extremo desamparo, levando a pessoa a uma busca incessante de tutela e de afiliação. Para obter essa tutela, o ser humano pode oferecer, em troca, qualquer prestação de serviço, às vezes até contra a própria consciência”*  
*(Petrelli, in Psicodiagnóstico Rorschach, parte 3, sem paginação)*

A trajetória vivencial da Examinanda pode ser, de forma simplificada, assim organizada:

1. Observou-se que o transcurso foi dramático até a Prancha V, onde a cena atingiu seu auge, com a imolação do coelho, símbolo funcionalmente utilizado para dar conta das originais vivências trágicas em relação à sua feminilidade e, ao mesmo tempo, do sentido sagrado contido nessas vivências.
2. Tudo indica que até a Prancha V, ela deu visibilidade simbólica a seu drama subjacente: *a feminilidade em risco*. E da VI em diante, até a X, a energia ficou toda disponível para configurar a situação de enfrentamento, exigida como resolução ou fechamento da estrutura dramática, desvelada nessa primeira fase.
3. Daí em diante, houve progressiva recuperação até coroar com o vitorioso *resgate do arquétipo feminino-materno* na prancha X
4. Esse processo sugere que a energia mobilizada pelos estímulos e formadora de imagens, segue uma ordem que corresponde à evolução ou estruturação do tema existencial do sujeito – ou superestrutura psíquica -

movida pelo impulso da Gravidez.

5. O tema existencial correspondente à totalidade provisória da existência revelou-se como *a feminilidade em risco*, situação vivencial mobilizadora de estruturas de enfrentamento, que evoluem da Prancha VI à Prancha X, no *resgate e sacralização do arquétipo feminino* com suas qualidades de fecundidade, cuidado e compaixão por todas as formas existentes de vida. As partes, ou seja, cada prancha individual, se adapta ou se subordina de modo funcionalmente perfeito a este tema existencial, regidas pela Gravidez, princípio organizador inerente às condições do campo vital dessa pessoa.
  6. A Examinanda, pôde mover-se vivencialmente com liberdade diante dos estímulos, deixando que a situação estimuladora conduzisse o seu processo experiencial.
  7. Esta liberdade para ser espontânea e autêntica, foi de capital importância na coleta dos dados vividos, o fenomênico, com o mínimo de alteração possível.
  8. Foi constatado, por fim, um processo de mudança ou de ressignificação durante a experiência rorschach, relatado pela própria Examinanda. As regiões da subjetividade que foram ressignificadas segundo a percepção compartilhada com a Pesquisadora foram: a energia investida na imagem paterna, que passou a ser mais realista e menos terrorífica; a relação de compromisso não explicitado com a resolução da gestalt interrompida da sua mãe, em relação à própria figura paterna desta; a descoberta e aceitação do seu *self crítico* exigente de compreensão, de perdão e de cuidado com os viventes de qualquer natureza.
-

**Algumas inferências teóricas foram sugeridas por esta pesquisa:**

É interessante se constatar que todas as Pranchas apresentam hipoteticamente, segundo as investigações de McCully, vários elementos estimulantes das fontes arquetípicas das vivências e comportamento do homem. Porém, como era de se esperar de acordo com a teoria da Gestalt, o estímulo que surge como figura é justamente aquele entre vários outros que atende à necessidade mais atual do sujeito, que estimula aquele aspecto da sua existência presente que precisa ser resolvido, fechado ou desenvolvido, abrindo assim novas e imediatas possibilidades existenciais.

Por exemplo, na Prancha I, por que bacia óssea e não outra figura qualquer? Não se acredita que seja obra do acaso. Apelando-se para o princípio explicativo da Psicologia da Gestalt, aquele da determinação figural, que entende a emergência da figura como *determinada pela prioridade do Organismo na situação presente*, pode-se então inferir que a prioridade da existência presente de MLTP se volta para questões simbolizadas pela bacia óssea. Esta imagem representa, entre outras significações, ou mais precisamente, no nível mais aparente de significação, o anseio que a Examinanda acalenta a respeito da maternidade (o que foi conferido pela Entrevista com a mesma, na qual relatou seu profundo desejo de ser mãe).

2. Ante as mortificações percebidas pela Examinanda na Prancha II e sua sofrida sensibilidade para com a vulnerabilidade corporal de qualquer ser vivo, surge uma hipótese na Examinadora: a identificação do homem com o animal pode se dar e aparecer no Rorschach de forma patética em cenas sangrentas, traumatizantes, quando essa *simpatia* for muito forte no Examinando. Desse modo, estas cenas

podem não se referir à ofensa a corporalidade do sujeito, nem à projeção do seu potencial agressivo, mas ao fato de ter sido testemunha ocular da violência exercida contra outro ser vivo, não se limitando à representação do humano violado ou violento como aparece na literatura. Se confirmada, tal suposição indicaria a possibilidade de se identificar, no Teste, o espírito ecológico em sofrimento ante a destruição da vida. Esta hipótese surge desse caso clínico e faz um questionamento sobre a interpretação consagrada do Rorschach a respeito de cenas sangrentas.

3. Ainda nessa Prancha II, uma suposição surge como alternativa explicativa a respeito da imagem do terrificante sobre o feminino. Em vista do percepto elaborado, a bacia óssea extraída, poder-se-ia afirmar que a angústia genital aparece como evidente ; contudo, o sentido captado nessa hermenêutica, via descrição do vivido imediato e da história pregressa, é que a simbologia se dá, não como o desvelamento de uma *sexualidade* restrita ou oprimida, mas como a angústia ante o poder sádico sobre a feminilidade e suas funções. A simbologia articulada com a vivência, remete a significações mais amplas que excede a função da genitalidade, alcançando a totalidade da existência feminina, enquanto mulher, submetida e ameaçada pelo arbítrio do poder patriarcal ao aniquilamento ou à extinção da sua corporalidade: *o feminino em risco*, como foi ressaltado.

4. A prescrição gestáltica de que a resolução só se dá quando da entrada completa no problema ou na situação, parece o que foi feito pela Examinanda ao se permitir vivenciar o terror do aniquilamento na Prancha II e III. Ela poderia ter formulado apenas perceptos formais. A teoria da Gestalt-terapia postula que a evitação de elementos do campo levam à confusão perceptual, à *gestalt* incompleta e, conseqüentemente, à interrupção da solução possível e necessária *exigida* pela

situação original criada. É coerente com essa leitura a aparição, na fase do Inquérito, após a apresentação de todas as pranchas, da belíssima imagem de “dois guerreiros fazendo um pacto de paz”, justamente ali, no mesmo palco, onde se desencadeou a dramática cena de brutal violência contra a corporalidade indefesa.

*Que dois guerreiros são estes?* Poder-se-ia supor que representem a dimensão feminina e masculina da Examinanda, o *anima* e o *animus* junguianos, aquilo que como homem foi introjetado por ela (o ser violento) e a mulher (também como vingadora –Veja-se a Prancha IV ) – que agora se entendem num pacto de paz. No entanto, isso seria empobrecer o significado, atribuindo todo simbolismo à dimensão intrapsíquica da Examinanda, o que subentende a consideração do intrapsíquico como auto-gerador de si mesmo. Tal leitura excluiria do simbolismo as experiências de mundo vividas pela Examinanda, caindo assim, num subjetivismo radical.

É preferência da autora dessa monografia a tese da inseparabilidade do interno e do externo, defendida pela Fenomenologia, considerando o intrapsíquico como um processo em movimento contínuo de intercâmbio com o mundo externo que o modifica e que é modificado por este. Assim, podem ser contidos no mesmo símbolo o intra e o extrapsíquico, pois os dois agressores são simultaneamente agressores do outro gênero, isto é, aquele que agride é de fato o outro, logo *não-eu*, situado no campo ambiental e *eu mesma*, pela minha violência retaliadora.

Isso sugere que a vivência se dá numa unidade. Só o racional é que divide, categoriza e organiza. Este símbolo construído na Prancha II por MLTP, que foi interpretado pela idéia de que *os dois guerreiros* são o outro e, simultaneamente, ela mesma, pode ainda aceitar mais uma significação coerente com seu poder sintético. Assim, a imagem dos *dois guerreiros* está apresentando a também dualidade intrapsíquica: ao

representar a pacificação com o outro, está-se representando a própria pacificação intrapsíquica com as partes conflitivas de si mesmo. Mas não só, insiste-se! Está, de fato, representando a pacificação com o outro! E vai tudo contido num só símbolo, numa só aparição. Que não se tente separar o que Deus uniu!

5. As imagens e vivências emocionais da cliente sob o estímulo da Prancha IV, compartilhadas na Entrevista, são de natureza semelhante àquelas que experienciava no contato com a figura paterna, confirmando a interpretação arquetípica da Prancha. Porém, a contundência emocional e agressiva despertada pelo estímulo da Prancha é muito mais impactante e emocionalmente desorganizadora que a experiência vivida com a figura paterna. Este fenômeno parece indicar que o arquétipo mobilizado não se refere apenas à experiência com o pai concreto, biológico, da história de vida. Trata-se de uma energia arquetípica capaz de mobilizar imagens referentes à experiência arcana da humanidade com o patriarca. Além disso, a estrutura patriarcal acha-se também veiculada pelas instituições culturais e não apenas por uma pessoa em particular. Essa energia, que é mobilizada na IV Prancha, pode levar o sujeito a experienciar o poder positivo ou negativo da sua pessoa com o arquétipo. Diante disso, é mais compreensível a violência vingadora simbólica da Examinanda que ultrapassa os seus reais sentimentos pelo próprio pai e, ao que parece, se dirige à superestrutura patriarcal opressora milenar de mulheres e crianças, reeditada de forma reduzida ou atenuada na sua estrutura familiar. Nem precisa existir um pai real, são representações simbólicas. Para verificar essa suposição é preciso examinar pessoas que perderam o pai muito precocemente ou nunca conheceram o próprio pai.

6. Durante a sucessiva emergência de significados do caso, vai ocorrendo outra dedução no espírito da Examinadora: *a de um processo sendo construído durante a*

*submissão à Prova*. Essa idéia pressupõe que o material que emerge não se presta apenas à função diagnóstica ou mesmo catártica, mas revela um processo vivencial acontecendo no tempo presente, no qual a pessoa vai expressando na prancha, o simbolismo daquilo que passou, da sua história, mas também o simbolismo de um processo de vivência imediata, na qual vai-se revelando uma memória que é acessada não meramente como recordação, mas o reviver aqui e agora diante da estimulação, modifica *in status nascendi* a configuração da vivência, impulsionada pela *Pregnância* ou busca de uma solução(ou fechamento) no advir. Em síntese, ao mesmo tempo está acontecendo a memória simbolizada e a sua integração com o aqui e agora, este a modifica e aponta, no mesmo símbolo (qualidade econômica da *Pregnância*), para o futuro, a busca da solução. No momento de sua aparição, o símbolo mostra as três dimensões temporais do vivido que se dão no instante: o passado se encontra com o presente em direção ao futuro. Tudo está em ininterrupto processo...

Em termos diagnósticos, isso que dizer que pode-se conceber que as respostas representam não apenas a presentificação simbólica das vivências ou de situações traumáticas, mas o impulso organizador do advir, construindo a solução. Esta posição redireciona o valor diagnóstico da Prova para a consideração do fenômeno perceptivo do Rorschach como uma totalidade, incluindo aquilo que é configurado como um processo, em busca de fechamento, de resolução. Assim, MLTP faz, ao elaborar suas respostas, a presentificação da história, a significação atual dessas experiências e a configuração de solução necessária a suas vivências traumáticas, *preparando*, por assim dizer, a estrutura capaz de superar o trauma, que aparece na simbologia posterior dos guerreiros que se encontram como iguais, não mais o dominador sádico e sanguinário, mas como dois no mesmo patamar humano ou

ontológico, respeitando e negociando seus respectivos poderes de preservar ou destruir a vida.

Como nos sonhos, o *enfrentamento* catártico com o trauma (ela poderia ignorar as manchas vermelhas e elaborar resposta meramente formal e neutra), pode fazer emergir a ou preparar o terreno para a solução necessária àquela *gestalt*, cuja energia tem sido interrompida desde a infância, não tendo efetuado, pois, seu fechamento em alguma modalidade de ação. Presume-se que esse enfrentamento foi facilitado pela configuração relacional dialógica do experimento. Essa suposição, todavia, merece ser confirmada em pesquisas posteriores.

É ainda um pacto –e pode ser desfeito, como todo pacto- porém, constitui uma atitude de completa mudança da estrutura relacional, aquela em que alguém subjugado pôde reagir (e também destruir – veja-se Prancha IV, anterior à elaboração dos “dois guerreiros”)- . alçando o protagonista, antes submetido e violado, ao patamar do poder. A significação complementar é a da expressão do *self* como fundamentalmente apaziguador.

É importante enfatizar que este resgate se deu no final, na fase do Inquérito, quando a protagonista já havia feito o trajeto de toda a Prova, da Prancha I à Prancha X, após especialmente, a dramática situação paranóica vivida na Prancha V.

7. Outra observação foi a de que a cronologia no Rorschach não é uma cronologia de eventos, ao que parece. Trata-se de uma cronologia da consciência. A sucessão de níveis de consciência que o sujeito vai alcançando no decorrer do processo perceptivo, subordinados à lei da *Pregnância*, isto é, às determinações do campo

estimulador (particularmente o encontro da subjetividade frente à configuração da mancha). Não se trata de interpretar a sucessão no Rorschach como uma sucessão de eventos históricos da vida da pessoa. Cada prancha faz sentido dentro de uma única determinação: como promotora parcial da configuração progressiva do tema existencial central, de acordo com o poder estimulador de determinada região diferenciada da experiência que tem cada uma. A evolução cronológica da passagem pelo processo de exposição aos estímulos visuais, vai revelando a relação de cada região com o sentido hegemônico da totalidade da pessoa. Os eventos que emergem em cada uma, elucidam ou esclarecem, completando o entendimento deste tema central. Na medida em que a abertura do examinando ao vivido se amplia, permite essa iluminação; quando, pelo contrário, essa abertura se contrai, provoca o obscurecimento daquilo que poderia lançar luz ao tema dominante. Como a crença prévia ao experimento é a de que a abertura sofre a dependência direta da relação Examinador-Examinando, aquele que investiga é compelido à busca da colaboração na tarefa hermenêutica, o que é mais facilmente alcançado no modelo de relação dialógica.

8- Na Prancha V, a Pesquisadora foi constrangida a criar a expressão *self cristico*, para dar conta de expressar o seu entendimento da dimensão da realidade fenomênica que tinha sido captada. A interpretação do *coelhinho depelado*, como contendo um nível de vivência do sagrado coincide, de modo bastante surpreendente com o sentido do *self* budista, do qual a Pesquisadora tinha total ignorância, e só foi ter ciência após a interpretação da imagem criada por MLTP. Passada o deslumbramento da descoberta, inclusive a euforia de ter encontrado a expressão precisa, a autora foi pesquisar nos textos de profissionais junguianos, o significado do *self*. O motor dessa busca por um conceito solidário foi o temor e a apreensão de

que a expressão *self crístico*, que imaginou ter criado (porque terminou por encontrar a expressão em textos não junguianos), parecesse ao leitor um tanto extravagante, embora à autora, continuasse sendo a única perfeitamente fiel à aparição do fenômeno. A motivação para a busca foi potencializada também pelo fato de ter percebido que esse *self* divino deve ser essencial ou central em todo ser humano.

A seguinte definição de *self* encontrada num autor junguiano, refere-se à mesma apreensão da dimensão sagrada do *self*, fato que deixa a Pesquisadora surpreendida e atônita. “O *Self* representa a quintessência dos arquétipos na psicologia junguiana: é, ao mesmo tempo, *a fonte da personalidade como seu objetivo final*; é o símbolo da divindade no homem, o que equivale no Budismo, ao Estado de Buda existente em todos os seres” (Moacanin, 1999),

Mesmo não se levando em conta que a Pesquisadora desconhecia essa idéia de *self*, o mero saber dela é um estado psíquico que mantém a distância do eu, própria dos fenômenos cognitivos. Uma experiência bem diferente, é o impacto de deparar-se com a sua presença numa prancha de Rorschach simbolizada por um coelho sacrificado!

9 Na sua obra, McCully afirma que a Prancha VI pode ser associada à autoridade decorrente do poder masculino, reativando o que ele considera como “o eterno arquétipo do poder”. Em consequência, pode ser ativada, nessa prancha a necessidade de fugir à autoridade e de expandir a própria força. Isso significa que, num plano arquetípico, a mulher pode se defrontar com suas *aspirações fálicas*, sem relação com o erotismo. Neste caso, segundo o autor, “ela terá que *entrar em luta com seus desejos pelo poder do logos*, desejos que podem potencializar o comportamento obsessivo”(p.167). Como a Prancha é associada à autoridade

masculina, representada pelo falo no detalhe superior, o culto fálico pode revelar um sujeito sob o domínio do culto ao *logos* masculino. A qualidade cruciforme presente no detalhe superior pode levar aquele que está aberto aos seus processos internos, a um simbolismo associado ao sacrifício em favor do poder do *logos*, ou seja, ao sacrifício da dimensão sexual instintiva em função do conhecimento ou da razão. Não foi constatado, na descrição das vivências, como pressupõe McCully, orientado pelo episteme psicanalítico, que a Examinanda lute com suas “aspirações fálicas”, identificadas como aspirações ao *logos*. Na conjuntura sócio-cultural contemporânea, este conflito está, com certeza, grandemente minimizado nas contingências de escolha profissional da mulher. E, a despeito do exercício clínico revelar a existência do conflito ainda vigorando, particularmente ante as tarefas da maternagem atribuídas ao feminino, considera-se que identificar o interesse ou aptidão pelo *logos* (pela razão, pelo conhecimento ou pela criação) como uma característica fálica que leva necessariamente à luta intrapsíquica na mulher, implica na atribuição de um desejo de usurpação pela mulher daquilo que é naturalmente masculino. Tal posição parece a esta Pesquisadora a intrusão da ideologia machista ou patriarcal frente ao aparecimento da realidade fenomênica, totalmente alheia a esta ideologia que pretende capturá-la. A Examinanda recusa o destino de subserviência e suporte, catexizando o falo, ou o poder do *logos* como um projeto existencial legítimo à sua condição de mulher (não como uma vicissitude dos instintos), em tudo mais aceita com espontânea alegria e visceral entusiasmo.

10 Uma assertiva de McCully promotora de esperança é que “*o sistema invisível do poder arquetípico continua a existir até que a estrutura que o sustente perca sua energia*” E este padrão arquetípico patriarcal vem perdendo gradual e progressivamente sua força de influência no psiquismo das novas gerações. A

estrutura social, política, educacional e cultural da globalização contemporânea não mais contém o mesmo poder de sustentação desse arquétipo, estando-se presenciando um esvaziamento da energia de manutenção do imaginário popular da imagem da mulher subserviente, suporte para a primazia masculina, como foi encontrado por McCully, na década de setenta, em suas pesquisas paleolíticas.<sup>1</sup> O denominado “poder do culto fálico” – do *logos* – que é visto como as “qualidades masculinas recessivas da mulher” no modelo interpretativo de McCully, parece tratar-se de qualidades inerentes à pessoa, porém entrando em luta com valores sociais patriarcais ainda vigentes, constringedores ao cumprimento do “destino feminino”, qual seja, o constituir família antes de tudo, garantindo assim o cumprimento da determinação ancestral e gerando uma situação mais ou menos generalizada de “ansiedade matrimonial”.

11 Na Prancha VII, logo após a enérgica discussão, as protagonistas se tornam estátuas. O entendimento do processo psíquico subjacente a esta mudança de percepção foi a necessidade de engessar simbolicamente o vivido para que se torne algo de um passado. A estátua pára com o presente vivo. Frente a isso, ocorre à Pesquisadora que tanto o vivido pode ser simbolizado, como o *símbolo pode anteceder ou originar o vivido*. Isso que dizer que, pode-se atuar simbolicamente, não fugindo da situação, mas como uma preparação, ou como uma tentativa prévia de modificar uma situação de fato. Isso é muito interessante e abre possibilidades terapêuticas provocativas: solicitar a simbolização imaginária do cliente, visando a transformação de uma situação vivida insuportável ou inadequada, para a sua mudança em situação desejada, mais ajustada às necessidades do crescimento e da

relação presente. Ademais, essa simbolização prévia à mudança é o que pode estar ocorrendo no próprio desempenho, aqui e agora, no Rorschach. Essa suposição necessita, obviamente de verificação em pesquisas posteriores. Um elemento dessa idéia parece, porém, fora de dúvidas: é essencial o apoio humano ou terapêutico para que esse projeto embrionário se efetive.

12 É oportuno lembrar aqui que todo o processo da descoberta, é visto pelos gestaltistas como uma dinâmica de *mudanças inevitáveis*, onde forças potentes de reorganização, *partindo das próprias exigências estruturais da situação dada*, levam a novas estruturas estáveis. Mudanças que teriam como base o que Wertheimer denomina de fenômeno da “Pregnância Estrutural”, ou seja, esta tendência do campo de forças reais à melhor organização possível.

No tocante ao processo rorschach propriamente dito, arrisca-se aqui a dizer que a configuração aterradora que se formava na exposição às Pranchas I a V, teve o seu papel multifuncional: o aterrador revivido no simbólico parece provocar um *quantum* de esvaziamento do trauma, através do processo catártico, de modo a permitir a reconfiguração sucessória pregnante, como pareceu acontecer no formato estrutural das Pranchas II, III e IV e no retorno reparador à Prancha II, precisamente onde viera à superfície a situação terrificante original. Na Prancha III, a evolução da configuração exhibe os atores da situação originalmente vivida, e ainda mal pressentidos na Prancha II, em obediência à necessidade *pregnante* de fechamento, pela identificação dos personagens justificadores da angústia. Essa evolução perceptiva, se evidencia de forma patética na Prancha IV, o estímulo do jogo patriarcal, evento pleno de violência e culpa. No retorno à II, *os guerreiros fazendo um pacto de paz*, após todo o trajeto de enfrentamento simbólico e catártico até a X, foi a solução apaziguadora inevitável num contexto de um *self crítico*. Este, como

foi visto, é conceituado como a identificação com o processo de amor incondicional, da compreensão e do perdão, ancorada num modelo de humanidade de Cristo. Acredita-se que a simbologia final da pacificação na Prancha II, seja uma demonstração bastante eloquente de que o impulso pregnante ao melhor fechamento deve-se, como apregoa a tese gestáltica, às exigências estruturais do campo, no qual têm relevância as forças psíquicas do sujeito, obviamente. Assim, o *self cristico* foi considerado aqui como *a força geradora básica* que dirigiu a necessária pregnância dessa configuração

13. Concluiu-se que a forma como a energia arquetípica é projetada na vida pode ser muito bem captada pela descrição das vivências do Examinando ante o estímulo das pranchas, seguida da hermenêutica dialogal da significação, tarefa que foi realizada nesta dissertação. Certamente, os arquétipos identificados pelos dois estudiosos, McCully e Petrelli, que foram referência nesse trabalho, desencadeiam estados vivenciais que revelam a reação individual e personalizada à experiência universal ou coletiva. A descrição fiel desses estados, sob o modelo dialógico de investigação, parece desvelar o sentido pessoal do arquétipo mais genuinamente que a leitura desenvolvida exclusivamente pelo pesquisador habilitado, como prescreve McCully, na perspectiva metodológica das ciências naturais. No panorama fenomenológico, deve-se dar ênfase ao *como* é processada pelo indivíduo esta estimulação arcana, através da descrição rigorosa das suas vivências imediatas, fundamentalmente seu estado de humor.

14. Com certeza, o símbolo pode conter vários significados funcionais. Isso foi visto no teste de MLTP. A mesma aparição pode significar diferentes níveis da vivência: desde o consciente, o material, o prático, o utilitário, até o psíquico, o afetivo, o relacional, o cultural, o inconsciente, o pré-reflexivo, o arquetípico, o teleológico,

até o seu caráter sagrado. Todos esses elementos podem estar sinteticamente contidos num único símbolo, numa única aparição, como o *coelhinho depelado* de MLTP.

15. Levantou-se, assim, a suposição de que ocorre no Rorschach processo semelhante ao que acontece nos sonhos, fenômeno que sintetiza, no seu simbolismo, situações diversas e até divergentes captando-lhe o significado de totalidade ao conciliar paradoxos, elementos díspares e contraditórios, alçando, assim, níveis de entendimento ou compreensibilidade que transcende o lógico formal, e que, por isso mesmo, é capaz de apreender a totalidade da vivência. A estrutura do vivido perpassa o lógico formal, sem contudo se prender a esta sub- estrutura, pois a explicação lógica alcança um certo nível de compreensibilidade, mas não alcança dimensões paradoxais do modo de existir humano, com eventos simultâneos incompatíveis no tempo e no espaço, que exigem necessariamente a construção de símbolos não redutíveis à linguagem verbal, mas que cumprem sua função inerente aos interesses da totalidade do organismo. A explicação, e mesmo a descrição, reduz o fenômeno vivido , prendendo-o num entendimento ou num conceito , que tem sua utilidade prática, mas que deve ser situado estritamente dentro da altura do percurso que se atingiu, e não como todo o percurso finalizado. No trajeto seguinte, o fenômeno vivido exige a expansão ou reconfiguração da compreensibilidade do seu sentido. Com certeza, é isso que, referindo-se ao âmbito da existência, quis dizer Merleau-Ponty com a expressão “uma filosofia do inacabamento”

16. Daí a opção por ir além das categorias nosológicas, tentando-se uma tarefa de superação de uma limitação prática, intensamente sofrida por essa Pesquisadora e pelos praticantes do diagnóstico psicológico e psiquiátrico em geral, como se pode

constatar na literatura específica. Poder-se-ia dizer que reduzir a experiência humana a um “quadro nosológico” resulta, quase sempre, num obscurecimento maior que a clareza diagnóstica pretendida. Esse intento foi abandonado de forma intencional neste trabalho que, ao se propor examinar com rigor o movimento das vivências de uma pessoa, se deparou com o incontrolável, com o incontornável, com a provisoriedade do sentido...e mais com o alcance limitado do sentido capturado, mesmo sendo ele uma estrutura existencial permanente na vida da pessoa. O fato de que essa estrutura seja permanente, não altera o *ethos* fundamental: ela continua sendo simplesmente o que pôde ser visto pelos nossos métodos de acesso. As possibilidades de interpretação deste Teste, serão todas válidas, se forem consideradas como parciais, porque constituem-se em sistemas unidimensionais de interpretação. E acredita-se que, mesmo se com outros modelos metodológicos forem utilizados, ainda assim, restaria o insondável...pois aquilo que é revelado, oculta (ou produz?!) o mistério, o incógnito, que então passa a ser “existente”, desafiando a razão humana a capturá-lo.

17. “O fascínio com o novo é intrínseco à natureza humana”, afirma Ubiratan D’Ambrósio, doutor em Matemática e pesquisador do Holismo. Dessa tarefa a razão nunca desiste, fascinada que é, por aquilo que ela ainda não é, e que desde o iluminismo busca agregar a seu ser... visando ela mesma a sua totalização, enquanto estrutura diferenciada. O desafio aparece como eterno, dimensão que a razão consegue vislumbrar quando atinge sua iluminação como consciência holística. O eterno desafio da vida, e em especial da existência humana, como um “decifra-me ou devoro-te” dirigido de forma provocativa à razão do homem, instiga-a à incansável, insistente e titânica tarefa de compreender a natureza do próprio espírito. Consciente disso, não se acalenta, neste trabalho, a ilusão de ter-se elucidado o ser de MLTP

com a hermenêutica fenomenológica do sentido, utilizando-se da descrição das vivências, da Gravidez como princípio explicativo da organização e do referencial arquetípico atribuído ao Teste de Rorschach. Sabe-se que outras possibilidades interpretativas existem.

Mas se está também perfeitamente consciente de que, nesse percurso, foram exploradas dimensões da realidade psíquica de forma original, dando visibilidade a novas e promissoras possibilidades de acesso a níveis do vivido, presentes mas ainda não captados, simbolizados no teste de Rorschach.

18. Teve-se também a aguda impressão de que o próprio símbolo usado, é ele mesmo, construtor do psiquismo, de conteúdos psíquicos novos, sob a jurisprudência da sua configuração eliciadora de novas constelações experienciais ao ser apresentado à consciência intencional como objeto da percepção. Isso quer dizer que o modo como as coisas da vida se configuram não mostra apenas a problemática da situação, o *déficit* que a configuração aponta, sob o efeito de atuações indevidas, mas indica no seu jeito mesmo de estar sendo, a direção que deve tomar para a sua melhor resolução ou resolução necessária. Daí a utilidade da descrição rigorosa. Aqui, o termo *resolução* não é utilizado significando a etapa final do processo de vivência, mas simplesmente a fase seguinte de sua dinâmica evolutiva em direção ao crescimento, isto é, atraída irresistivelmente pela totalização.

19. Outra constatação desta Pesquisadora foi a de miríades de possibilidades de emergência do vivido da Examinanda, especialmente o testemunho da transmutação

desse vivido no aqui e agora do seu acessar, da evolução, sob o princípio da Pregnância, para uma forma mais eficiente isto é, para uma estruturação perceptual mais consciente da questão existencial que era invocada. É sumamente interessante verificar que o acesso ao sentido vai mudando a vivência numa construção ininterrupta, sugerindo a espantosa dedução de que a linguagem (o *logos?*) é também criadora do ser.

20. Viu-se, na introdução teórica desse trabalho, que a *relação partes-todo* é a estrutura do ser gestáltico, embora não se apresente o mesmo estado de integração em todas as realidades fenomênicas. Dentre estas, estabeleceu-se que as realidades psíquicas ou do espírito, são as que apresentam o mais elevado grau de integração de suas partes entre si e com o todo. Esta descoberta da Gestalteoria, coloca, na opinião da autora, a existência humana completamente inserida num contexto de interexistência. A consciência do homem de si mesmo, situado numa rede de interinfluências humanas, inclusive históricas, exige, ademais, a inclusão da *anterioridade* do Outro perante o Eu, levando a um corolário de caráter duplamente ético: primeiro, o de que essa interdependência impossibilita atender aos próprios interesses às expensas do outro, seja ele humano ou natureza, sem alguma forma de prejuízo pessoal; segundo, que o individualismo é uma deformação ideológica oriunda de um equívoco epistêmico que separou as coisas da natureza em mônadas auto-suficientes como um sistema fechado, de caráter “absoluto”, pensamento que contraria o que se pode constatar com uma observação apurada da vida individual de qualquer existente. Como afirma a filosofia da Gestalt, “o que se denomina ‘substância’ não corresponde senão a um *estágio específico* de um processo de organização das forças naturais, estágio no qual o processo se revela como uma entidade fenomênica estável e permanente” (p. 4 da Apresentação desta dissertação).

21. Ao mesmo tempo, considerar o fenômeno da Gravidez como fator organizador do processo gestáltico, significa que a realidade fenomênica ao fechar-se na melhor estruturação possível, obviamente se individualiza. Tal constatação experimental da Gestalteoria, contempla, pois, também a individualidade, a singularidade do existente, que manifesta sua mais eloqüente expressão na pessoa humana. Individualidade e totalidade não se confundem, simplesmente se acham integradas e a serviço. A totalidade viva não o seria se fosse indiferenciada. Ela é justamente uma totalidade viva e dinâmica pela interação funcional de suas partes altamente especializadas.

Na esfera social essa relação de interdependência funcional também se dá. O fato de a sociedade nem sempre atender aos interesses do indivíduo não quer dizer que ela não é uma *gestalt* com partes relacionadas interfuncionalmente. Significa apenas que “a melhor forma possível que ela está tomando” nas condições presentes do campo, não é a forma mais adequada à sobrevivência humana mais desejável ou compensadora. O fato de não estar atendendo a necessidades fundamentais do ser humano, não desmente o princípio gestalista de formação pregnante da realidade de qualquer natureza. Mas este princípio não garante que a estrutura que se forma vá atender aos interesses comunitários, do indivíduo ou do grupo em geral. Daí o empenho de filósofos e cientistas sociais em identificar os elementos ou forças atuantes no campo social que têm peso gerador da estruturação insatisfatória ou infelicitante presente. Talvez a ideologia individualista seja um elemento relevante nessa estruturação. Enfim, a questão da inter-dependência humana também traz a clareza de que a pessoa se vê assim conectada a redes sociais com as quais deve entrar em acordo para sobreviver e que muitas vezes limitam a expressão de si mesma. Assim, a estrutura de enfrentamento da Examinanda se mostra como uma

construção necessária ou, usando um conceito gestáltico, como um *ajustamento criativo* dentro do seu contexto espaço-temporal.

22. Outra dimensão decorrente dessa hermenêutica, foi a descoberta de que anterior à consciência reflexiva, o vivido ou o pré-reflexivo já atua de forma *consciente*, elaborando um sentido do mundo, ou melhor, um *mundo com sentido*. Com certeza essa descoberta não é nenhuma novidade teórica, porém, dizer isso teoricamente, não traz a mesma força de convencimento que esta Pesquisadora deseja registrar, oriunda da sua reflexão sobre uma situação empírica vivida e testemunhada. A questão que provocou a reflexão da Pesquisadora foi a *anterioridade* da emergência da simbologia usada pela Examinanda, que precedia qualquer entendimento racional que pudesse ter determinado ou atuado na sua construção. Um imediato simbólico é construído sem que a consciência tenha a menor noção do seu significado, e no entanto, o símbolo, representa sempre uma experiência vivida pelo sujeito – e, com frequência, também pela humanidade –, não sendo jamais, em qualquer dos seus detalhes por menor que sejam, gerado de forma arbitrária, isento de sentido ou de funcionalidade. É muito impressionante perceber como a simbologia rorschach vai sendo construída em níveis progressivos de significação, obedecendo à *Pregnância* num curso de crescente de clareza, de um a outro cartão, sem nenhuma determinação racional ou consciente, numa estrutura inteiramente pré-reflexiva, impulsionada por um irresistível deslumbramento pela auto-construção, meta que parece representar o princípio mobilizador supremo do organismo!

23. O Teste de Rorschach facilita esta descarga emocional promotora de ressignificações porque mobiliza o pré-reflexivo, no qual parece ainda não existir a

noção de sujeito, de modo que a experiência é espontânea e genuína, estado livre da dimensão de censura que o nascimento do Eu ou do vivente como Sujeito provoca. Esta censura vinda da estrutura do Eu ou da consciência do experienciador como sujeito da experiência, impede com frequência o fluxo de energia emocional ou catarse, pois certas emoções direcionadas a determinadas pessoas são fortemente censuradas pelo Eu consciente. Assim, essa censura acaba impedindo o fechamento da gestalt que mobiliza energia e cuja mobilização exige uma ação finalizadora. A energia às vezes nem é mobilizada, já é interrompida ficando o Eu apático ou indiferente ao evento vivido; quando a energia é mobilizada e interrompida, não permite a ressignificação da vivência ou da representação que a vivência originou no psiquismo consciente. Isso sugere que o teste de Rorschach torna-se privilegiado como instrumento terapêutico nas mãos de um profissional que assumir a mesma postura não judicativa das dimensões vividas no pré-reflexivo, mas ao mesmo tempo trazendo-as para a consciência do examinando, através da leitura dos símbolos elaborados em relação dialogal com o sujeito. Note-se assim, que esta Pesquisadora vê o processo acontecendo no aqui e agora do prova Rorschach e não apenas a expressão do que já havia antes como estrutura da personalidade.

24. Há fortes indicações de que, entre as condições facilitadoras da liberdade experiencial da Examinanda, o modelo dialógico e compreensivo de investigação parece ter desenhado um papel extremamente relevante. O exercício desse modelo (ou da relação dialógica), transcende a mera interpretação ou hermenêutica do caso. Consistiu na escuta atenta e comprometida da Pesquisadora como pessoa nessa relação. Esta escuta foi facilitadora não só do acesso à significação, mas do processo de significar e ressignificar não apenas durante a descrição das vivências, como

durante a própria leitura arquetípica, que foi realizada, utilizando-se da confirmação mútua entre Pesquisadora e Examinanda. Para manter um genuíno diálogo, foi preciso evitar que os conceitos e os pressupostos teóricos se interpusessem entre a escuta das vivências e da auto-percepção da Examinanda, cuidando de não submeter as experiências aos determinismos dos arquétipos, mas fundamentalmente dando lugar para o inesperado.

A Pesquisadora procurou, enfim, com o exercício da relação dialógica, manter um tipo de interlocução que fosse favorável à passagem da mera percepção dos estímulos às suas diversas e simultâneas significações, tanto arquetípicas como pessoais.

25. Finalmente, todas estas reflexões e achados sugerem fortemente a possibilidade de ampliação do uso do Teste de sua função diagnóstica para aplicabilidades terapêuticas, ainda não exploradas.

Esse trajeto, em agonia e êxtase, em busca do sentido ou da totalidade do ser da protagonista, é o que foi descrito nessa experiência exploratória de caráter inteiramente dual. O sentido acessado apresenta-se investido de uma energia de ação que parece ter direcionado e estar direcionando suas atitudes e comportamento no cotidiano da sua existência: *a afirmação da dignidade ontológica do feminino*. Pode-se opinar (e talvez prever) que a causa da feminilidade será defendida por essa pessoa em todas as situações da vida nas quais seja mobilizada a questão de discriminação do gênero, que sua maternagem será acolhida com o júbilo de uma ventura sagrada e que suas angústias ante a violência no âmbito privado e no mundo social, parecem desvelar a compaixão e o sofrimento de um genuíno espírito ecológico, identificado

com todas as formas de vida, que é e continuará sendo mobilizador do seu cuidado - obsessivo? – no encontro com o humano e com todos os viventes na trajetória de sua existência.

Finalizando....

Fenômeno é aquilo que se mostra por si mesmo à consciência. Mas isso não significa que ele mostre seu todo. Por isso é necessário ir-se desvelando, através da descrição rigorosa e da tarefa hermenêutica, os sentidos ocultos, todavia já indicados pelo que é revelado naquilo que aparece. Essa prescrição é inteiramente diferente da iniciativa de procurar conhecer o fenômeno por outras vias que não seja ele mesmo.

A ingenuidade, supostamente “fenomenológica”, consistiria em pensar que, ao deparar-se com o fenômeno que a ordem epistêmica afirma como o *mostrar-se por si mesmo*, este se exhibirá, transparente, à consciência intencional, bastando a esta, por sua vez, olhar *a coisa mesma*, sem *aprioris* para lhe captar a significação possível. Esquece-se, assim, do outro princípio fenomenológico que afirma que as possibilidades de apreensão do objeto são ilimitadas, cada uma dependendo da perspectivação na qual se dá o exame ou a investigação. Estas experiências de incompletude de toda investigação, constroem forçosamente o investigador à idéia de que o real está sempre e freneticamente visando a totalidade que, de resto, nunca é alcançada. A sentença “a realidade não pode ser capturada, ela apenas pode ser descrita”<sup>1</sup> não significa um ceticismo na possibilidade de captação de significados; quer enfatizar somente que, na descrição, as várias faces do real ou do fenomênico, vão aparecendo e sendo incluídas na face seguinte, formando uma gestalt mais ampla e mais totalizada, porém, nunca consolidada, isto é, jamais atingindo a totalidade

O objetivo deste trabalho foi tornar compreensível o objeto de estudo- as vivências provocadas pelos estímulos arquetípicos do Rorschach – Para isso, evitou-

se tanto as categorias nosológicas como aquelas de qualquer sistema explicativo da estruturação da personalidade.

Esta exclusão deveu-se ao cuidado da utilização de uma linguagem submissa àquilo que se mostra, sem a interferência das concepções de nenhuma especialidade.

O que se visou foi revelar, descobrir e esclarecer qual o significado mais profundo que está oculto, não-manifesto diretamente no texto elaborado pelo sujeito ante a exposição aos estímulos. A tese dos arquétipos lançou profunda luz na interpretação do texto – denominando-se *texto* tanto a construção de suas respostas, como as suas vivências imediatas, sua auto-compreensão e seu relato histórico. Pareceu, contudo, que o que se fez mais exigente ao exercício da investigação, foi a *abertura à experiência do outro*, a disposição de deixar que este outro diga alguma coisa por si mesmo, a recepção da sua alteridade durante todo o trajeto da prova. Esse procedimento “metodológico” permitiu à Pesquisadora articular as proposições arquetípicas com as vivências imediatas e históricas que emergiam ante a percepção dos estímulos ambíguos, num processo simultâneo de diálogo e descoberta, de investigação e construção recíproca. Para exemplificar, pode-se recorrer à imagem *crística* da Prancha V identificada por McCully, que surgiu como um referencial necessário e fundamental para a compreensão do sentido dos persistentes sentimentos de culpa da Examinanda. Estes nunca se referiam a algo antecedente, mas a uma transgressão que não cometera, como foi visto: a culpa de não perdoar as ofensas, de “apedrejar o pecador”, de não estar sendo, assim como Cristo, *sempre perdão*. Viu-se que o dado, o fenomênico não é auto-explicativo, a vivência é de culpa, mas onde ela está inserida? Que totalidade maior pode lhe dar o significado não apreendido no mero empírico? Tudo indica ser essa totalidade a identidade do seu *self* com a ética da cristandade, um *self crístico*, pode-se dizer. Acredita-se assim, que a interpretação

foi inserida num contexto maior de caráter existencial, não limitada pelas categorias nosológicas ou de personalidade referidas acima<sup>1</sup>.

Nem por isso, teve-se a pretensão de esgotar o entendimento mesmo dessa única vivência. A busca incansável de sentido que moveu este trabalho, deixou a Pesquisadora visceralmente convencida de que as experiências vividas em suas diferentes e simultâneas dimensões, ultrapassam fundamentalmente aquilo que é pesquisável.

<sup>1</sup> “Aula da Saudade” dada pela autora dessa dissertação aos formandos em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, durante a, em 2005

## PARTE 7

### Considerações Finais

*“Destarte, a compreensão é ligada ao contexto vital do existente humano e o ato de compreender é uma realidade existencial. A interpretação não é uma questão de método. É, sim, uma questão relativa à existência do intérprete.” ( Hans Georg Gadamer, in Verdade e Método)*

Quero esclarecer inicialmente que, estimulada pelos componentes da Banca, posso permitir-me, por fim, falar numa linguagem pessoal. Então vamos lá.

O meu objetivo inicial deste trabalho foi conhecer a estrutura e o significado profundo, não aparente, das vivências de MLTP por meio do método descritivo seguido da hermenêutica dialogal. E, de posse desses dados, verificar se eles tinham relação de sentido com a tese dos arquétipos descobertos por Jung e pesquisados por McCully e Petrelli. Foi-se fazendo necessário, à medida que a investigação prosseguia, um princípio explicativo do processo vivencial em evolução ou em configuração de estruturas mais abrangentes e mais esclarecedoras. Este princípio foi a *Lei da Pregnância*, da Gestalteoria.

Percebi que a leitura hermenêutica teria que ser feita em espiral, e não linear como tinha me proposto originalmente. O significado inerente às vivências foram elucidados pela tese dos arquétipos assim como o significado captado pela hermenêutica dialogal adaptava os conceitos arquetípicos à experiência singular da Examinanda, e, às vezes até os descartava. O princípio da Pregnância mostrou para mim, claramente, a direção das respostas apontando para o futuro ou, em outros termos, para a resolução da gestalt.

É sabido que a linguagem do Teste de Rorschach é simbólica. Mas não bastava.

Com a emergência simbólica espontânea, não dirigida, fui descobrindo que o símbolo (não só no Rorschach) é uma formação pré-reflexiva, a ação de uma consciência pré-predicativa, anterior à distinção sujeito-objeto. Desse modo, o símbolo não é auto-evidente, resultando daí a utilidade da tese dos arquétipos e da *Lei da Pregnância* para dar conta da totalidade da vivência que o simbolismo comportava.

A evidência da simultaneidade vivencial contida no símbolo, me levou à visão de que é a dimensão racional que divide, categoriza e classifica a realidade vivida. A primeira divisão é entre sujeito e objeto; outra divisão da realidade é em espaço e tempo lineares. Estas categorias não existem na nossa existência pré-reflexiva ou pré-predicativa. Por isso, a necessidade arcana do espírito humano de criar símbolos que representem a totalidade da experiência anterior à linguagem verbal. A consciência racional, feita de linguagem, não dá conta das vivências simultâneas e logicamente incompatíveis no espaço e no tempo, naturais da dimensão pré-reflexiva da vida. Aprende-se até a saturação, usando processos cognitivos, a lei da física de que dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo. E a tendência num contexto civilizatório positivista e materialista é aplicar-se essa lei genericamente a toda realidade vivida.

Assim, o material do Rorschach, sendo ambíguo, logo não racional, possibilita o acesso à consciência pré-reflexiva, formulando um simbólico espontâneo que, dessa forma comporta significações de *níveis diversos* de vivência ou de realidade psíquica, que a linguagem verbal não tem acesso, senão parcialmente, através da leitura dos símbolos.

Contudo, algumas dimensões pré-reflexivas embutidas no simbólico podem se tornar reflexivas, processo denominado de *awareness* pela teoria da Gestalt-terapia.

Este processo foi realizado pela Examinanda em diversas ocasiões durante a exposição aos estímulos, sob a hermenêutica dialogal. Tive indicações da Examinanda e por observação própria de que este modelo dialogal de pesquisa forneceu mais chances para que ela simbolizasse o pré-reflexivo na linguagem verbal tornando-se, portanto, mais consciente do próprio processo.

Em outras palavras, a afirmação anterior significa que um elemento do campo *presumido* como fundamental para a organização da *gestalt existencial*, estruturar-se em níveis cada vez mais completos, equilibrados e conscientes, foi a presença da *relação dialógica* entre Examinadora e Examinanda, que possibilitou a esta última mobilizar a energia retida, redirecionando-a para a ação. Esta ação foi concretizada, no presente caso, na modalidade da fala energizada e emocionada da protagonista, da qual participava toda a sua corporalidade.

Acredito que pude constatar que temos uma dimensão não consciente vivida de forma *simultânea* ao consciente. Não se trata de um inconsciente substancial, localizado topicamente, nem referido a um tempo qualquer presente ou passado. É a dimensão não consciente ou pré-reflexiva da vivência que acontece *simultaneamente* à dimensão consciente ou refletida. A visão aqui é de que não são conteúdos acumulados no inconsciente, mas processos que estão sendo vividos e não captados pelo racional, ou seja, pela linguagem verbal. A diferença fundamental do inconsciente freudiano é que este inconsciente ou pré-reflexivo, ante-categorial, *não é determinante* do comportamento consciente. Ele *faz parte* do *não visível* do comportamento. Trata-se de uma totalidade, cuja *face observável* é o comportamento ou atitudes do sujeito humano. Esta dimensão inconsciente não foi vista, pois, como uma instância dinâmica que determina o comportamento (comportamento está sendo usado aqui em sentido genérico: ações, sentimentos, atitudes, emoções, pensamentos,

toda vida psíquica captada pela consciência racional). A diferença essencial é esta: a idéia abolida da determinação causal do inconsciente dinâmico.

Essa *tese de simultaneidade* permite entender porque por meio do fenomênico, do visível (do audível, do tocável, etc), pode-se chegar ao pré-reflexivo ou não consciente. E mais ainda, assegura a credibilidade do *método descritivo* daquilo que aparece, como via de acesso à dimensão não aparente do fenomênico. Porque é a mesma realidade. O que quero enfatizar é que a face observável não é a única, como parece acreditar o pensamento empirista. Todo fenomênico é uma *gestalt* cuja face aparente é a mais acessível ao método experimental e aos instrumentos de medida criados por ele.

Assim, se modifica o conceito de causalidade que deixa de ser linear para ser gestáltico, isto é, partes de um todo em relações inter-funcionais. É uma idéia mais democrática.

Mais do que acessar os níveis diversos de significação da existência presente de MLTP, esta empreitada trouxe para a Pesquisadora a visão emocionada da fenomenologia do espírito humano e do espírito das coisas.

Conclui-se, com um humor esperançoso, que a natureza funciona em cooperação. Esta é a sua lei. Cada entidade tem diferentes funções, mais ou menos vitais para o todo, mas sempre exigindo cooperação entre si para a sobrevivência e harmonia do dinamismo incontrolável do ser em busca da totalidade. Uma coisa não determina a outra. Elas se criam.

Talvez a consciência humana mercadológica possa ser iluminada por este *insight*.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Adrados, I. (2000). *Teoria e Prática do Teste de Rorschach*. Petrópolis: Vozes.
- Andronikof, A. (2002). *El tipo vivencial: piedra angular del edificio de Rorschach*. *Psicodiagnosticar*, vol. 12, 13-20. Revista da ADEIP – Asociacion Argentina de estudio y investigacion em psicodiagnostico.
- Anzieu, D. (1961/1979). *Os Métodos Projetivos*. (M. L. do Eirado Silva, trad.) Rio de Janeiro: Campus.
- Bash, K. W. (1964/1967). *Herman Rorschach: Obras Menores e Inéditas* (A. G. Miralles, trad.). Madrid/ Espanha: Morata.
- Bohm, E. (1968). *Manual del Psicodiagnostico de Rorschach* (versão espanhola de Dr. Agustín Serrate). Madrid: Ediciones Morata.
- Donzelli, T. (1980): *O Gestaltismo-ensaio sobre uma filosofia da forma*. Rio de Janeiro: Antares.
- Ellenberger, H. *Vida y Obra de Hermann Rorschach (1884-1922)*. In Bash, K. W. *Hermann Rorschach: Obras Menores e Inéditas* (1954/ 1967). Trad A. G. Miralles. Madrid / Espanha: Morata, pp. 25-103.
- Engelmann, A. (2002). A psicologia da gestalt e a ciência empírica contemporânea. *Psic. Teor. e Pesq.*, Abr 2002, vol.18, no.1, p.1-16.
- Freitas, M. H. (2005). As Origens do Método de Rorschach e Seus Fundamentos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, nº 1, ano 25, pp. 100-117.
- Grof, Stanislav& Grof, Cristina (1990) *A tempestuosa busca do ser*. Trad. Fátima Regina Machado. São Paulo: Cultrix
- Gomes, W. B. (1987). As aplicações Sociais da Pesquisa Qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.2, n.1/2, pp. 3-14.
- Holanda, A. B. de (1986). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª

- Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Koffka, K. (1975). *Princípios de Psicologia da Gestalt*. Trad. De Álvaro Cabral. São Paulo: Ed Cultrix.
- Lexikon, H. (1978/1997). *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Cultrix.
- Lousã Neto, M.R. Motta, Thelma da.Wang, Yuan-Pang & Elkis, Hélio (1995, orgs.) *Psiquiatria básica*. Porto Alegre: Artes Médias.
- Martins, J. & Dichtchekenian, M. F. S. F. B. (1984). *Temas fundamentais de fenomenologia*. São Paulo: Editora Moraes.
- McCully, R. S. (1979). *Rorschach - Teoria e Simbolismo: uma abordagem junguiana*. Trad. Vera Lúcia Baptista de Souza. Belo Horizonte: Interlivros.
- Moacanin, R. (1999). *A psicologia de Jung e o Budismo tibetano: caminhos ocidentais e orientais para o coração*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento.
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Pelegri, M. R. F. (2003). O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, mar. 2003, nº1, p.38-41.
- Perls, F. S. (1973/1977). *A abordagem gestáltica e a testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Petrelli, R. (2005). *Psicodiagnóstico Rorschach*. Goiânia, manuscrito não publicado.
- Rorschach, H. (1921/1974). *Psicodiagnóstico*. Trad. M. S. V. Amaral. São Paulo: Mestre Jou.
- Rosset, C. (2000). *Alegria: a força maior*. Trad. de Eloísa A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumaré.
- Silva Junior, N. & Ferraz, F. C. (2001). In *O psicodiagnóstico entre as incompatibilidades de seus instrumentos e as promessas de uma metodologia*

*psicopatológica*. Instituto *Sedes Sapientiae*/ Psicol. USP v.12, n.1, São Paulo.

Whitmont, E. C. (1969/2006). *A busca do símbolo*. Trad. Eliane Fitipaldi Pereira e Kátia Maria Orberg. São Paulo: Cultrix.